

**PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO (PPC) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO
SUL DA BAHIA**

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
Som, Imagem e Movimento**

**Porto Seguro
2017**

Reitora da UFSB

Prof. Dra. Joana Guimarães

Pró-Reitor de Gestão Acadêmica

Profa. Dra. Janaina Zito Losada

Decano do Centro de Formação em Artes

Prof. Dr. Alemar Silva Araújo Rena

Coordenação *Pro Tempore* do Curso

Prof. Dr. Augustin de Tugny

Colegiado *Pro Tempore* do SIM / Som Imagem e Movimento

Prof. Dr. Alemar Rena
Prof. Dr. André Domingues
Prof. Dr. Augustin de Tugny
Prof. Ms. Felipe de Paula
Prof. Dr. Rodrigo Barreto
Prof. Dr. Spensy Pimentel
Prof. Dr. Sérgio Cerqueda

Equipe de Trabalho

Prof. Dr. Alemar Silva Araújo Rena (coordenador)
Prof. Dr. Alexandre Siqueira
Prof. Dr. André Domingues (vice-coordenador)
Prof. Dr. Augustin de Tugny
Prof. Dr. Spensy Pimentel
Prof. Dr. Rodrigo Barreto
Prof. Dr. Sérgio Cerqueda

Colaboradores

Prof. Dr. Daniel Puig
Profa. Dra. Eloisa Domenici
Prof. Ms. Felipe de Paula
Profa. Dra. Fernanda Lunkes
Profa. Dra. Gilca Seidinger
Profa. Dra. Laura Castro

SUMÁRIO

- 1. DADOS DA INSTITUIÇÃO**
- 2. IDENTIFICAÇÃO DO CURSO**
- 3. BASES LEGAIS DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO**
- 4. CONTEXTO E JUSTIFICATIVA**
- 5. PRINCÍPIOS E ORGANIZAÇÃO INSTITUCIONAL**
- 6. POLÍTICAS INSTITUCIONAIS NO ÂMBITO DO CURSO**
- 7. PERFIL DO CURSO**
 - 7.1 Fundamentação teórica
 - 7.2 Objetivos do curso
 - 7.2.1 Objetivo Geral
 - 7.2.2 Objetivos Específicos
- 8. PERFIL DO EGRESSO E MATRIZ DE COMPETÊNCIAS**
- 9. ARQUITETURA CURRICULAR**
 - 9.1 Formação Geral
 - 9.2 Formação Específica
 - 9.3 Área de Concentração
 - 9.4 Matriz Curricular
 - 9.5 Representação Gráfica de um Perfil de Formação
- 10. PROPOSTA PEDAGÓGICA**
 - 10.1 Compromisso de Aprendizagem Significativa
 - 10.2 Sistema Integrado de Aprendizagem Compartilhada
- 11 ATIVIDADES COMPLEMENTARES**
- 12 ESTÁGIO CURRICULAR**
- 13 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**
- 14. SISTEMA DE CREDITAÇÃO**
- 15. ACESSIBILIDADE E DIVERSIDADE**
 - 15.1 Acessibilidade e Diversidade
 - 15.2 Forma de Acesso ao Curso
 - 15.3 Mobilidade e Aproveitamento de Estudos
- 16. REGIME DE MATRÍCULA E INSCRIÇÕES EM CCs**
- 17 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**
- 18 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DE CURSO**
- 19. GESTÃO DO CURSO**
 - 19.1 Corpo Docente
 - 19.2 Colegiado do Curso
 - 19.3 Núcleo Docente Estruturante (NDE)
- 20. INFRAESTRUTURA**
 - 20.1 Infraestrutura Física
 - 20.2 Infraestrutura Acadêmica
 - 20.2.1 Recursos Tecnológicos
 - 20.2.2 Acervo Bibliográfico
 - 20.2.3 Comitê de Ética em Pesquisa
- 21. EMENTÁRIO**
 - 21.1 Componentes Curriculares Ofertados pelo BI e LI em Artes (Primeiro Ciclo)
 - 21.1.1 Componentes Curriculares Obrigatórios
 - 21.1.2 Componentes Curriculares Optativos
 - 21.2 Componentes Curriculares Ofertados pelo SIM (Segundo Ciclo)
 - 21.2.1 Componentes Curriculares Obrigatórios
 - 21.2.2 Componentes Curriculares Optativos
- 22. REFERÊNCIAS**
- 23. ANEXOS**

1 DADOS DA INSTITUIÇÃO

IES: Universidade Federal do Sul da Bahia

Sigla: UFSB

CNPJ: 18.560.547/000107

Categoria Administrativa: Pública Federal

Organização Acadêmica: Universidade

Lei de Criação: Lei 12.818, de 05 de junho de 2013

Endereço do sítio: <http://www.ufsb.edu.br>

Para operação institucional da oferta diversificada dos cursos em Regime de Ciclos, a estrutura institucional da UFSB compreende três esferas de organização, respeitando a ampla cobertura regional da instituição, com a seguinte distribuição de unidades acadêmicas:

Campus Jorge Amado — Itabuna

Endereço: Rod. Ilhéus-Vitória da Conquista, BR415, km39, Itabuna, BA, CEP: 45600-000

Centro de Formação em Tecnociências e Inovação (CFCTI)

Centro de Formação em Ciências e Tecnologias Agrárias (CFCTA)

Instituto Jorge Amado de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC)

Rede CUNI Litoral Sul [Coaraci, Ibicaraí, Ilhéus e Itabuna]

Campus Sosígenes Costa — Porto Seguro

Endereço: Rodovia Porto Seguro-Eunápolis, BR367, km10, Porto Seguro, BA, CEP: 45810-000

Centro de Formação em Artes (CFAr)

Centro de Formação em Ciências Humanas e Sociais (CFCHS)

Centro de Formação em Ciências Ambientais (CFCAm)

Instituto Sosígenes Costa de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC)

Rede CUNI Costa do Descobrimento [Porto Seguro e Sta. Cruz Cabrália]

Campus Paulo Freire — Teixeira de Freitas

Endereço: Pça. Joana Angélica, 250, Bairro São José, Teixeira de Freitas, BA, CEP: 45996-115

Centro de Formação em Saúde (CFS)

Instituto Paulo Freire de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC)

Rede CUNI Extremo Sul [Teixeira de Freitas e Itamaraju]

2 IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

Curso: Bacharelado em Som, Imagem e Movimento

Diplomação: Bacharelado em Som, Imagem e Movimento, com habilitações em Arte e Produção Sonora, Artes Visuais e Audiovisual

Carga horária total do curso: 2580 horas (Arte e Produção Sonora e Artes Visuais) e 2.760 horas (Audiovisual)

Tempo mínimo e máximo para integralização: mínimo 5 quadrimestres, máximo 10 quadrimestres

Estágio: Estágio obrigatório, 180 horas

Turno de oferta: noturno

Número de vagas por turno: 30 vagas

Campus de oferta: CSC/Porto Seguro

3. BASES LEGAIS DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO (PPC)

A oferta do Curso Som, Imagem e Movimento responde ao previsto na **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**, ao determinar que:

“Art. 53. No exercício de sua autonomia, são asseguradas às universidades, sem prejuízo de outras, as seguintes atribuições:

I — criar, organizar e extinguir, em sua sede, cursos e programas de educação superior previstos nesta Lei, obedecendo às normas gerais da União e, quando for o caso, do respectivo sistema de ensino;

II — fixar os currículos dos seus cursos e programas, observadas as diretrizes gerais pertinentes”.

O presente PPC responde assim ao previsto na Resolução nº 04/2017 da UFSB que dispõe sobre os procedimentos para a criação de cursos no âmbito da Universidade. Dentro desta perspectiva, o Decanato do Centro de Formação em Artes publicou ainda as Portarias 003/2017 (Renovar composição da Comissão para Elaboração do PPC do curso de segundo ciclo SIM / Som, Imagem e Movimento) e 004/2017 (Instituir Colegiado *pro tempore* do curso de segundo ciclo SIM / Som, Imagem e Movimento).

Por seu caráter único no panorama universitário brasileiro, a proposição do curso SIM, com habilitações em Arte e Produção Sonora, Artes Visuais e Audiovisual, considera, para fins das diferentes possibilidades de integralização curricular, as orientações e apontamentos presentes:

a) na Resolução CNE/CES n. 10, de 27 de junho de 2006, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação de Cinema e Audiovisual e dá outras providências;

b) na Resolução n. 1, de 16 de janeiro de 2009, que aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais e dá outras providências;

c) na Resolução n. 2, de 8 de março de 2004, que aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Música e dá outras providências.

Além disso, os documentos normativos que regem as informações constantes no projeto pedagógico e para o desenvolvimento das atividades do curso de Bacharelado em Som, Imagem e Movimento completam-se com a legislação abaixo citada:

- Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996 — Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

- Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999 — Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.
- Lei no 10.098 de 19 de dezembro de 2000 — Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.
- Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003 — Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.
- Lei no 11.645, de 10 de março de 2008 — Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".
- Lei no 11.788, de 25 de setembro de 2008 — Dispõe sobre o estágio de estudantes.
- Lei no 12.711, de 29 de agosto de 2012 — Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.
- Decreto n. 4.281, de 25 de junho de 2002 — Regulamenta a Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências.
- Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005 — Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais — Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Superior. Referenciais Orientadores para os Bacharelados Interdisciplinares e Similares. 2010. Disponível em: http://www.ufabc.edu.br/images/stories/comunicacao/bacharelados-interdisciplinares_referenciais-orientadores-novembro_2010-brasilia.pdf
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Resolução nº 1, de 30 de maio de 2012. Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=17810&Itemid=866
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm

- BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. Portaria Normativa nº 40, de 12 de dezembro de 2007. Institui o e-MEC, sistema eletrônico de fluxo de trabalho e gerenciamento de informações relativas aos processos de regulação, avaliação e supervisão da educação superior no sistema federal de educação, e o Cadastro e-MEC de Instituições e Cursos Superiores e consolida disposições sobre indicadores de qualidade, banco de avaliadores (Basis) e o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) e outras disposições. Disponível em: <http://www2.mec.gov.br/sapiens/portarias/port40.pdf>
- BRASIL. Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior. Resolução nº 1, de 17 de junho de 2010. Normatiza o Núcleo Docente Estruturante e dá outras providências. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=6885&Itemid
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 2, de 18 de junho de 2007. Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/rces002_07.pdf

DOCUMENTOS LEGAIS OBRIGATÓRIO PARA TODOS OS CURSOS DE GRADUAÇÃO (com exceção das Diretrizes Curriculares Nacionais e Diretrizes, orientações e/ou normativas do órgão de classe profissional, ambos, relacionados ao curso)

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm

Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) do curso e/ou similares aprovados pelo Conselho Nacional de Educação. (Quando houver)

Diretrizes, orientações e/ou normativas do órgão de classe profissional relacionado ao curso (Conselho, Federação, etc.) (Quando houver);

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Superior. Referenciais Orientadores para os Bacharelados Interdisciplinares e Similares. 2010. Disponível em: http://www.ufabc.edu.br/images/stories/comunicacao/bacharelados-interdisciplinares_referenciais-orientadores-novembro_2010-brasilia.pdf

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Parecer CNE/CES nº 266, de 5 jul. 2011.

Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16418&Itemid=866

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Parecer CNE/CP nº 003, de 10 mar. 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Resolução nº 1, de 30 de maio de 2012. Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=17810&Itemid=866

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais — Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a

Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002. Regulamenta a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4281.htm

BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. Portaria Normativa nº 40, de 12 de dezembro de 2007. Institui o e-MEC, sistema eletrônico de fluxo de trabalho e gerenciamento de informações relativas aos processos de regulação, avaliação e supervisão da educação superior no sistema federal de educação, e o Cadastro e-MEC de Instituições e Cursos Superiores e consolida disposições sobre indicadores de qualidade, banco de avaliadores (Basis) e o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) e outras disposições. Disponível em: <http://www2.mec.gov.br/sapiens/portarias/port40.pdf>

BRASIL. Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior. Resolução nº 1, de 17 de junho de 2010. Normatiza o Núcleo Docente Estruturante e dá outras providências. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=6885&Itemid

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto nº 5.622. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/Decreto/D5622compilado.htm

OBRIGATÓRIO PARA CURSOS DE BACHARELADO (Primeiro e Segundo ciclo)

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 2, de 18 de junho de 2007. Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/rces002_07.pdf

4 CONTEXTO E JUSTIFICATIVA

No cenário da Educação Nacional, de acordo com o INEP e dados do Educacenso 2013, o Estado da Bahia apresenta a maior concentração de docentes atuantes na rede de Educação Básica sem formação em licenciatura, ou complementação pedagógica, ou mesmo sem ensino médio; 58.826 professores atuam na docência sem a primeira licenciatura, 31.758 professores necessitam de complementação pedagógica e 571 de ensino médio. Ao implantar-se em área extensa do Sul da Bahia (cerca de 40.384 km²), compreendendo 48 municípios na costa meridional do Estado da Bahia, abrigando uma população de 1.520.037 (segundo o Censo de 2010), onde maior parte dos municípios é de pequeno porte — apenas o município de Itabuna ultrapassa 200 mil habitantes, e cinco outros (Ilhéus, Teixeira de Freitas, Porto Seguro, Eunápolis e Itamaraju) têm mais de 50 mil habitantes — temos um cenário ainda mais precário, tratando-se de uma região com elevados níveis de desigualdade social, marcados pela ascensão da violência no campo e na cidade, bem como pela precariedade da formação para o trabalho e pela oferta restrita de empregos. Em face dessas carências, justifica-se plenamente a iniciativa de implantar na região uma instituição universitária da rede federal de educação superior, de porte médio e com desenho institucional ajustado a esse contexto de carências e demandas.

A Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) tem uma característica institucional que a torna particularmente singular em relação às novas universidades federais. De modo geral, as universidades criadas a partir do REUNI, constituem desmembramento de outras IFES. Na Bahia, temos, por exemplo, a Universidade Federal do Recôncavo (UFRB) e a Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) que surgiram do desmembramento da Universidade Federal da Bahia (UFBA), tutora de ambas durante o período inicial de reorganização institucional. A UFSB, no entanto, não é fruto do desmembramento da UFBA, embora tenha sido tutorada por esta.

Por se tratar de uma Universidade criada recentemente, iniciou suas atividades com uma Comissão Interinstitucional de Implantação que formulou o documento-base intitulado Plano Orientador que, até o momento, cumpre a função legal de Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), no qual se encontram seu marco conceitual, antecedentes e a análise do contexto de implantação, a arquitetura curricular da formação em ciclos; a estrutura dos Colégios Universitários (CUNI), considerada a maior inovação estrutural-acadêmica da UFSB, seus modelos pedagógicos, organizacional e de gestão. Este Plano Orientador apresenta, em documento anexo, uma Carta de Fundação, que explicita sua razão de ser e, ainda, quatro princípios que presidem todas as ações, atividades, programas e projetos pedagógicos desta universidade: eficiência acadêmica, integração social, compromisso com a educação básica e desenvolvimento regional.

Recentemente, emerge no Brasil o modelo de ciclos de formação com modularidade progressiva. Tal modelo tem como base cursos de formação geral em primeiro ciclo, pré-requisito para formação profissional de graduação, em segundo ciclo, ou para formação em pós-graduação em ciências, humanidades ou artes, no terceiro ciclo. O regime de ciclos abre uma possibilidade real de mudanças na preparação do profissional para o mundo contemporâneo, com a expectativa de fazê-lo participar da

construção de um mundo onde prevaleçam princípios éticos de equidade e solidariedade.

Esse modelo de formação, em regime de ciclos, apresenta-se com forte ênfase no reconhecimento e na valorização dos saberes e práticas tradicionais e populares. Isso permite consolidar uma visão interdisciplinar e solidária durante a formação universitária, para que os egressos possam realizar uma prática mais efetiva construindo uma relação estendida com as situações contextualizadas de atuação em comunidade.

Além disso, o regime de ciclos pode ampliar possibilidades de contato do estudante com tecnologias avançadas de ensino-aprendizagem, promovendo um diálogo qualificado com outros centros de educação e pesquisa, mediante programas metapresenciais de educação continuada, que vêm sendo pouco explorados nas universidades brasileiras, mas que abrem portas para discussão e aprimoramento das práticas em diversos campos do conhecimento.

O processo formativo do primeiro ciclo orienta-se para a formação de cidadãos críticos, socialmente referenciados, capacitados a intervir na realidade a partir de uma perspectiva interdisciplinar e intercultural, mobilizando conhecimentos e atitudes que tornem as experiências vividas no dia a dia da prática artística em estímulos para o aprendizado permanente. Os cursos de segundo ciclo são baseados em estratégias pedagógicas específicas para a promoção de uma formação científica e social, numa dimensão crítica e produtiva, usando os recursos disponíveis e as condições da contemporaneidade, mediante processos orientados por competências, habilidades e conteúdos, em ambientes reais de ensino-aprendizagem e produção em equipe, numa perspectiva colaborativa. Em termos estritamente acadêmicos, o novo modelo proposto de educação em ciclos, corresponde ao desafio de formar profissionais em ciências, humanidades ou artes nas diversas condições da produção contemporânea.

Um dos princípios da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), expresso no Plano Orientador, é a consolidação de “interface sistêmica com a Educação Básica — ao fomentar formação interdisciplinar e flexível de quadros docentes para os níveis médio, fundamental e infantil de ensino.” Para tornar realidade este princípio, esta universidade tem como diretriz a integração estruturante da Educação Superior com a Educação Básica mediante estratégias de articulação interinstitucional. Esse movimento visa superar, por meio de parceria com a Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC) e com a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), enorme e histórica lacuna na formação de professores em todo o Estado, tendo como foco a região Sul da Bahia, território de abrangência desta nova universidade.

A Universidade Federal do Sul da Bahia, institui-se com a missão de produzir e compartilhar conhecimentos, saberes e práticas, formando cidadãos, profissionais e intelectuais dotados de consciência crítica e responsabilidade social. Reafirma, desse modo, seu engajamento com a transformação das realidades econômica, social e política da região, do país e do mundo, na perspectiva de uma cidadania planetária.

A Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), criada em 2013, segue um documento-base formulado por sua Comissão Interinstitucional de Implantação, intitulado Plano Orientador[1], que, até o momento, cumpre a função legal de Plano

de Desenvolvimento Institucional (PDI). Nele, encontram-se seu marco conceitual, antecedentes e a análise do contexto de implantação, a arquitetura curricular da formação em ciclos, além de um documento anexo, a Carta de Fundação, que explicita sua razão de ser e seus quatro princípios basais: eficiência acadêmica, integração social, compromisso com a educação básica e desenvolvimento regional.

O curso Som, Imagem e Movimento e o contexto

É a partir desses princípios gerais da instituição que se constrói a relação do curso de segundo ciclo Som, Imagem e Movimento com o contexto histórico-espacial em que se insere, preenchendo importante lacuna acadêmica no que concerne à formação profissional no campo das Artes na região Sul da Bahia. Trata-se de uma área de abrangência composta de 48 municípios — em sua maioria, de pequeno porte, exceto por Itabuna, que ultrapassa 200 mil habitantes, e Ilhéus, Teixeira de Freitas, Porto Seguro, Eunápolis e Itamaraju, que têm mais de 50 mil habitantes —, ocupando 40.384 km, situada na costa meridional do território baiano, com uma população de 1.520.037 habitantes (dados do Censo 2010).

É uma região de grande riqueza cultural, porém, com indicadores educacionais bastante precários. Cerca de 290 mil estudantes encontram-se matriculados em 1878 estabelecimentos de ensino fundamental e 66 mil estudantes no ensino médio, em 165 escolas públicas, em sua maioria da rede estadual. No âmbito da educação superior, seja em instituições públicas ou particulares, não há opções de estudo na área do SIM em toda a região, restando apenas duas graduações em áreas adjacentes ou mais restritas: Comunicação Social, com habilitação em Rádio e TV, na UESC, e Licenciatura em Música, ainda não iniciada, na UNEB (nos campi de Teixeira de Freitas e Eunápolis). Só bem mais distante, para além de 500 quilômetros de Porto Seguro, há os cursos de Artes Plásticas, Design e Música, da UFBA (Salvador/BA); Cinema e Audiovisual, da UESB (Vitória da Conquista/BA), Artes Visuais e Cinema e Audiovisual, da UFRB (Cachoeira/BA); Música, da UEFS (Feira de Santana/BA); e de Artes Visuais, Artes Plásticas, Design, Comunicação Social — Audiovisual e Música, da UFES (Vitória/ES). Face às carências aqui delineadas, justifica-se plenamente a iniciativa de implantar na região uma graduação em Som, Imagem e Movimento.

A ausência na região de cursos superiores nas áreas de conhecimento abrangidas pelo SIM, por si só, seria razão suficiente para justificar a criação do que aqui se apresenta. Contudo, a proposta do SIM se reveste de importância ainda maior em se considerando o perfil do público atingido e sua relação com as artes abordadas. Primeiro, quanto ao público, nota-se uma singularíssima diversidade sociocultural, formada no trânsito entre o rural, o urbano e o periférico, entre o sudeste e o nordeste do país, entre numerosas comunidades ribeirinhas, quilombolas e indígenas e estruturas indubitavelmente modernas, como as da atividade comercial das cidades de Teixeira de Freitas, Eunápolis e Itabuna, ou do turismo em Porto Seguro, Ilhéus e Itacaré. Essa característica regional faz emergir em profusão manifestações culturais igualmente diversas, indo desde a intensa produção musical e gráfica, mais próximas das modernas estruturas urbanas, até a radicalidade do documentário e do cinema indígena. As instituições culturais do sul da Bahia também são muitas e plurais. No caso específico da cidade-sede do curso, por exemplo, há o Centro de Cultura de

Porto Seguro, a recém-inaugurada unidade do SESC, o sofisticado Anfiteatro Mozarteum e uma série de grandes eventos já consolidados, tais como Arraial Cine Fest, Música em Trancoso, Carnaporto e São João Elétrico.

Contudo, grande parte das manifestações culturais que ocorrem na região de Porto Seguro ainda traz demasiada ênfase no aspecto turístico e mercadológico, muitas vezes deixando em último plano um compromisso com o desenvolvimento do campo das Artes em si, seja no âmbito de uma sensibilização ou (in)formação cultural da população local, seja no âmbito da promoção de debates, reflexões e atividades que no longo prazo podem enriquecer a cultura regional, diversificar o campo de práticas estéticas e gerar ainda mais espaços e eventos de fruição artística. Os cursos de Artes da UFSB — e aqui incluímos o SIM — devem, deste modo, assumir com a cultura artística de Porto Seguro e região um compromisso que, não sendo indiferente às demandas e às características de um mercado particular, busque contribuir para fomentar políticas e ocorrências artístico-culturais atentas ao desenvolvimento humano, ambiental e político e geradoras de diversidade e respeito às riquezas simbólicas das diversas minorias — econômicas, religiosas ou étnicas — que habitam esse território.

Esse compromisso, que ao mesmo tempo reconhece a potência da efervescência cultural regional e a necessidade de proteção à diversidade e fomento das práticas, deve-se somar à opção inclusiva da UFSB, com um abrangente sistema de 75% de cotas para os cursos de segundo ciclo que busca espelhar a diversidade das ruas, seja étnico-racial, seja socioeconômica, o que a situa, definitivamente, num espaço diferente do dos grupos social, cultural e economicamente hegemônicos no Brasil. Esse perfil está intimamente relacionado com a nossa opção pelas artes do som, da imagem e da imagem em movimento, não só porque estas têm mobilizado enormemente a juventude em questão, mas também porque constituem um campo fundamental de luta pela autonomia cultural e política nas Américas, conforme nota Gruzinsky[2], ao identificar no uso massivo das imagens um ardiloso instrumento da moderna dominação dos povos nativos e diaspóricos. Tal uso, porém, não se constitui univocamente e “de cima para baixo”, como nas famosas análises de Adorno e Horkheimer[3], na medida em que, além de servir aos propósitos dominantes de uma indústria cultural global, também é taticamente apropriado e empregado por uma ação comunicativa em rede, eminentemente popular, situada nos lugares marginalizados pela globalização, conforme argumenta Santos[4]. Em caminho semelhante, Martín-Barbero observa que o protagonismo cultural dos meios tecnológicos de comunicação na América Latina não se restringiu à dominação, comportando, contrariamente, uma relevante carga de resistência que transparece, mesmo nos veículos dominantes, “um resto não simulável, não digerível, que a partir da alteridade cultural resiste à homogeneização generalizada”[5].

Um exemplo nacionalmente consagrado das potencialidades que se quer liberar com a implantação deste curso no contexto específico do Sul da Bahia é o da eclosão da cultura híbrida do Mangue-beat em Recife, no início dos 1990, que teve como expressão mais visível o trabalho musical, performático e imagético de Chico Science & Nação Zumbi[6]. Retomar os maiores feitos do Mangue-beat, sobretudo na música e no cinema, não é tarefa difícil, a começar pelos álbuns *Da lama ao Caos* (disco de Chico Science & Nação Zumbi, 1994), *Aforciberdelia* (*idem*, 1996), *Samba Esquema Noise* (disco de Mundo Livre S/A, 1994), *Fuá na Casa de Cabral* (disco de Mestre

Ambrósio, 1998), Samba pra Burro (disco de Otto, 1998), Baile Perfumado (filme de Lírio Ferreira e Paulo Caldas, 1996), O rap do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas (filme de Paulo Caldas e Marcelo Luna, 2000), Amarelo Manga (filme de Cláudio Assis, 2002).

Citar esses acontecimentos em Pernambuco, contudo, talvez seja desnecessário, ante as manifestações bem menos famosas, mas não menos significativas, de que já dispomos na própria UFSB em seu curto tempo de existência. É o caso, por exemplo, do cantor e performer Michael Jackson do Arrocha, que, em vídeos co-produzidos pelo colega Daniel Duran, faz uma irreverente sobreposição entre o imaginário do ídolo pop norte-americano e a cultura da periferia de Porto Seguro. É também o caso do coletivo Turma da Sandy, formado por 5 estudantes em Teixeira de Freitas, que se propõe a debater a problemática de gênero no interior da Bahia em pungentes curta-metragens. Podemos citar, por fim, o trabalho do músico e vídeo artista Raone Calixto, que produz em áudio e vídeo uma série de novos artistas de Itabuna e redondezas, da MPB ao rap, mantendo um ousado projeto de divulgação coletiva batizado de “Âmago”.

Em todos esses casos — em que o som, a imagem e a imagem em movimento se combinam e recombina de acordo com os interesses dos jovens artistas — e em muitos outros que vêm ganhando corpo na UFSB, confirma-se o argumento de Santos, em que o lugar, para além da referência pragmática ao mundo, se revela “o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade”.

De outro lado ainda, o SIM se propõe a desenvolver e ampliar, a partir das experiências do BI e LI no primeiro ciclo em Artes, espaços para a pesquisa, a inclusão e do desenvolvimento de saberes artísticos tradicionais e marginais – seja no campo da produção sonora, seja no âmbito da produção visual – cujos exemplos locais variam das técnicas da pintura corporal e produção de objetos nas comunidades indígenas, passando pela grande diversidade de modos de expressão e criação nas artes gráficas em Porto Seguro e região (como a grande profusão de modos e técnicas de uso da tipografia e ilustração nas paredes dos comércios de bairros como o Baianão), indo até a produção e exibição do cinema periférico, étnico e marginal. É nesse lugar híbrido e dinâmico, entre os desdobramentos das tecnologias contemporâneas e os saberes tradicionais, entre as referências de um quadro linguístico e simbólico hegemônico e as possibilidades subversivas abertas pelas práticas periféricas, que buscamos criticamente nos colocar, na esperança de que o SIM possa colaborar de forma significativa para uma maior democratização e enriquecimento da produção artística, simbólica e cultural da região Sul da Bahia.

[1]

<http://www.ufsba.ufba.br/sites/ufsba.ufba.br/files/Plano%20Orientador%20UFSB%20Final.pdf>. Acesso em: 10 abril 2015.

[2] GRUZINSKY, Serge: A guerra das palavras. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

[3] ADORNO, Theodor, HORKHEIMER, Max: “A indústria cultural — o Iluminismo como mistificação das massas” in Indústria cultural e sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

[4] SANTOS, Milton: A natureza do espaço: técnica e tempo, Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 258.

[5] MARTIN-BARBERO, Jesus: Dos meios às mediações. Rio de Janeiro: Edufrj, 2002, p. 257.

[6] Cf.: VARGAS, Heron: Hibridismos musicais de Chico Science e Nação Zumbi. Cotia: Ateliê, 2007.

5. PRINCÍPIOS E ORGANIZAÇÃO INSTITUCIONAL

A UFSB compreende o ensino superior como tarefa civilizadora e emancipatória, a um só tempo formadora e transformadora do ser humano. Nossa jovem universidade foi concebida para atender às exigências educacionais do mundo contemporâneo, bem como às especificidades culturais, sociais, artísticas e econômicas da Região Sul do Estado da Bahia, sem negligenciar o desenvolvimento nacional e planetário. Anima esta Universidade a possibilidade de recriação da educação pública brasileira como vetor de integração social e como fator de promoção da condição humana, aspectos pouco valorizados no modelo educacional vigente.

A razão de ser desta instituição está alicerçada na solidariedade e no compartilhamento de conhecimentos, habilidades, desejos, impasses e utopias que, em suma, constituem a riqueza imaterial que chamamos de saberes ou espírito de uma época. Nessa perspectiva, pauta-se nos seguintes princípios político-institucionais: eficiência acadêmica, com uso otimizado de recursos públicos; compromisso inegociável com a sustentabilidade; ampliação do acesso à educação como forma de desenvolvimento social da região; flexibilidade e criatividade pedagógica, com diversidade metodológica e de áreas de formação; interface sistêmica com a Educação Básica; articulação interinstitucional na oferta de educação superior pública na região e promoção da mobilidade nacional e internacional de sua comunidade.

A matriz político-pedagógica funda-se em três aspectos: regime curricular quadrimestral, propiciando otimização de infraestrutura e de recursos pedagógicos; arquitetura curricular organizada em ciclos de formação, com modularidade progressiva e certificações independentes a cada ciclo, além de articulação entre graduação e pós-graduação; combinação de pluralismo pedagógico e uso intensivo de recursos tecnológicos de informação e comunicação.

A UFSB funciona em regime letivo quadrimestral (três quadrimestres por ano) com períodos letivos de 72 dias, totalizando 216 dias letivos a cada ano. Esse regime inclui os dias de sábado para atividades de orientação e avaliação, com horários concentrados em turnos específicos e oferta de atividades e programas à noite.

O calendário anual da UFSB é composto da seguinte forma:

Quadrimestre	Duração	Período
Outono	72 dias	Fevereiro — março — abril — maio
Recesso	14 dias	Fim de maio

Inverno	72 dias	Junho — julho — agosto — setembro
Recesso	14 dias	Meados de setembro
Primavera	72 dias	Setembro — outubro — novembro — dezembro
Férias	45 dias	Natal e mês de janeiro (integral)

A estrutura institucional da UFSB conta com quatro níveis de organização, correspondendo a ciclos e níveis de formação:

Colégio Universitário (CUNI)

Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC)

Centros de Formação Profissional (CF)

Complexos Integrados de Educação, compreendendo: Colégios Universitários, Centros de Ensino Médio Integral, Centros Estaduais Noturnos de Educação e Núcleos de Formação de Professores da Educação Básica.

Como a organização institucional baseia-se em forte interligação entre níveis e ciclos de formação, a estrutura administrativa reflete essa interconexão estruturante da própria estrutura multicampus. Fortemente pautada na utilização de tecnologias digitais, a gestão da UFSB tem como base uma estrutura administrativa enxuta e descentralizada, autonomizando os campi, sem, entretanto, perder a articulação de gestão com os diversos setores da Administração Central. Ou seja, tanto no plano acadêmico quanto administrativo, combinam-se, de modo orgânico, a descentralização da gestão de rotina com a centralização dos processos de regulação, avaliação e controle de qualidade.

Para ampliar a oferta de vagas públicas no nível superior de formação, em paralelo e em sintonia com a melhoria dos indicadores pertinentes ao ensino básico, a UFSB oferece cobertura no território da Região Sul da Bahia através da Rede Anísio Teixeira de Colégios Universitários (CUNIs) que apresentamos acima. Os CUNIs funcionam preferencialmente em turno noturno, em instalações da rede estadual de Ensino Médio. Para viabilizar uma integração pedagógica efetiva, com aulas, exposições e debates, transmitidos em tempo real e gravados em plataformas digitais, cada ponto da Rede CUNI conta com um pacote de equipamentos de tele-educação de última geração, conectado a uma rede digital de alta velocidade.

O ingresso na UFSB se dá nos CUNIS, via seleção ABI, e pelo Enem/SiSU, de duas maneiras: (a) diretamente nas quatro opções de BI ou (b) em Área Básica de Ingresso (ABI) para LI, com opção de conclusão no BI. Há reserva de vagas para egressos do ensino médio em escola pública, com recorte étnico-racial equivalente à proporção censitária do Estado da Bahia, sendo metade dessas vagas destinadas a estudantes de famílias de baixa-renda. Nos campi, a cota mínima é de 55% e, na rede de Colégios Universitários, de 85%.

6. POLÍTICAS INSTITUCIONAIS NO ÂMBITO DO CURSO

O SIM possui em curso, desde o início, um programa de estágio em dois de seus laboratórios, o Som e Imagem e o laboratório de Artes Visuais. Neles estudantes de todas as suas habilitações podem desenvolver estágios supervisionados previstos neste PPC. Estão previstas ainda parcerias para estágio com o Centro de Cultura de Porto Seguro, e estúdios de produção sonora, produtoras de vídeo e agências de comunicação ou produção artística da região de Porto Seguro. Outros convênios com outras instituições pelo país e fora serão igualmente gestados e colocados em curso.

Há ainda em curso o projeto Imagens da Diferença, que oferece aos estudantes bolsas para a implementação da metodologia Inventar com a Diferença nas escolas vinculadas à UFSB, no caso de Porto Seguro, o CIEPS (Centro Integrado de Educação de Porto Seguro). Esse projeto conta com o financiamento de uma bolsa do programa Inventar com a Diferença, da UFF. Ao término dessa bolsa, a equipe do SIM pretende buscar novas fontes de financiamento para que o trabalho com o cinema e os direitos humanos nas escolas sejam uma frente constante de desenvolvimento.

Além disso, contamos com professores doutores pesquisadores que desenvolvem projetos de pesquisa com bolsas PIBIC.

A monitoria acadêmica está sendo implementada na UFSB por meio de uma resolução específica, e será implementada no SIM assim que a resolução estiver em vigor.

O SIM contará ainda com um Festival Anual de Som, Imagem e Corpo, em parceria com o curso de segundo ciclo do CFA Artes do Corpo em Cena.

Haverá também uma revista digital em PDF do curso na qual os/as estudantes e professores/as, bem como participantes externos, poderão publicar seus trabalhos artísticos e acadêmicos.

7. PERFIL DO CURSO

O bacharelado profissionalizante SIM — Som, Imagem e Movimento oferece ao/à estudante uma formação a partir do encontro das práticas artísticas no campo do som, da imagem e da imagem em movimento, tendo as mídias e mídias eletrônicas como referência nos processos de criação.

Tradicionalmente, os cursos de formação superior em Artes no Brasil têm tratado as práticas artísticas da imagem, do som e da imagem em movimento como esferas separadas, sendo as práticas do vídeo, da imagem, do desenho, etc. abarcadas pelas Artes Visuais, e as práticas sonoras, pela Música. Se Som e Imagem são às vezes campos pensados de forma conjugada, como acontece no caso dos cursos de Audiovisual, o Som não possui aí o mesmo status que a Imagem enquanto campo de criação.

O que dizer, portanto, das muitas tendências contemporâneas da arte que pensa e exerce a prática artística nesse encontro, nessa intercalação, nessa complementação

entre som, imagem e o movimento? O curso de bacharelado SIM — Som, Imagem e Movimento da UFSB ofertado em três grandes eixos — Arte e Produção Sonora, Artes Visuais e Audiovisual — se formula no âmbito desse universo de criações, técnicas, procedimentos, pensamento sensível e crítico que vão implicar o som, a imagem e o movimento num horizonte de práticas artísticas reconhecíveis e expressivas na arte contemporânea. Isso é feito ao mesmo tempo que se permite ao estudante navegar pelo leque de CCs do SIM na composição de suas habilitações específicas (Artes Visuais, Arte e Produção Sonora e Audiovisual) ou de uma formação mais geral em Som, Imagem e Movimento, sem a ênfase das habilitações.

Deste modo, o SIM oferece ao estudante a possibilidade de uma formação aberta, na qual pode escolher seu percurso livremente dentro da extensa rede de CCs ou seguir uma habilitação em um campo de práticas mais (re)conhecido. Tem-se assim três opções de formação:

- **Bacharelado em Som, Imagem e Movimento**
- **Bacharelado em Som, Imagem e Movimento — Arte e Produção Sonora**
- **Bacharelado em Som, Imagem e Movimento — Artes Visuais**
- **Bacharelado em Som, Imagem e Movimento — Audiovisual**

Ao ser pensado em sintonia com o curso de Artes do Corpo em Cena, o SIM coloca em evidência a palavra movimento, que pode se referir não somente ao movimento da imagem ou das máquinas, mas também do corpo em cena e sua conjugação com as artes da imagem, do vídeo e do som. Nesse sentido, uma significativa parte da carga horária do SIM (420 horas) pode ser cursada junto do currículo do curso Artes do Corpo em Cena, em dias da semana especialmente pensados em ambos os cursos para essa troca. Ainda, para as instalações espaciais que envolvam o som, a imagem e o movimento, podemos falar em uma aproximação entre o movimento interativo do corpo do fruidor da obra de arte e a obra instalada. Deste modo, a criação sonora e a performance podem se encontrar num campo de práticas contemporâneo extremamente rico e diversificado.

7.1 Fundamentação teórica

O ambiente estético e artístico na modernidade e na contemporaneidade vem sendo afetado de múltiplas formas pelas tecnologias da comunicação desde pelo menos o séc. XIX. Se integramos aqui a mídia impressa, veremos que as interações entre os processos e técnicas da comunicação social e a arte datam-se dos séculos XVII e XVIII, com o nascimento e popularização do romance, do folhetim e da Literatura moderna por toda a Europa ocidental e suas colônias. O Cinema, o Rádio, as diversas plataformas de gravação de áudio, vídeo e imagens que emergem no período de 100 anos compreendido entre 1850 e 1950 atravessam visceralmente o estatuto das Artes ocidentais, abalando suas fundações e abrindo caminho para uma inédita zona de encontros, desencontros, tensões e trocas entre os processos técnicos da comunicação massiva e as práticas artísticas.

Essas possibilidades ampliadas de expressão e divulgação, extremamente dependentes do desenvolvimento tecnológico das sociedades contemporâneas, transformaram nossos modos de perceber e, conseqüentemente, nossa maneira de

produzir sentidos e de construir narrativas, e abalaram profundamente as práticas canônicas das Artes. Entendendo o termo imagem de maneira expandida, como construção mental oriunda da experiência e aberta à multissensorialidade, as novas tecnologias instauram regimes de imagens inéditos. Estes podem ser ilustrados pelo grande número de poéticas artísticas e fenômenos culturais que lidam com exorbitantes quantidades e qualidades de estímulos das mais diversas naturezas. O campo perceptivo, como território por excelência de intervenção da arte, é reconstruído a partir de certa sincronização dos sentidos, para usar um termo de Serguei Eisenstein, impulsionada por inéditas formas de organização tempo-espço impostas pelas novas tecnologias.

Nas Artes Visuais uma tal multiplicidade de formas e expressões técnicas e tecnológicas se faz hoje cada vez mais presente, colocando em cheque a clássica concepção deste campo como restrito à pintura e/ou à gravura. Com a presença cada vez mais intensa do vídeo, das interfaces de interação, dos sensores de telepresença e de movimento corporal, das interfaces digitais de desenho e animação, das interfaces de impressão 3D, etc., temos um campo sensorial imagético expandido e fortemente mediado pela tecnologia, e que não pode mais ser ignorado pelas propostas contemporâneas de graduação em Artes Visuais.

Mesmo no campo da música contemporânea, as expansões de suas dependências pelo campo da instalação, do uso espacial, da performance e, por fim, da implicação das mídias eletrônicas tem sido fato marcante no campo daquilo que tem sido chamado de Arte Sonora. Como coloca Iazzetta e Campesato,

Por arte sonora entendemos a reunião de gêneros artísticos que estão na fronteira entre música e outras artes, nos quais o som é material de referência dentro de um conceito expandido de composição, gerando um processo de hibridização entre som, imagem, espaço e tempo. Entre outras questões, a concepção estética desse repertório vai ao encontro da reflexão e inclusão de elementos que geralmente possuem um valor secundário, ou mesmo inexistente na criação musical tradicional, tais como o espaço, a visualidade, a performance e a plasticidade. A partir daí decorre um conjunto de obras que estão inseridas em gêneros que se agrupam em torno do termo arte sonora – *soundscape*, *soundesign*, *soundsculpture*, instalação sonora – e que se referem ao trabalho de artistas híbridos que lidam com concepções criativas que buscam integrar noções de som, tempo, espaço, imagem e movimento.

Essas produções caracterizam-se ainda por uma “forte mediação das tecnologias eletrônicas e digitais, pela mistura de meios de expressão, pela utilização do espaço como elemento fundamental no discurso”. [1]

O bacharelado profissional Som, Imagem e Movimento (SIM) instaura-se com a consciência da função do artista como mediador de estímulos, ou melhor, como proponente de novos sentidos num mundo edificado por uma experiência sensível complexa, multiplanar e fortemente atravessada pela técnica e pela tecnologia. O SIM insere-se, deste modo, no amplo e complexo contexto contemporâneo no que

concerne à experiência e a percepção, ou ainda no campo daquelas práticas artísticas que Arlindo Machado descreveu como artemídia. Para Machado,

Se é verdade que toda arte é feita com os meios de seu tempo, a artemídia representa a expressão mais avançada da criação artística atual. Hoje, cada vez mais, os artistas lançam mão de câmeras, computadores, sintetizadores para construir suas imagens, suas músicas, seus textos, seus ambientes. De repente, nos damos conta de uma multiplicação vertiginosa de trabalhos realizados com pesada mediação tecnológica. [2]

Mas Machado observa ainda que as Artes contemporâneas não devem receber de forma passiva o manancial técnico e tecnológico que nos é apresentado no contexto contemporâneo, profundamente marcado pela fusão entre técnica, sensibilidade e consumo. A Arte assume, aí, o papel central de reconstituir os possíveis entre o encontro homem-máquina, ressensibilizando os atores implicados nesse processo, do artista aos coletivos, do público à crítica. Naturalmente,

as técnicas, os artifícios, os dispositivos de que se utiliza o artista para conceber, construir e exibir seus trabalhos não são apenas ferramentas inertes, nem mediações inocentes, indiferentes aos resultados, que se poderiam substituir por quaisquer outras. Eles estão carregados de conceitos, eles têm uma história, eles derivam de condições produtivas bem determinadas. A artemídia, como qualquer arte fortemente determinada pela mediação técnica, coloca o artista diante do desafio permanente de se contrapor ao determinismo tecnológico, de recusar o projeto industrial já embutido nas máquinas e aparelhos, evitando assim que sua obra resulte simplesmente num endosso dos objetivos de produtividade da sociedade tecnológica. [3]

Para Machado a artemídia deve assim traçar “uma diferença nítida entre o que é, de um lado, a mera produção industrial de desenhos agradáveis para as mídias de massa e, de outro, a busca de uma ética e uma estética para a era eletrônica” [4].

Em “Do Tecnocosmos à Tecno-arte”, Rogério da Costa nota que

a subjetividade, sendo desde sempre produzida, deve ser compreendida no fluxo inquietante onde proliferam fragmentos e traços de expressão, territórios existenciais em formação. Nesse sentido, o não-humano é parte integrante deste fluxo e as máquinas tecnológicas de informação e de comunicação devem ser vistas como elementos que operam no coração mesmo da subjetividade humana. É preciso então captar, enriquecer e reinventar a subjetividade levando em conta esta zona fluida que a circunda e a constitui, ou então vê-la tornar-se um mero aparelho coletivo a serviço das forças de homogeneização. Por que criticar o suposto naturalismo da subjetividade? Porque só entendendo-a como produzida é possível intervir criticamente (artisticamente) nos agenciamentos que a constituem! [5]

Assim a produção de arte hoje deve concorrer efetivamente para a instauração de possibilidades de enunciação que permitam a recomposição da subjetividade, seja no âmbito coletivo ou individual, liberando-a dos pressupostos industriais de reproduções do sentido serializadas e atreladas à ausência de um viés crítico nos usos:

Se há um vazio subjetivo produzido pelo capitalismo, se nos encontramos hoje cada vez mais envolvidos na solidão gerada pela desertificação dos espaços de troca — reduzidos à relação de consumo e reivindicação trabalhista —, esse vazio só pode ser suprimido pela apropriação subjetiva e material do tecnocosmos. E se a arte é um verdadeiro vetor de subjetivação, então sua tarefa parece ser a de instaurar esta zona de hibridização, esta região de passagem que faz a dobra do humano não-humano, desterritorializando nossa percepção antes de reconectá-la sobre outros possíveis. [6]

As proposições e preocupações de Machado, somadas às reflexões de Costa, nos oferecem caminhos para se pensar tanto as potencialidades abertas pela técnica e a tecnologia, cada vez mais dependentes do âmbito do digital, bem como seus perigos, limitações e necessárias estratégias de ação para minar os efeitos despolitizadores e hegemônicos. O desafio para um curso profissionalizante no campo das Artes com fortes interfaces com as mídias e tecnologias da imagem e do som como o SIM, descendente de um bacharelado ou licenciatura interdisciplinares cujo enfoque sociopolítico se evidencia em componentes curriculares que tratam das questões ameríndias, afrodescendentes, periféricas, etc., é precisamente achar o ponto de uma formação atenta ao manancial técnico e estético a ser usufruído pelos seus estudantes, ao mesmo tempo que estar ciente das demandas pedagógicas para que o formando do SIM preveja as armadilhas políticas e econômicas de um tal ambiente e saiba conduzir suas práticas e atividades artísticas e profissionais de forma autônoma, livre, emancipadora.

[1] CAMPESATO, Lílian; IAZZETTA, Fernando. Som, espaço e tempo na arte sonora. XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM) Brasília – 2006.

[2] MACHADO, Arlindo. Arte e Mídia: aproximações e distinções. *Galáxia*, n. 4, 2002, p. 19.

[3] MACHADO, Arlindo. Arte e Mídia: aproximações e distinções. *Galáxia*, n. 4, 2002, p. 24.

[4] MACHADO, Arlindo. Arte e Mídia: aproximações e distinções. *Galáxia*, n. 4, 2002, p. 24.

[5] COSTA, Rogério. Do tecnocosmos à tecno-arte. In: DOMINGUES, Diana. *A arte no séc. XXI*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. P. 64.

[6] COSTA, Rogério. Do tecnocosmos à tecno-arte. In: DOMINGUES, Diana. *A arte no séc. XXI*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. P. 65.

7.2 Objetivos do curso

7.2.1 Objetivo geral

O Bacharelado em Som, Imagem e Movimento é um curso de graduação com o propósito de formar — em abordagem simultaneamente artístico-humanística, científico-tecnológica e pedagógica — profissionais com habilidades, competências e autonomia para o exercício técnico-criativo com as dimensões materiais da imagem e do som em suas diversas possibilidades socialmente reflexivas de aplicação e conjugação no campo de produção artística e cultural.

7.2.2 Objetivos específicos

Entre os objetivos específicos, pretende-se:

Promover uma formação crítica e cidadã voltada à intervenção artística responsável e atenta aos âmbitos local, nacional e internacional.

Ressaltar as alternativas interdisciplinares, interprofissionais, interepistêmicas e interculturais do manejo das dimensões imagética e sonora da produção artística.

Formar estudantes para um largo espectro de atuação nos campos imagético, sonoro ou audiovisual, preparando-os para vinculações e investimentos comunitários, militantes, massivos e/ou vanguardistas.

Estimular a disposição e preparo das/dos estudantes para uma inserção multidimensional na vida social e laboral.

Possibilitar a continuidade e aprofundamento da formação da/do estudante através do direcionamento acadêmico requerido para futuro ingresso em curso de pós-graduação.

8. PERFIL DO EGRESSO E MATRIZ DE COMPETÊNCIAS

O bacharel em Som, Imagem e Movimento da UFSB deverá apresentar um perfil que reflete e amplia, no âmbito de uma atuação profissional mais específica, o perfil do primeiro ciclo de sua formação, na Licenciatura ou no Bacharelado Interdisciplinares em Artes. Trata-se não somente de contiguidade, mas também de complementaridade em relação às práticas interdisciplinares, interepistêmicas e interculturais anteriormente desenvolvidas, agora com a agregação de uma ampla gama de recursos estéticos, técnicos e conceituais específicos do trabalho com as artes do som, da imagem e da imagem em movimento. Preserva-se aí, ainda, a forma consciente, democrática, ética e qualificada com que lida com diferentes saberes e práticas das comunidades tradicionais ou periféricas ao seu redor, sendo capaz de reconhecer sua complexidade sociocultural e tendo como horizonte o potencial transformador da atuação em ambientes digitais e em rede.

Esse artista-cidadão crítico, autônomo, autor e pesquisador de sua própria prática reconhece-se como sujeito em processo de formação permanente e se abre às práticas não hegemônicas das artes do som, da imagem e da imagem em movimento, com vistas a uma relação estendida com as possibilidades de realização estética e engajamento na contemporaneidade.

O egresso pode atuar em diferentes setores (comunidades, mercados, instituições governamentais e não-governamentais, coletivos artísticos, espaços de cultura) e campos que se relacionam à produção sonora, visual e audiovisual, tais como criação de filmes de ficção ou documentário, animação, fotografia, desenho de som, fonografia, editoração em mídias eletrônicas, instalações ambientais, criação artística autoral, criação artística para diferentes mídias e meios de comunicação, etc.

De forma mais detalhada, a formação no presente curso contempla os seguintes eixos:

- a) Técnica e formação profissional — conjunta e/ou com habilitações específicas — em som, imagem e imagem em movimento, habilitando o estudante a atuar profissionalmente nas áreas de Direção, Roteiro, Produção, Ambientação, Edição/Montagem, Finalização de projetos artísticos nas áreas em questão.
- b) Realização nas artes do som, imagem e imagem em movimento, com o desenvolvimento de projetos de produção de obras de diferentes gêneros e formatos, destinados à exposição, exibição ou veiculação nas mídias contemporâneas, em um diálogo horizontal com o campo das comunicações e mídias eletrônicas.
- c) Teoria, análise e crítica de som, imagem e imagem em movimento, voltada para a pesquisa acadêmica nos campos da estética, da história, da crítica e da preservação.
- d) Economia e política das artes do som, da imagem e da imagem em movimento, com vistas à gestão, à produção, à distribuição, à exibição, às políticas públicas para o setor, à legislação, à organização de mostras e acervos e às questões oriundas do seu campo ético e político.

As competências e as habilidades desejadas, integrantes do perfil profissional citado acima, são as seguintes:

1. compreender criticamente o panorama das artes e das mídias contemporâneas, identificando nos processos em curso modos de subjetivação e dominação tecnológica e cultural, bem como potencialidades criativas e emancipatórias para comunidades e atores sociais diversos;
2. assimilar criticamente conceitos que permitam a apreensão e a formulação de teorias;
3. empregar tais conceitos e teorias em análises críticas da realidade, posicionando-se segura e autonomamente do ponto de vista ético-político;

4. dominar conjunta e/ou separadamente as linguagens sonoras, visuais e audiovisuais, experimentando e inovando no seu uso;
5. dominar os processos de produção, gestão e interpretação sonoras, visuais e audiovisuais, em sua perspectiva de atualização tecnológica;
6. resolver problemas profissionais de sua área de atuação, formulando alternativas factuais e conceituais diante de questões concretas;
7. desenvolver pesquisa científica e tecnológica nas artes do som, da imagem e da imagem em movimento, objetivando a criação, a compreensão, a difusão e o desenvolvimento da cultura sonora e visual;
8. saber trabalhar em equipe, desenvolvendo relações que facilitem a realização coletiva de uma obra ou produto;
9. conhecer a legislação do campo da produção em som, imagem e imagem em movimento;
10. dominar o processo de distribuição e exibição de obras e produtos, entendendo como funciona a indústria e os circuitos regionais, nacionais e internacionais das artes e mídias;
11. conhecer as fases do processo criador no âmbito do som, da imagem e da imagem em movimento, em suas aplicações conjuntas e/ou separadas;
12. ter domínio de processos e perspectivas interdisciplinares para gerar composições e recomposições tendo como horizonte as linguagens literária, fotográfica, sonora, audiovisual e gráfica e identificando as características particulares dos diferentes suportes midiáticos que as carregam;
13. estimular criações sonoras e visuais (instituídas ou emergentes) e sua divulgação como manifestação do potencial artístico, objetivando o estímulo à inventividade, o engajamento ético-político e o aprimoramento da sensibilidade estética dos diversos atores sociais e comunidades;
14. atuar nos diferentes espaços artísticos e culturais disponíveis no entorno do egresso;
13. refletir criticamente sobre sua prática profissional.

9. ARQUITETURA CURRICULAR

9.1 Formação Geral

N/A

9.2 Formação Específica

O/a estudante do SIM possui algumas alternativas de construção de seu percurso curricular e acadêmico, dentro das diversas ofertas de componentes curriculares do SIM ou de outros cursos. Ele pode:

- 1) Construir um percurso com enfoque maior em um eixo de criação, dando ênfase ou à Arte ou Produção Sonora, ou às Artes Visuais ou ao Audiovisual. Cada uma dessas ênfases, se cursadas com a carga específica mínima, conduz a uma habilitação. A CH total mínima para a habilitação em Arte e Produção Sonora ou Artes Visuais é **2580** horas. A CH total mínima para a habilitação em Audiovisual é **2760** horas.
- 2) Construir, dentro da matriz do SIM, uma formação que circula entre as 3 diferentes áreas de concentração: Arte ou Produção Sonora, Artes Visuais e Audiovisual. Nesse caso, sem se apegar a uma área específica dentro do SIM, sua titulação será Bacharelado em Som, Imagem e Movimento. A CH total mínima para o bacharelado em Som, Imagem e Movimento é **2580** horas.

O SIM está dividido em 7 eixos de componentes curriculares:

Percurso no primeiro ciclo

> **Obrigatórios primeiro ciclo**

> **Obrigatórios de escolha restrita primeiro ciclo**

Núcleo comum do SIM (incluindo Estágio supervisionado)

Habilitação em Arte e Produção Sonora

Habilitação em Artes Visuais

Habilitação em Audiovisual

Laboratórios de projeto

Optativos do SIM

EIXO PERCURSO NO PRIMEIRO CICLO

O eixo Percurso no Primeiro Ciclo define os CCs que o/a estudante precisa cursar do primeiro ciclo do Bacharelado e Licenciatura em Artes da UFSB. Este eixo divide-se em dois:

Obrigatórios do Primeiro Ciclo

Engloba os seguintes CCs do primeiro ciclo BI e LI Artes, totalizando 300 horas:

Arte e tecnologia	60
Produção cultural e arte-curadoria	60
Alteridade e cinema nas Américas	30
Cinema, criação e educação audiovisual	30
Modos de escuta e criação sonora	60
Arte, história e historicidades nas Américas	30

Artes e comunicação nas sociedades contemporâneas	30
TOTAL DE HORAS OFERTADAS PELOS BI E LI	300
CH A SER CUMPRIDA	300

Obrigatórios de Escolha Restrita do Primeiro Ciclo

Grupo de CCs do Bacharelado e Licenciatura Interdisciplinares em Artes da UFSB do qual o/a estudante deve escolher 360 horas para cursar, de um total de 540 horas. Esse grupo engloba os seguintes CCs do BI e LI Artes:

Poéticas negrodscendentes	60
Teorias e práticas de tradução	60
Arte, comunidades e espacialidades	60
Artes da grafia, escriturências, inscrições de si e do outro	60
Fruições estéticas para além dos “centros”	60
Estéticas ocidentais nas Américas	60
Estéticas negrodscendentes	60
Estética dos povos originários das Américas	60
Poéticas ameríndias no Brasil: literatura, cinema e grafismo	60
TOTAL DE HORAS OFERTADAS PELOS BI E LI	540
CH A SER CUMPRIDA	360

NÚCLEO COMUM DO SIM

O eixo NÚCLEO COMUM DO SIM é composto por 810 horas de CCs obrigatórios para a formação em todas as habilitações/formações do SIM.

NÚCLEO COMUM	CH
Teorias do som	60
Teorias da imagem	60
Teorias da imagem em movimento	60
Som, imagem e movimento nas artes contemporâneas	30

Autoria, direitos autorais e legislação	30
Curadoria, memória e arquivamento	30
Estágio supervisionado 1	60
Estágio supervisionado 2	60
Estágio supervisionado 3	60
Laboratório de projetos: territórios	60
Laboratório de projetos: tecnopolíticas	60
Laboratório de projetos: corporalidades	60
Laboratório de projetos: narrativas	60
TCC	60
TCC	60
TOTAL DE HORAS OFERTADAS PELO SIM	810
CH A SER CUMPRIDA	810

HABILITAÇÕES

Para as áreas específicas de cada habilitação, o SIM oferece um número de horas das quais o/a estudante deve cursar uma parte: 720 horas para as habilitações em Arte e Produção Sonora e Artes Visuais, e 900 horas para a habilitação em Audiovisual.

HABILITAÇÃO EM ARTE E PRODUÇÃO SONORA	CH
ESCOLHER 720 HS MÍN.: horas excedentes podem contar como optativos	
OFICINA: práticas em criação sonora	30
Arte, documento e processos de criação	60
Acústica	30
Projeto e produção	60
Arqueologia do som	60
Trilha sonora e desenho de som (LAB)	60
Direção e criação (LAB)	60
Arte final em som (LAB)	30
Captação e edição digital de áudio (LAB)	60
Gravação, captura e edição digital de vídeo (LAB)	60
Criação e composição sonora (LAB)	60

Mixagem e masterização (LAB)	60
Roteiro e narrativas em imagem, som e hipermídia (LAB)	60
Áudio-vídeo, interfaces físicas e instalação (LAB)	60
Publicação e distribuição (LAB)	30
Vídeo musical: a imagem para o som (LAB)	60
Sons e materialidades (LAB)	30
Arte e acessibilidade: audiodescrição, audiobooks e dublagem	30
Oficina de técnica e expressão vocal	30
A linguagem da luz nas artes do corpo*	60
Oficina de canto para a cena*	30
Oficina de poéticas da oralidade*	30
Tecnologias de som/imagem aplicadas à cenografia, ambientações e instalações*	60
Projeto de criação do Laboratório em Artes do corpo e multimídia*	60
TOTAL DE HORAS OFERTADAS PELO SIM	1170
CH A SER CUMPRIDA	720

*Ofertadas em parceria com o curso Artes do Corpo em Cena (CFA)

HABILITAÇÃO EM ARTES VISUAIS	CH
ESCOLHER 720 HS MÍN.: horas excedentes podem contar como optativos	
OFICINA: práticas em artes gráficas	30
OFICINA: práticas em fotografia e vídeo	30
Arte, documento e processos de criação	60
Arqueologia da imagem e da imagem em movimento	60
Projeto e produção	60
Luz e espaço	30
Cor, forma, imagem (LAB)	60
Criação editorial (LAB)	60
Direção e criação (LAB)	60
Arte final em artes gráficas (LAB)	30
Tipografia (LAB)	30
Imagem fotográfica (LAB)	60
Técnicas de animação (LAB)	60

Artes gráficas: materiais, suportes e recursos técnicos (LAB)	60
Práticas do desenho (LAB)	60
Arte final em vídeo (LAB)	30
Gravação, captura e edição digital de vídeo (LAB)	60
Ilustração (LAB)	30
Roteiro e narrativas em imagem, som e hipermídia (LAB)	60
Áudio-vídeo, interfaces físicas e instalação (LAB)	60
Vídeo musical: a imagem para o som (LAB)	60
Montagem e edição (LAB)	60
Publicação e distribuição (LAB)	30
Arte e acessibilidade: audiodescrição, audiobooks e dublagem	30
Vídeo-dança e vídeo-performance*	60
Estudos sobre cenografia e figurino*	60
Tecnologias de som/imagem aplicadas à cenografia, ambientações e instalações*	60
Projeto de criação do Laboratório em Artes do corpo e multimídia*	60
TOTAL DE HORAS OFERTADAS PELO SIM	1410
CH A SER CUMPRIDA	720

*Ofertadas em parceria com o curso Artes do Corpo em Cena (CFA)

HABILITAÇÃO EM AUDIOVISUAL	CH
ESCOLHER 900 HS MÍN.: horas excedentes podem contar como optativos	
OFICINA: práticas em fotografia e vídeo	30
OFICINA: práticas em criação sonora	30
Arte, documento e processos de criação	60
Arqueologia do som	60
Arqueologia da imagem e da imagem em movimento	60
Acústica	30
Projeto e produção	60
Luz e espaço	30
Trilha sonora e desenho de som (LAB)	60
Direção e criação (LAB)	60
Cor, forma, imagem (LAB)	60

Técnicas de animação (LAB)	60
Arte final em som (LAB)	30
Arte final em vídeo (LAB)	30
Imagem fotográfica (LAB)	60
Captação e edição digital de áudio (LAB)	60
Criação e composição sonora (LAB)	60
Mixagem e masterização (LAB)	60
Gravação, captura e edição digital de vídeo (LAB)	60
Roteiro e narrativas em imagem, som e hipermídia (LAB)	60
Áudio-vídeo, interfaces físicas e instalação (LAB)	60
Montagem e edição (LAB)	60
Publicação, exibição e distribuição (LAB)	60
Vídeo musical: a imagem para o som (LAB)	60
Literatura e cinema: estudos de tradução intersemiótica e roteirização	30
Arte e acessibilidade: audiodescrição, audiolivros e dublagem	30
Oficina de leitura expressiva e narração oral*	30
A linguagem da luz nas artes do corpo*	60
Vídeo-dança e vídeo-performance*	60
Estudos sobre cenografia e figurino*	60
Tecnologias de som/imagem aplicadas à cenografia, ambientações e instalações*	60
Projeto de criação do Laboratório em Artes do corpo e multimídia*	60
TOTAL DE HORAS OFERTADAS PELO SIM	1650
CH A SER CUMPRIDA	900

OPTATIVOS DO SIM

OPTATIVOS DO SIM	CH
Os/as estudantes devem escolher 180 horas de CCs do SIM não previstos em suas habilitações	
* COMPONENTE DO SIM [completar o nome]	
* COMPONENTE DO SIM [completar o nome]	
* COMPONENTE DO SIM [completar o nome]	
* COMPONENTE DO SIM [completar o nome]	
CH A SER CUMPRIDA	180

PARA O BACHARELADO EM SOM, IMAGEM E MOVIMENTO (SEM HABILITAÇÕES)

O/a estudante que deseja graduar-se apenas em Som, Imagem e Movimento (bacharelado) precisará cumprir 900 horas entre CCs das 3 habilitações, não havendo necessidade de cumprir a carga de Optativos do SIM.

9.3 Área de Concentração

Não se aplica.

9.4 Matriz Curricular

OBRIGATÓRIOS DO BI E LI ARTES

Arte e tecnologia	60
Produção cultural e arte-curadoria	60
Alteridade e cinema nas Américas	30
Cinema, criação e educação Audiovisual	30
Modos de escuta e criação sonora	60
Arte, história e historicidades nas Américas	30
Artes e comunicação nas sociedades contemporâneas	30
TOTAL DE HORAS OFERTADAS PELOS BI E LI	300
CH A SER CUMPRIDA	300

OPTATIVOS DO BI E LI ARTES

Poéticas negrodescendentes	60
Teorias e práticas de tradução	60
Arte, comunidades e espacialidades	60
Artes da grafia, escrituras, inscrições de si e do outro	60
Fruições estéticas para além dos “centros”	60
Estéticas ocidentais nas Américas	60
Estéticas negrodescendentes	60
Estética dos povos originários das Américas	60
Poéticas ameríndias no Brasil: literatura, cinema e grafismo	60

NÚCLEO COMUM (OBRIGATÓRIOS)

CCS GERAIS

Teorias do som	60
Teorias da imagem	60
Teorias da imagem em movimento	60
Som, imagem e movimento nas artes contemporâneas	30
Autoria, direitos autorais e legislação	30
Curadoria, memória e arquivamento	30

LABORATÓRIOS DE PROJETOS

Os TCCs são desenvolvidos fora dos horários regulares de aula, com acompanhamento de um orientador e horários por agendamento

Territórios	60
Tecnopolíticas	60
Corporalidades	60
Narrativas	60

TCC 60
TCC 60

ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Estágio supervisionado 1 60
Estágio supervisionado 2 60
Estágio supervisionado 3 60

HABILITAÇÃO EM ARTE E PRODUÇÃO SONORA

OFICINA: práticas em criação sonora 30
Arte, documento e processos de criação 60
Acústica 30
Projeto e produção 60
Arqueologia do som 60
Trilha sonora e desenho de som (LAB) 60
Direção e criação (LAB) 60
Arte final em som (LAB) 30
Captação e edição digital de áudio (LAB) 60
Gravação, captura e edição digital de vídeo (LAB) 60
Criação e composição sonora (LAB) 60
Mixagem e masterização (LAB) 60
Roteiro e narrativas em imagem, som e hipermídia (LAB) 60
Áudio-vídeo, interfaces físicas e instalação (LAB) 60
Publicação, exibição e distribuição (LAB) 30
Vídeo musical: a imagem para o som (LAB) 60
Sons e materialidades (LAB) 30
Arte e acessibilidade: audiodescrição, audiobooks e dublagem 30
Oficina de técnica e expressão vocal 30
A linguagem da luz nas artes do corpo 60
Oficina de canto para a cena 30
Oficina de poéticas da oralidade 30
Tecnologias de som/imagem aplicadas à cenografia, ambientações e instalações 60
Projeto de criação do Laboratório em Artes do corpo e multimídia 60

HABILITAÇÃO EM ARTES VISUAIS

OFICINA: práticas em artes gráficas 30
OFICINA: práticas em fotografia e vídeo 30
Arte, documento e processos de criação 60
Arqueologia da imagem e da imagem em movimento 60
Projeto e produção 60
Luz e espaço 30
Cor, forma, imagem (LAB) 60
Criação editorial (LAB) 60
Direção e criação (LAB) 60
Arte final em artes gráficas (LAB) 30
Tipografia (LAB) 30
Imagem fotográfica (LAB) 60
Técnicas de animação (LAB) 60
Artes gráficas: materiais, suportes e recursos técnicos (LAB) 60
Práticas do desenho (LAB) 60
Arte final em vídeo (LAB) 30
Gravação, captura e edição digital de vídeo (LAB) 60
Ilustração (LAB) 30
Roteiro e narrativas em imagem, som e hipermídia (LAB) 60
Áudio-vídeo, interfaces físicas e instalação (LAB) 60
Vídeo musical: a imagem para o som (LAB) 60
Montagem e edição (LAB) 60

Publicação, exibição e distribuição (LAB)	30
Arte e acessibilidade: audiodescrição, audiobooks e dublagem	30
Vídeo-dança e vídeo-performance	60
Estudos sobre cenografia e figurino	60
Tecnologias de som/imagem aplicadas à cenografia, ambientações e instalações	60
Projeto de criação do Laboratório em Artes do corpo e multimídia	60
TOTAL DE HORAS OFERTADAS PELO SIM	1410
CH A SER CUMPRIDA	720

HABILITAÇÃO EM AUDIOVISUAL

OFICINA: práticas em fotografia e vídeo	30
OFICINA: práticas em criação sonora	30
Arte, documento e processos de criação	60
Arqueologia do som	60
Arqueologia da imagem e da imagem em movimento	60
Acústica	30
Projeto e produção	60
Luz e espaço	30
Trilha sonora e desenho de som (LAB)	60
Direção e criação (LAB)	60
Cor, forma, imagem (LAB)	60
Técnicas de animação (LAB)	60
Arte final em som (LAB)	30
Arte final em vídeo (LAB)	30
Imagem fotográfica (LAB)	60
Captação e edição digital de áudio (LAB)	60
Criação e composição sonora (LAB)	60
Mixagem e masterização (LAB)	60
Gravação, captura e edição digital de vídeo (LAB)	60
Roteiro e narrativas em imagem, som e hipermídia (LAB)	60
Áudio-vídeo, interfaces físicas e instalação (LAB)	60
Montagem e edição (LAB)	60
Publicação, exibição e distribuição (LAB)	30
Vídeo musical: a imagem para o som (LAB)	60
Literatura e cinema: estudos de tradução intersemiótica e roteirização	30
Arte e acessibilidade: audiodescrição, audiobooks e dublagem	30
Oficina de leitura expressiva e narração oral	30
A linguagem da luz nas artes do corpo	60
Vídeo-dança e vídeo-performance	60
Estudos sobre cenografia e figurino	60
Tecnologias de som/imagem aplicadas à cenografia, ambientações e instalações	60
Projeto de criação do Laboratório em Artes do corpo e multimídia	60

9.5 Representação Gráfica dos Percursos e Perfis de Formação

Veja abaixo.

PERCURSOS SOM, IMAGEM E MOVIMENTO

LEGENDA:

OBRIGATORIAS	CCS SIM	OFICINAS	HORAS TOTAIS DO PERCURSO	ESTÁGIO SUPERVISIONADO	Com Artes do Corpo em Cena
--------------	---------	----------	--------------------------	------------------------	----------------------------

PARA SE GRADUAREM EM SIM – SOM, IMAGEM E MOVIMENTO, ESTUDANTES PRECISAM COMPLETAR 900 DOS CCS EM CINZA. GRADUAÇÃO POSSÍVEL NO 5 QUADRIMESTRE, CONFORTÁVEL NO 6.

1											
	SEG 1	SEG 2	TER. 1	TER. 2	QUA 1	QUA 2	QUI 1	QUI 2	SEX 1	SEX 2	SAB
M.1											OFICINA: práticas em criação sonora
M.2											OFICINA: práticas em criação sonora
T.1											ESTÁGIO SUPERVISIONADO
T.2											ESTÁGIO SUPERVISIONADO
N.1	Lab. de Projeto: territórios		Teorias da Imagem		SIM nas artes contemporâneas		Cor, forma, Imagem (LAB)		Práticas do desenho (LAB)	Captação e edição digital de áudio (LAB)*	
N.2	Lab. de Projeto: territórios		Teorias da Imagem		Autoria, direitos autorais e legislação		Cor, forma, Imagem (LAB)		Práticas do desenho (LAB)	Captação e edição digital de áudio (LAB)*	
SIM 120 ARTE E PRODUÇÃO SONORA 60 ARTES VISUAIS 120 AUDIOVISUAL 120											
2											
	SEG 1	SEG 2	TER. 1	TER. 2	QUA 1	QUA 2	QUI 1	QUI 2	SEX 1	SEX 2	SAB
M.1											OFICINA: práticas em fotografia e vídeo
M.2											OFICINA: práticas em fotografia e vídeo
T.1											ESTÁGIO SUPERVISIONADO
T.2											ESTÁGIO SUPERVISIONADO
N.1	Lab. de Projeto: tecnopolíticas		Teorias do som		Gavacão, captura e edição digital de vídeo (LAB)*	Oficina de técnica e expressão vocal	Arqueologia da Imagem e da Imagem...		Criação editorial (LAB)	Arqueologia do som	
N.2	Lab. de Projeto: tecnopolíticas		Teorias do som		Gavacão, captura e edição digital de vídeo (LAB)*		Arqueologia da Imagem e da Imagem...	Literatura e cinema: trad. intersemiótica e rotarização	Criação editorial (LAB)	Arqueologia do som	
SIM 180 ARTE E PRODUÇÃO SONORA 120 ARTES VISUAIS 180 AUDIOVISUAL 180											
3											
	SEG 1	SEG 2	TER. 1	TER. 2	QUA 1	QUA 2	QUI 1	QUI 2	SEX 1	SEX 2	SAB
M.1											OFICINA: práticas em artes gráficas
M.2											OFICINA: práticas em artes gráficas
T.1											ESTÁGIO SUPERVISIONADO
T.2											ESTÁGIO SUPERVISIONADO
N.1	Lab. de projeto: corporalidades		Teorias da Imagem em movimento		Tipografia (LAB)	Oficina de poéticas da oralidade	Tecnologias de Som/ Imagem aplicadas à cenografia...		Acústica	Artes gráficas: materiais, suportes e recursos... (LAB)	
N.2	Lab. de projeto: corporalidades		Teorias da Imagem em movimento		Curadoria, memória e arquivamento		Tecnologias de Som/ Imagem aplicadas à cenografia...	Arte e acessibilidade	Sons e materiais (LAB)	Artes gráficas: materiais, suportes e recursos... (LAB)	
SIM 150 ARTE E PRODUÇÃO SONORA 150 ARTES VISUAIS 150 AUDIOVISUAL 150											
4											
	SEG 1	SEG 2	TER. 1	TER. 2	QUA 1	QUA 2	QUI 1	QUI 2	SEX 1	SEX 2	SAB
M.1											OFICINA: práticas em criação sonora
M.2											OFICINA: práticas em criação sonora
T.1											ESTÁGIO SUPERVISIONADO
T.2											ESTÁGIO SUPERVISIONADO
N.1	Lab. de projeto: narrativas		Imagem fotográfica (LAB)	Oficina de canto para a cena	Video musical (LAB)	Arte final em Artes Gráficas (LAB)	Mixagem e masterização (LAB)	Video-dança e vídeo-performance (Com ACC)	Ilustração (LAB)	Arte final em vídeo (LAB)	
N.2	Lab. de projeto: narrativas		Imagem fotográfica (LAB)		Video musical (LAB)	Publicação e distribuição (LAB)	Mixagem e masterização (LAB)	Video-dança e vídeo-performance (Com ACC)	Luz e espaço	Arte final em som (LAB)	
SIM 240 ARTE E PRODUÇÃO SONORA 180 ARTES VISUAIS 240 AUDIOVISUAL 240											
5											
	SEG 1	SEG 2	TER. 1	TER. 2	QUA 1	QUA 2	QUI 1	QUI 2	SEX 1	SEX 2	SAB
M.1											OFICINA: práticas em fotografia e vídeo
M.2											OFICINA: práticas em fotografia e vídeo
T.1											ESTÁGIO SUPERVISIONADO
T.2											ESTÁGIO SUPERVISIONADO
N.1	Áudio-vídeo, interfaces físicas e instalação		Arte e documento		Criação e composição sonora (LAB)	Oficina de leitura expressiva e narração oral	Montagem e edição (LAB)	Proj. criação do lab. em artes do corpo e multimídia (C/ ACC)	Roteiro e narrativas em imagem, som e hipermidia (LAB)	Estudos sobre cenografia e figurino	
N.2	Áudio-vídeo, interfaces físicas e instalação		Arte e documento		Criação e composição sonora (LAB)		Montagem e edição (LAB)	Proj. criação do lab. em artes do corpo e multimídia (C/ ACC)	Roteiro e narrativas em imagem, som e hipermidia (LAB)	Estudos sobre cenografia e figurino	
SIM 300 ARTE E PRODUÇÃO SONORA 240 ARTES VISUAIS 180 AUDIOVISUAL 300											
TOTAL ATÉ O 5 990 750 870 990											
6											
	SEG 1	SEG 2	TER. 1	TER. 2	QUA 1	QUA 2	QUI 1	QUI 2	SEX 1	SEX 2	SAB
M.1											OFICINA: práticas em artes gráficas
M.2											OFICINA: práticas em artes gráficas
T.1											ESTÁGIO SUPERVISIONADO
T.2											ESTÁGIO SUPERVISIONADO
N.1	Trilha sonora e desenho de som (LAB)		Direção e criação (LAB)		Técnicas de animação (LAB)		Projeto e produção		A linguagem da luz nas artes do corpo		
N.2	Trilha sonora e desenho de som (LAB)		Direção e criação (LAB)		Técnicas de animação (LAB)		Projeto e produção		A linguagem da luz nas artes do corpo		
SIM 300 ARTE E PRODUÇÃO SONORA 180 ARTES VISUAIS 180 AUDIOVISUAL 240											
TOTAL ATÉ O 6 1290 930 1050 1230											

PERCURSOS ARTE E PRODUÇÃO SONORA

LEGENDA:

ORIGINAIS	ARTE E PRODUÇÃO SONORA	ARTE E PRODUÇÃO SONORA OPÇÃO B	OFICINAS	HORAS TOTAIS DO PERCURSO	OPATIVAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO
-----------	------------------------	--------------------------------	----------	--------------------------	----------	------------------------

ESTUDANTES PRECISAM COMPLETAR 720 DOS CCS EM AZUL PARA ESTA HABILITAÇÃO. GRADUAÇÃO POSSÍVEL NO 5 QUADRIMESTRE, CONFORTÁVEL NO 6.

1												
	SEG 1	SEG 2	TER 1	TER 2	QUA 1	QUA 2	QUI 1	QUI 2	SEX 1	SEX 2	SAB	
H1											OFICINA: práticas em criação sonora	
H2											OFICINA: práticas em criação sonora	
T1											ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
T2											ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
N1	Lab. de Projeto: territórios		Teorias da Imagem		SIM nas artes contemporâneas		OPATIVAS: Cor, forma, imagem (LAB)		Captação e edição digital de áudio (LAB)*			
N2	Lab. de Projeto: territórios		Teorias da Imagem		Autoria, direitos autorais e legislação		OPATIVAS: Cor, forma, imagem (LAB)		Captação e edição digital de áudio (LAB)*			
2												
	SEG 1	SEG 2	TER 1	TER 2	QUA 1	QUA 2	QUI 1	QUI 2	SEX 1	SEX 2	SAB	
H1											OFICINA: práticas em fotografia e vídeo	
H2											OFICINA: práticas em fotografia e vídeo	
T1											ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
T2											ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
N1	Lab. de Projeto: tecnopolíticas		Teorias do som		Gavacão, captura e edição digital de vídeo (LAB)*	Oficina de técnica e expressão vocal	OPATIVAS: Arqueologia da Imagem e da Escrita (LAB)		Arqueologia do som			
N2	Lab. de Projeto: tecnopolíticas		Teorias do som		Gavacão, captura e edição digital de vídeo (LAB)*	LIVRE	OPATIVAS: Arqueologia da Imagem e da Escrita (LAB)		Arqueologia do som			
3												
	SEG 1	SEG 2	TER 1	TER 2	QUA 1	QUA 2	QUI 1	QUI 2	SEX 1	SEX 2	SAB	
H1											OFICINA: práticas em artes gráficas	
H2											OFICINA: práticas em artes gráficas	
T1											ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
T2											ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
N1	Lab. de projeto: corporalidades		Teorias da Imagem em movimento		Oficina de poéticas da oralidade		Tecnologias de Som/ Imagem aplicadas à cenografia...	LIVRE	Acústica			
N2	Lab. de projeto: corporalidades		Teorias da Imagem em movimento		Curadoria, memória e arquivamento		Tecnologias de Som/ Imagem aplicadas à cenografia...	Arte e acessibilidade cenografia...	Sons e materiais (LAB)			
4												
	SEG 1	SEG 2	TER 1	TER 2	QUA 1	QUA 2	QUI 1	QUI 2	SEX 1	SEX 2	SAB	
H1											OFICINA: práticas em criação sonora	
H2											OFICINA: práticas em criação sonora	
T1											ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
T2											ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
N1	Lab. de projeto: narrativas		Oficina de canto para a cena		Video musical: a imagem para o som (LAB)	OPATIVAS: Lab. arte final em Artes Gráficas (LAB)	Mixagem e masterização (LAB)		Ilustração (LAB) ou Arte Final em Vídeo			
N2	Lab. de projeto: narrativas		LIVRE		Video musical: a imagem para o som (LAB)	Publicação, exibição e distribuição (LAB)	Mixagem e masterização (LAB)		Arte final em som (LAB)			
5												
	SEG 1	SEG 2	TER 1	TER 2	QUA 1	QUA 2	QUI 1	QUI 2	SEX 1	SEX 2	SAB	SAB
H1											OFICINA: práticas em fotografia e vídeo	TCC
H2											OFICINA: práticas em fotografia e vídeo	TCC
T1											ESTÁGIO SUPERVISIONADO	ESTÁGIO SUPERVISIONADO
T2											ESTÁGIO SUPERVISIONADO	ESTÁGIO SUPERVISIONADO
N1	Aúdio-vídeo, interfaces físicas e instalação		Arte e documento		Criação e composição sonora (LAB)		Proj. criação do lab. em artes do corpo e multimídia (C/ ACC)		Roteiro e narrativas em Imagem, som e Nipermídia (LAB)			
N2	Aúdio-vídeo, interfaces físicas e instalação		Arte e documento		Criação e composição sonora (LAB)		Proj. criação do lab. em artes do corpo e multimídia (C/ ACC)		Roteiro e narrativas em Imagem, som e Nipermídia (LAB)			
6												
	SEG 1	SEG 2	TER 1	TER 2	QUA 1	QUA 2	QUI 1	QUI 2	SEX 1	SEX 2	SAB	SAB
H1											OFICINA: práticas em artes gráficas	TCC
H2											OFICINA: práticas em artes gráficas	TCC
T1											ESTÁGIO SUPERVISIONADO	ESTÁGIO SUPERVISIONADO
T2											ESTÁGIO SUPERVISIONADO	ESTÁGIO SUPERVISIONADO
N1	Trilha sonora e desenho de som (LAB)		Direção e criação (LAB)		OPATIVAS: Técnicas de animação (LAB)		Projeto e produção		A linguagem da luz nas artes do corpo			
N2	Trilha sonora e desenho de som (LAB)		Direção e criação (LAB)		OPATIVAS: Técnicas de animação (LAB)		Projeto e produção		A linguagem da luz nas artes do corpo			
TOTAL ATÉ O 5												
	0	810	0	0								
TOTAL ATÉ O 6												
	0	1050	0	0								

PERCURSOS ARTES VISUAIS

LEGENDA:

ORIGINAIS	ARTES VISUAIS	ARTES VISUAIS OPÇÃO B	OFICINAS	HORAS TOTAIS DO PERCURSO	OPATIVAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO
-----------	---------------	--------------------------	----------	-----------------------------	----------	---------------------------

ESTUDANTES PRECISAM
COMPLETAR 720 DOS CCS EM
PARA ESTA
HABILITAÇÃO. GRADUAÇÃO
POSSÍVEL NO 5
QUADRIMESTRE, CONFORTÁVEL
NO 6.

1													
	SEG 1	SEG 2	TER 1	TER 2	QUA 1	QUA 2	QUI 1	QUI 2	SEX 1	SEX 2	SAB		
H1											OFICINA: práticas em criação sonora		
H2											OFICINA: práticas em criação sonora		
T1											ESTÁGIO SUPERVISIONADO		
T2											ESTÁGIO SUPERVISIONADO		
N1	Lab. de Projeto: territórios		Teorias da Imagem		SIM nas artes contemporâneas		Cor, forma, Imagem (LAB)				Práticas do desenho (LAB)	SIM	
N2	Lab. de Projeto: territórios		Teorias da Imagem		Autoria, direitos autorais e legislação		Cor, forma, Imagem (LAB)				Práticas do desenho (LAB)	ARTE E PRODUÇÃO SONORA	
												ARTES VISUAIS	
												120	
												AUDIOVISUAL	
2													
	SEG 1	SEG 2	TER 1	TER 2	QUA 1	QUA 2	QUI 1	QUI 2	SEX 1	SEX 2	SAB		
H1											OFICINA: práticas em fotografia e vídeo		
H2											OFICINA: práticas em fotografia e vídeo		
T1											ESTÁGIO SUPERVISIONADO		
T2											ESTÁGIO SUPERVISIONADO		
N1	Lab. de Projeto: tecnopolíticas		Teorias do som		Gavacão, captura e edição digital de vídeo (LAB) *		Arqueologia da Imagem e da Imagem...				Criação editorial (LAB)	SIM	
N2	Lab. de Projeto: tecnopolíticas		Teorias do som		Gavacão, captura e edição digital de vídeo (LAB) *		Arqueologia da Imagem e da Imagem...				Criação editorial (LAB)	ARTE E PRODUÇÃO SONORA	
												ARTES VISUAIS	
												180	
												AUDIOVISUAL	
3													
	SEG 1	SEG 2	TER 1	TER 2	QUA 1	QUA 2	QUI 1	QUI 2	SEX 1	SEX 2	SAB		
H1											OFICINA: práticas em artes gráficas		
H2											OFICINA: práticas em artes gráficas		
T1											ESTÁGIO SUPERVISIONADO		
T2											ESTÁGIO SUPERVISIONADO		
N1	Lab. de projeto: corporalidades		Teorias da Imagem em movimento		Tipografia (LAB)		Tecnologias de Som/ Imagem aplicadas à cenografia...		LIVRE		Artes gráficas: materiais, suportes e recursos... (LAB)	SIM	
N2	Lab. de projeto: corporalidades		Teorias da Imagem em movimento		Curadoria, memória e arquivamento		Tecnologias de Som/ Imagem aplicadas à cenografia...		Artes e acessibilidade		Artes gráficas: materiais, suportes e recursos... (LAB)	ARTE E PRODUÇÃO SONORA	
												ARTES VISUAIS	
												150	
												AUDIOVISUAL	
4													
	SEG 1	SEG 2	TER 1	TER 2	QUA 1	QUA 2	QUI 1	QUI 2	SEX 1	SEX 2	SAB		
H1											OFICINA: práticas em criação sonora		
H2											OFICINA: práticas em criação sonora		
T1											ESTÁGIO SUPERVISIONADO		
T2											ESTÁGIO SUPERVISIONADO		
N1	Lab. de projeto: narrativas		Imagem fotográfica (LAB)		Arte final em Artes Gráficas (LAB)		Video musical: a imagem para o som (LAB)		Video-dança e vídeo-performance (Com ACC)		Ilustração (LAB)	SIM	
N2	Lab. de projeto: narrativas		Imagem fotográfica (LAB)		Publicação, exibição e distribuição (LAB)		Video musical: a imagem para o som (LAB)		Video-dança e vídeo-performance (Com ACC)		Luz e espaço	ARTE E PRODUÇÃO SONORA	
												ARTES VISUAIS	
												240	
												AUDIOVISUAL	
5													
	SEG 1	SEG 2	TER 1	TER 2	QUA 1	QUA 2	QUI 1	QUI 2	SEX 1	SEX 2	SAB	SAB	
H1											OFICINA: práticas em fotografia e vídeo	TCC	
H2											OFICINA: práticas em fotografia e vídeo	TCC	
T1											ESTÁGIO SUPERVISIONADO		
T2											ESTÁGIO SUPERVISIONADO		
N1	Aúdio-vídeo, interfaces físicas e instalação		Arte e documento		OPATIVAS: Criação e composição sonora (LAB)		OPATIVAS: Oficina de labera expressiva...		Proj. criação do lab. em artes do corpo e multimídia (C/ ACC)		Montagem e edição (LAB)	Roteiro e narrativas em Imagem, som e hipermdia (LAB)	Estudos sobre cenografia e figurino
N2	Aúdio-vídeo, interfaces físicas e instalação		Arte e documento		OPATIVAS: Criação e composição sonora (LAB)		OPATIVAS: Oficina de labera expressiva...		Proj. criação do lab. em artes do corpo e multimídia (C/ ACC)		Montagem e edição (LAB)	Roteiro e narrativas em Imagem, som e hipermdia (LAB)	Estudos sobre cenografia e figurino
												SIM	
												ARTE E PRODUÇÃO SONORA	
												ARTES VISUAIS	
												240	
												AUDIOVISUAL	
												TOTAL ATÉ O 5	
												0	
												0	
												930	
												0	
6													
	SEG 1	SEG 2	TER 1	TER 2	QUA 1	QUA 2	QUI 1	QUI 2	SEX 1	SEX 2	SAB	SAB	
H1											OFICINA: práticas em artes gráficas	TCC	
H2											OFICINA: práticas em artes gráficas	TCC	
T1											ESTÁGIO SUPERVISIONADO		
T2											ESTÁGIO SUPERVISIONADO		
N1	OPATIVAS: Tribu sonora e desenho de sons (LAB)		Direção e criação (LAB)		Técnicas de animação (LAB)		Projeto e produção				OPATIVAS: A Inspiração de luz nas artes do corpo	SIM	
N2	OPATIVAS: Tribu sonora e desenho de sons (LAB)		Direção e criação (LAB)		Técnicas de animação (LAB)		Projeto e produção				OPATIVAS: A Inspiração de luz nas artes do corpo	ARTE E PRODUÇÃO SONORA	
												ARTES VISUAIS	
												180	
												AUDIOVISUAL	
												TOTAL ATÉ O 6	
												0	
												0	
												1110	
												0	

PERCURSOS AUDIOVISUAL

LEGENDA:

ORIGINAIS	AUDIOVISUAL	AUDIOVISUAL OPÇÃO B	OFICINAS	HORAS TOTAIS DO PERCURSO	OPATIVAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO
-----------	-------------	------------------------	----------	-----------------------------	----------	---------------------------

ESTUDANTES PRECISAM
COMPLETAR 900 HORAS DOS
CCS EM VERDE PARA ESTA
HABILITAÇÃO. GRADUAÇÃO
POSSÍVEL NO 5
QUADRIMESTRE, CONFORTÁVEL
NO 6.

1												
	SEG 1	SEG 2	TER 1	TER 2	QUA 1	QUA 2	QUI 1	QUI 2	SEX 1	SEX 2	SAB	
H.1											OFICINA: práticas em criação sonora	
H.2											OFICINA: práticas em criação sonora	
T.1											ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
T.2											ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
N.1	Lab. de Projeto: territórios		Teorias da Imagem		SIM nas artes contemporâneas		Coz, forma, Imagem (LAB)				Captação e edição digital de áudio (LAB)*	
N.2	Lab. de Projeto: territórios		Teorias da Imagem		Autoria, direitos autorais e legislação		Coz, forma, Imagem (LAB)				Captação e edição digital de áudio (LAB)*	
120												
2												
	SEG 1	SEG 2	TER 1	TER 2	QUA 1	QUA 2	QUI 1	QUI 2	SEX 1	SEX 2	SAB	
H.1											OFICINA: práticas em fotografia e vídeo	
H.2											OFICINA: práticas em fotografia e vídeo	
T.1											ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
T.2											ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
N.1	Lab. de Projeto: tecnopolíticas		Teorias do som		Gravação, captura e edição digital de vídeo (LAB)		Arqueologia da Imagem e da Imagem...	LIVRE			Arqueologia do som	
N.2	Lab. de Projeto: tecnopolíticas		Teorias do som		Gravação, captura e edição digital de vídeo (LAB)		Arqueologia da Imagem e da Imagem...	Literatura e cinema: trad. intersemiótica e reatualização			Arqueologia do som	
180												
3												
	SEG 1	SEG 2	TER 1	TER 2	QUA 1	QUA 2	QUI 1	QUI 2	SEX 1	SEX 2	SAB	
H.1											OFICINA: práticas em artes gráficas	
H.2											OFICINA: práticas em artes gráficas	
T.1											ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
T.2											ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
N.1	Lab. de projeto: corporalidades		Teorias da Imagem em movimento		OPTATIVA: Tipografia		Tecnologias de Som/ Imagem aplicadas à cenografia...	LIVRE			Acústica	
N.2	Lab. de projeto: corporalidades		Teorias da Imagem em movimento		Curador, memória e arquivamento		Tecnologias de Som/ Imagem aplicadas à cenografia...	Arte e acessibilidade			Sons e materiais/álcool (LAB)	
150												
4												
	SEG 1	SEG 2	TER 1	TER 2	QUA 1	QUA 2	QUI 1	QUI 2	SEX 1	SEX 2	SAB	
H.1											OFICINA: práticas em criação sonora	
H.2											OFICINA: práticas em criação sonora	
T.1											ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
T.2											ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
N.1	Lab. de projeto: narrativas		Imagem fotográfica (LAB)		LIVRE	Vídeo musical: a imagem para o som (LAB)	Mixagem e masterização (LAB)	Vídeo-dança e vídeo-performance (Com ACC)	OPTATIVA: Ilustração		Arte final em vídeo (LAB)	
N.2	Lab. de projeto: narrativas		Imagem fotográfica (LAB)		Publicação, exibição e distribuição (LAB)	Vídeo musical: a imagem para o som (LAB)	Mixagem e masterização (LAB)	Vídeo-dança e vídeo-performance (Com ACC)	Luz e espaço		Arte final em som (LAB)	
240												
5												
	SEG 1	SEG 2	TER 1	TER 2	QUA 1	QUA 2	QUI 1	QUI 2	SEX 1	SEX 2	SAB	SAB
H.1											OFICINA: práticas em fotografia e vídeo	TCC
H.2											OFICINA: práticas em fotografia e vídeo	TCC
T.1											ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
T.2											ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
N.1	Aúdio-vídeo, interface física e instalação		Arte e documento		Criação e composição sonora (LAB)	Oficina de leitura expressiva e narração oral	Montagem e edição (LAB)	Proj. criação do lab. em artes do corpo e multimídia (C/ ACC)	Robô e narrativas em Imagem, som e Hipermídia (LAB)		Estudos sobre cenografia e figurino	
N.2	Aúdio-vídeo, interface física e instalação		Arte e documento		Criação e composição sonora (LAB)	LIVRE	Montagem e edição (LAB)	Proj. criação do lab. em artes do corpo e multimídia (C/ ACC)	Robô e narrativas em Imagem, som e Hipermídia (LAB)		Estudos sobre cenografia e figurino	
300												
TOTAL ATÉ O 5												
0 0 0 990												
6												
	SEG 1	SEG 2	TER 1	TER 2	QUA 1	QUA 2	QUI 1	QUI 2	SEX 1	SEX 2	SAB	SAB
H.1											OFICINA: práticas em artes gráficas	TCC
H.2											OFICINA: práticas em artes gráficas	TCC
T.1											ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
T.2											ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
N.1	Título sonora e desenho de som (LAB)		Direção e criação (LAB)		Técnicas de animação (LAB)		Projeto e produção				A linguagem da luz nas artes do corpo	
N.2	Título sonora e desenho de som (LAB)		Direção e criação (LAB)		Técnicas de animação (LAB)		Projeto e produção				A linguagem da luz nas artes do corpo	
300												
TOTAL ATÉ O 6												
0 0 0 1290												

10. PROPOSTA PEDAGÓGICA

O SIM — Som, Imagem e Movimento, como curso de segundo ciclo que dá continuidade a uma formação interdisciplinar, se propõe a expandir as bases de uma formação artística ampla e arejada, mas ao mesmo tempo aprofundar em práticas, conceitos e teorias específicas das artes do som, da imagem e da imagem em movimento. É o momento na formação do/da estudante em que o amplo horizonte de possibilidades se define melhor em um campo mais específico. Além desse foco mais restrito, práticas e técnicas específicas da produção da imagem e do som são aprofundadas e tratadas com muito mais dedicação.

É dessa concepção fundadora que este PPC apresenta um amplo leque de práticas e técnicas em forma de Componentes Curriculares chamados de Laboratórios, identificados na matriz pela abreviação LAB, entre parênteses, e que permitirá ao/à estudante aprofundar os conhecimentos abordados superficialmente durante o LI e/ou BI.

Lista de LABs do SIM

Cor, forma, imagem (LAB)	60
Trilha sonora e desenho de som (LAB)	60
Direção e criação (LAB)	60
Arte final em som (LAB)	30
Captação e edição digital de áudio (LAB)	60
Gravação, captura e edição digital de vídeo (LAB)	60
Criação e composição sonora (LAB)	60
Mixagem e masterização (LAB)	60
Roteiro e narrativas em imagem, som e hipermídia (LAB)	60
Áudio-vídeo, interfaces físicas e instalação (LAB)	60
Publicação, exibição e distribuição (LAB)	30
Vídeo musical: a imagem para o som (LAB)	60
Sons e materialidades (LAB)	30
Arte final em som (LAB)	30
Arte final em vídeo (LAB)	30
Imagem fotográfica (LAB)	60
Vídeo musical: a imagem para o som (LAB)	60
Montagem e edição (LAB)	60
Áudio-vídeo, interfaces físicas e instalação (LAB)	60
Técnicas de animação (LAB)	60
Criação editorial (LAB)	60
Arte final em artes gráficas (LAB)	30
Tipografia (LAB)	30
Ilustração (LAB)	30

Esses espaços de exercícios práticos, criativos e permeados por saberes e técnicas do fazer são complementados pelos Laboratórios de Projetos, focados em 4 dispositivos temáticos mais 2 TCCs com temáticas livres:

Territórios	60
Tecnopolíticas	60
Corporalidades	60

Narrativas 60

TCC 1

TCC 2

Aqui a escolha dos temas não é aleatória, e permite aprofundar aspectos importantes da formação do/da estudante na UFSB e no SIM, como, no caso do *Lab. de Projetos — Territórios*, o vínculo e o pensamento sobre a localidade, o global e a importância do território na constituição do sentido e das condições políticas do mundo em que vivemos, e na constituição dos processos de criação artística contemporâneos. A temática da tecnologia e da política aparece no *Lab. de Projetos — Tecnopolíticas* e visa, por sua vez, dar vazão, em forma de projetos artísticos, às reflexões que implicam mutuamente a arte e a tecnologia e que já foram tecidas na contextualização, justificativa e fundamentação teórica deste PPC. *Lab. de Projetos — Corporalidades* busca a sensibilização do artista para a presença do corpo nas artes do som e da imagem, bem como explorar as possibilidades estéticas aí abertas. Aqui trata-se ainda de aprofundar as relações e realizações conjuntas entre o SIM e o curso Artes do Corpo em Cena, já evidenciadas no Perfil do Curso deste PPC. Por fim, o *Lab. de Projetos — Narrativas* busca oferecer ao/à estudante a oportunidade de trabalhar teorias das narrativas, teorias do roteiro, a contação de histórias, o documentário, o ficcional, a criação da cena, do cenário, da animação, etc. no âmbito de um projeto artístico individual ou coletivo.

Nesses espaços de desenvolvimentos de projetos coletivos ou individuais, teoria e prática são indissociáveis. Os aspectos técnicos abordados nos LABs são aqui trazidos para o contexto de cada projeto, a partir de suas singularidades, da motivação e do desejo de estudantes e docentes, visando potencializar a ação pedagógica e artístico-investigativa, o que inclui necessariamente a pesquisa. Constrói-se assim uma experiência significativa para a formação em Artes, em que ao mesmo tempo práticas pedagógicas no âmbito da criação artística e desenvolvimento de projetos dialogam com componentes curriculares teóricos e práticos e com os Estágios Supervisionados.

Um elemento essencial da proposta dos Laboratórios de Projetos consiste no desenvolvimento de ações em parcerias, internas e externas, operadas em diferentes níveis institucionais. O estudante será incentivado a ir a campo, a conhecer o entorno, e tecer vínculos e parcerias com comunidades, artistas, instituições no desenvolvimento de seus projetos. Nota-se que também o Estágio Supervisionado é um elemento importante que oferece essa possibilidade de atuação do/a estudantes além do espaço da Universidade.

Um outro aspecto importante da proposta pedagógica se dá na interação de CCs entre o curso Artes do Corpo em Cena e SIM. Uma parte significativa dos CCs em nossa matriz é ofertada em parceria com o Artes do Corpo em Cena. São eles:

Vídeo-dança e vídeo-performance 60
 Estudos sobre cenografia e figurino 60
 Tecnologias de som/imagem aplicadas à cenografia, ambientações e instalações 60
 Projeto de criação do Laboratório em Artes do corpo e multimídia 60
 Oficina de leitura expressiva e narração oral 30
 A linguagem da luz nas artes do corpo 60
 Estudos sobre cenografia e figurino 60

Oficina de técnica e expressão vocal 30
 Oficina de canto para a cena 30
 Oficina de poéticas da oralidade 30

Flexibilidade e autonomia

Como sujeito ativo do processo de aprendizagem, o estudante deve ser acompanhado e motivado a desenvolver a autonomia nas suas escolhas e direcionamentos durante o curso, visto que essa é uma condição básica para a consolidação da sua competência para aprender a aprender. A conquista de tal competência é absolutamente necessária a sujeitos que atuarão em uma realidade complexa em permanente transformação. Assim, será possível para o/a estudante se posicionar mediante a escolha de Componentes Curriculares, dentre uma proporção significativa de conteúdos de natureza optativa durante o curso, possibilitando-lhe definir, em parte, o seu percurso de aprendizagem. Com esse intuito, no SIM não há pré-requisitos, e o número de CCs obrigatórios foi reduzido ao máximo. Enquanto o/a estudante pode formar-se em uma habilitação, embora ainda lançando mão de um percurso mais flexível, ele/ela pode optar por não focar numa habilitação, ganhando mais liberdade para compor seus percursos formativos.

Na relação com colegas, assim como com os docentes e servidores técnico-administrativos, é fundamental que o/a estudante esteja aberto à interação, compartilhe o respeito às diferenças, desenvolva habilidade de lidar com o outro em sua totalidade, incluindo suas emoções. Entende-se que a experiência de ser universitário deve ser vivenciada em sua plenitude, envolvendo a participação em entidades de categoria, instâncias decisórias, grupos de pesquisa, projetos de cooperação técnica e de integração social, eventos socioculturais e artísticos, entre outros fóruns de discussão e diferentes atividades.

11 ATIVIDADES COMPLEMENTARES

A validação das Atividades Complementares no SIM — Som, Imagem e Movimento deve seguir as seguintes diretrizes:

A carga horária mínima obrigatória destinada às Atividades Complementares na Licenciatura Interdisciplinar em Artes e suas Tecnologias será de 240 (duzentas e quarenta) horas.

Os casos omissos e de adaptação curricular (“Outros”, na tabela abaixo) serão resolvidos pelos Colegiados do SIM, conforme o Artigo 8º. da Res. 16/2015 do CONSUNI.

Segue abaixo quadro de atividades e respectivas pontuações para o cálculo das Atividades Complementares do SIM:

ATIVIDADES COMPLEMENTARES

HUMANA E SOCIAL	CARGA HORÁRIA VÁLIDA
Participação em atividades esportivas	Carga horária total da atividade, limitadas a 150h
Participação em projetos ou ações sociais promovidas pela UFSB, ou por ela reconhecidos, ou ações de voluntariado	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC, até no máximo 150h
Participação efetiva em trabalhos voluntários ou beneficentes, atividades comunitárias, CIPAs, associações de bairros ou similares, brigadas de incêndio, associações escolares ou similares	Carga horária total da atividade, limitadas a 150h
Atuação como instrutor em palestras técnicas, seminários, desde que não remunerados e de interesse da sociedade	Carga horária total da atividade, limitadas a 150h
Engajamento como docente não remunerado em cursos preparatórios, de reforço escolar ou outros cursos de formação	Carga horária total da atividade, limitadas a 150h
Participação em atividades de extensão, não remunerados, e de interesse social	Carga horária do certificado de participação, limitadas a 150h
Participação em projetos institucionais multidisciplinares ou interdisciplinares	Carga horária máxima do certificado de participação, limitadas a 150h
OUTROS (ESPECIFICAR)	
Modo de comprovação: Certificado da instituição responsável.	
ACADÊMICA	CARGA HORÁRIA VÁLIDA
Participação em atividades de Orientação Acadêmica	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC, até no máximo 150h
Participação em eventos de natureza acadêmica, de divulgação ou de atualização cultural, internos ou externos à UFSB	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC. Média: 4 horas por evento, até no máximo 150h
Participação em Palestras, Conferências	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC. Média: 2 horas por palestra, até no máximo 150h
Participação em Congressos, Simpósios, Fóruns, Encontros, Colóquios, Seminários,	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC. Média: 8 horas por evento, até no máximo 150h

Participação em Cursos de componentes curriculares desta ou de outras instituições.	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC, até no máximo 150h
Participação em Cursos, Oficinas, Ateliês livres ou de outras instituições para aperfeiçoamento técnico	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC, até no máximo 150h
Participação em projetos de pesquisa, Iniciação Científica, Bolsa de Auxílio à Permanência	Carga horária máxima proporcional de IC de 120h por ano, até no máximo 150h
Participação em comissões de organização de eventos e atividades didáticas, artísticas, científicas ou culturais na UFSB	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC, até no máximo 150h
Publicação de resumos em eventos de caráter técnico-científico-artístico (autoria ou co-autoria)	10h por resumo publicado, até no máximo 150h
Publicação em Anais de eventos de caráter técnico-científico-artístico (autoria ou co-autoria)	25h por artigo publicado em Anais, até no máximo 150h
Monitoria, Iniciação à Docência	Carga horária máxima proporcional de IC de 120h por ano, até no máximo 150h
Cursos de Línguas	Até no máximo 150h
Participação em atividades de divulgação do Projeto da UFSB	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC, até no máximo 150h
<p>Modo de comprovação: Para o caso da Orientação Acadêmica vale o registro de “Aprovado” no histórico escolar. Declaração da coordenação do evento, com carga horária, local, período e profissional responsável pela atividade. No caso de resumo ou artigo publicado, o comprovante é o próprio objeto da publicação.</p>	
PROFISSIONAL	CARGA HORÁRIA VÁLIDA
Participação (como espectador) em eventos de natureza artística, de divulgação ou de atualização cultural, internos ou externos à UFSB	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC, até no máximo 150h
Participação (como espectador) em filmes e espetáculos, concertos, teatro, dança, festivais de cinema, etc.	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC, até no máximo 150h
Visitas a Exposições de Arte, Bienais etc.	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC, até no máximo 150h
Visitas a mestres dos saberes e/ou a comunidades tradicionais	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC, até no máximo 150h

Produção e/ou montagem/curadoria de exposição, espetáculo de teatro, espetáculo de dança, performance, trabalho em backstage, cenários, figurinos, outros	30h por montagem, até no máximo 150h
Produção de exposição autoral	30h por exposição, até no máximo 150h
Proferir palestra, ministrar curso, treinamento ou oficina sobre temas relacionados à Cidadania e ao âmbito profissional e ético das Artes	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC, até no máximo 150h
Realização de Entrevistas e visitas técnicas a artistas e/ou grupos artísticos	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC. Média: 4 horas por visita, até no máximo 150h
Estágio não obrigatório na área do curso ou trabalho com vínculo empregatício na área do curso	Carga horária máxima proporcional de estágio (ou vínculo empregatício) de 120h por ano, até no máximo 150h
Trabalho como empreendedor na área do curso	Carga horária máxima de 150h
<p>Modo de comprovação: Para eventos artístico-culturais: folder, folheto, programa ou bilhete, documentação fotográfica, acompanhado de relatório para cada evento conforme modelo em anexo. Para atividades e eventos, o certificado, Atestado ou Declaração com carga horária, local, período e profissional responsável pela atividade. No caso de exposição autoral, além da Declaração do professor responsável, relatório sucinto acompanhado dos materiais de divulgação.</p>	
POLÍTICA ESTUDANTIL	CARGA HORÁRIA VÁLIDA
Participação em Diretórios, Centros Acadêmicos, Entidades de Classe, Conselhos e Colegiados da UFSB	15h por participação anual, até no máximo 150h
Participação em Órgãos e Entidades de Classe na sociedade.	Para cada hora de atividade comprovada será computada 1 hora de AC, até no máximo 150h
Outros	Até o máximo de 150h

12. ESTÁGIO CURRICULAR

No curso Som, Imagem e Movimento, o cumprimento de 180 horas de Estágio Supervisionado é obrigatório para o formando em Som, Imagem e Movimento e para todas as habilitações.

O artigo 2o da Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008, que dispõe sobre o estágio de estudantes, diz o seguinte:

§ 3o As atividades de extensão, de monitorias e de iniciação científica na educação superior, desenvolvidas pelo estudante, somente poderão ser equiparadas ao estágio em caso de previsão no projeto pedagógico do curso.

No SIM, equipararemos tais atividades — atividades de extensão, de monitorias e de iniciação científica — a Estágio Supervisionado, cientes de que o aprendizado prático pode se dar em uma pluralidade de contextos e situações (mais abaixo oferecemos uma lista de todas as atividades que podem ser consideradas Estágio).

No artigo 3o a Lei n. 11.788 diz que o estágio não cria vínculo empregatício de qualquer natureza, observados os seguintes requisitos:

I — matrícula e frequência regular do educando em curso de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e nos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos e atestados pela instituição de ensino;

II — celebração de termo de compromisso entre o educando, a parte concedente do estágio e a instituição de ensino;

III — compatibilidade entre as atividades desenvolvidas no estágio e aquelas previstas no termo de compromisso.

§ 1o O estágio, como ato educativo escolar supervisionado, deverá ter acompanhamento efetivo pelo professor orientador da instituição de ensino e por supervisor da parte concedente, comprovado por vistos nos relatórios referidos no inciso IV do caput do art. 7o desta Lei e por menção de aprovação final.

O Centro de Formação em Artes da UFSB, juntamente do SIM, deve celebrar os devidos convênios de Estágio Supervisionado com instituições, produtoras, agências, estúdios e espaços de cultura que possam receber os/as estudantes, respeitando-se os requisitos acima, e em conformidade com os seguintes artigos da Lei:

Art. 8o É facultado às instituições de ensino celebrar com entes públicos e privados convênio de concessão de estágio, nos quais se explicitem o processo educativo compreendido nas atividades

programadas para seus educandos e as condições de que tratam os arts. 6o a 14o desta Lei.

Art. 12o O estagiário poderá receber bolsa ou outra forma de contraprestação que venha a ser acordada, sendo compulsória a sua concessão, bem como a do auxílio-transporte, na hipótese de estágio não obrigatório.

Observa-se que, como os Estágios no SIM são obrigatórios, não há portanto obrigatoriedade de se oferecer bolsas. Contudo, sempre que possível bolsas devem ser oferecidas.

Note-se ainda, nos incisos do art. 7o, as obrigações das instituições de ensino, em relação aos estágios de seus educandos:

I — celebrar termo de compromisso com o educando ou com seu representante ou assistente legal, quando ele for absoluta ou relativamente incapaz, e com a parte concedente, indicando as condições de adequação do estágio à proposta pedagógica do curso, à etapa e modalidade da formação escolar do estudante e ao horário e calendário escolar;

II — avaliar as instalações da parte concedente do estágio e sua adequação à formação cultural e profissional do educando;

III — indicar professor orientador, da área a ser desenvolvida no estágio, como responsável pelo acompanhamento e avaliação das atividades do estagiário;

IV — exigir do educando a apresentação periódica, em prazo não superior a 6 (seis) meses, de relatório das atividades;

V — zelar pelo cumprimento do termo de compromisso, reorientando o estagiário para outro local em caso de descumprimento de suas normas;

VI — elaborar normas complementares e instrumentos de avaliação dos estágios de seus educandos;

VII — comunicar à parte concedente do estágio, no início do período letivo, as datas de realização de avaliações escolares ou acadêmicas.

Por fim, deve-se lembrar o que reza esta Lei no que concerne ao plano de atividades do estagiário: ele deve ser elaborado “em acordo das 3 (três) partes a que se refere o inciso II do *caput* do art. 3o desta Lei, será incorporado ao termo de compromisso por meio de aditivos à medida que for avaliado, progressivamente, o desempenho do estudante”.

A resolução n. 10, de 27 de junho de 2006, do Conselho Nacional de Educação, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação de *Cinema e Audiovisual* e dá outras providências, diz o seguinte:

Art. 7º O estágio consiste em estudos e atividades práticas realizados pelo aluno dentro ou fora da unidade em que o curso é ministrado, sob a supervisão de um docente, e que permitem ao discente atuar diretamente no mercado profissional e na iniciação à pesquisa e ao ensino, podendo consistir de:

- a) programas especiais de capacitação;
- b) monitorias;
- c) práticas em laboratórios, além daquelas previstas no currículo regular;
- d) atividades de extensão;
- e) atividades de pesquisa;
- f) trabalho regular em empresas e/ou instituições do setor audiovisual;
- g) trabalho temporário em equipes de produção;
- h) participação em equipes de projetos, entre outras;
- i) intercâmbios universitários;
- j) atividades em incubadoras de empresas.

Parágrafo único. Recomenda-se que os estágios voltados para a inserção profissional do aluno estejam em sintonia com as ênfases ou as especializações oferecidas pelo curso, especialmente aqueles voltados para a produção de obras audiovisuais, possibilitando ao aluno o desempenho de tarefas nas áreas seguintes: direção, captação de imagem ou som, direção de arte, organização e gestão da produção e montagem/edição.

A resolução n. 1, de 16 de janeiro de 2009, do Conselho Nacional de Educação, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação de *Artes Visuais* e dá outras providências, diz o seguinte:

Art. 7º O Estágio Supervisionado é componente curricular não obrigatório, direcionado à consolidação de determinados desempenhos profissionais, inerentes ao perfil do formando.

§ 1º Para incluir o Estágio Supervisionado no currículo do curso de graduação em Artes Visuais, a Instituição deverá expedir regulamentação própria, aprovada pelo seu Conselho Superior Acadêmico, contendo, obrigatoriamente, critérios, procedimentos e mecanismos de avaliação.

§ 2º O estágio de que trata este artigo poderá ser realizado na própria Instituição de Ensino Superior, em laboratórios e outros ambientes que congreguem as diversas atividades inerentes à área de Artes Visuais e campos correlatos, em suas múltiplas manifestações.

Tais diretrizes, portanto, estão em sintonia com as diretrizes previstas no Conselho Nacional de Educação para o Audiovisual e com a Lei n. 11.788.

Para a habilitação em Arte e Produção Sonora, na falta de resolução específica para essa formação superior, consideramos o previsto na Resolução de 8 de março de 2004, que aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Música e dá outras providências, principalmente no que concerne às seguintes diretrizes no parágrafo 3o do artigo 7:

§ 3o Optando a Instituição por incluir, no currículo do curso de Graduação em Música, o estágio supervisionado de que trata este artigo, deverá emitir regulamentação própria, aprovada pelo seu Conselho Superior Acadêmico, contento, obrigatoriamente, critérios, procedimentos e mecanismos de avaliação, observado o disposto no parágrafo precedente.

O Estágio Supervisionado no SIM deve considerar atentamente todas as notações legais supra relatadas, as indicações deste PPC, e as especificidades do SIM. Deve-se ainda observar as diretrizes dispostas na Resolução n. 21 de 2015 da UFSB, que detalha os procedimentos necessários para o Estágio Supervisionando na instituição.

Note-se ainda que as atividades abaixo relacionadas, retiradas da resolução n. 10, de 27 de junho de 2006, do Conselho Nacional de Educação, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação de Cinema e Audiovisual, **contarão como horas de Estágio para todas as habilitações do SIM:**

- a) programas especiais de capacitação;
- b) monitorias;
- c) práticas em laboratórios, além daquelas previstas no currículo regular;
- d) atividades de extensão;
- e) atividades de pesquisa;
- f) trabalho regular em empresas e/ou instituições criativas no campo do som, da imagem e da imagem em movimento;
- g) trabalho temporário em equipes de produção;
- h) participação em equipes de projetos, entre outras;
- i) intercâmbios universitários;
- j) atividades em incubadoras de empresas.

Essas atividades poderão ser desempenhadas nos laboratórios do CFA na UFSB, em qualquer um de seus *campi*, ou em instituições com as quais o CFA e/ou a UFSB possua convênio, nas cidades em que seus *campi* estão presentes. No caso de o Estágio estiver sendo cursado fora da cidade sede do CFA (Porto Seguro), um professor do CFA no *campus* em que o/a estudante está matriculado deve orientar o Estágio Supervisionado.

O Estágio Supervisionado no SIM constitui-se de 3 componentes curriculares (CCs) de 60 horas, sendo cada estudante matriculado acompanhado por um/a professor/a orientador/a.

Segundo o artigo 10 da Resolução 21/2015 da UFSB, “a realização do Estágio se dá mediante **Termo de Compromisso de Estágio (TCE)** celebrado, no início das atividades de Estágio, entre a/o estudante, a parte concedente e a UFSB, representada pelo/a Coordenador/a de Curso, no qual são definidas as **condições para o Estágio** e o **Plano de Atividades do estagiário**”.

No início de cada Estágio Supervisionado o/a estudante deve preparar, juntamente ao responsável por supervisionar o Estágio na instituição ou no laboratório do CFA (professor/a ou coordenador/a do laboratório), o Plano de Atividades que deve ser aprovado pelo orientador de Estágio do CFA.

Ao final de cada CC de Estágio Supervisionado, o/a estudante deve entregar um **Relatório Final**, que será avaliado pelo/a orientador/a. O/a supervisor/a do Estágio no laboratório ou instituição conveniada deve entregar ao/à professor/a orientador/a uma **Avaliação de Desempenho** do/a estagiário/a. O/a professor/a orientador/a deve avaliar o desempenho do/da estudante no Estágio a partir da análise da sua produção durante o período, a implementação do plano de trabalho previsto, a assiduidade, a Avaliação de Desempenho entregue pelo/a supervisor/a e o Relatório Final entregue pelo/a estagiário/a até 30 dias após o término do Estágio a cada quadrimestre. Ao final, o/a estudante será aprovado ou não aprovado.

Respeitando-se a Resolução 21/2015 da UFSB, art. 24, são atribuições do/a professor/a orientador/a de Estágio no SIM:

- I — Planejar, juntamente com a/o estagiária/o, acompanhar, organizar, coordenar, supervisionar e avaliar as atividades do estágio;
- II — Avaliar as instalações da parte concedente do estágio e sua adequação à formação cultural e profissional da/o educanda/o;
- III — Orientar técnica e pedagogicamente as/os estudantes no desenvolvimento de todas as atividades do estágio;
- IV — Receber e analisar o controle de frequência, relatórios e outros documentos das/os estagiárias/os;
- V — Encaminhar à Secretaria Acadêmica do Campus os documentos relacionados aos estágios;
- VI — Zelar pela celebração e pelo cumprimento do Termo de Compromisso de Estágio;
- VII — Informar à parte concedente do estágio as datas de realização de avaliações acadêmicas, em conjunto com a Secretaria Acadêmica;
- VIII — Prestar informações adicionais quando solicitada/o.

Ainda de acordo com os artigos 13 a 17 desta Resolução, são direitos e deveres do estagiário:

Art. 13. A jornada de atividade em estágio, a ser cumprida pela/o estudante, deverá compatibilizar-se com o seu horário escolar e com o funcionamento do órgão ou empresa concedente do estágio.

§ 1o A carga horária do estágio é reduzida quando a/o estagiária/o estiver realizando verificações de aprendizagem periódicas ou finais, nos períodos de avaliação, devendo esta cláusula estar estipulada no Termo de Compromisso, para garantir o bom desempenho da/o estudante;

§ 2o A jornada de estágio, nos períodos de férias escolares, deve estar devidamente estabelecida de comum acordo entre o estagiário, a parte concedente do Estágio e a UFSB, e estar presente no Termo de Compromisso;

§ 3o A jornada de atividade em estágio não poderá ultrapassar 6 (seis) horas diárias e 30 (trinta) horas semanais, exceto nos quadrimestres previstos nos Projetos Pedagógicos de Cursos que serão em tempo integral ou em períodos sem aulas;

§ 4o A duração do estágio, na mesma parte concedente, não poderá exceder 2 (dois) anos, exceto quando se tratar de estagiária/o com deficiência;

§ 5o Quadrimestralmente e a cada renovação de Estágio, a/o estudante deve apresentar relatório das atividades aos/às professores/a supervisores/as da instituição e da UFSB, que encaminha o relatório à Secretaria Acadêmica do Campus;

§ 6o O relatório deve conter a avaliação da/o profissional que supervisionou a/o estudante no local do estágio durante a sua realização;

§ 7o Cada renovação do Estágio está condicionada à aprovação do relatório do período anterior pela/o professor/a supervisor/a;

§ 8o A renovação deve ser realizada antes do final da vigência do Estágio, sendo indeferida se for entregue a documentação após o encerramento do prazo de vigência.

Art. 14. Não é permitido à/ao estudante realizar Estágios concomitantes.

Art. 15. A/o estudante, antes de iniciar o Estágio, deve preencher o Plano de Estágio, em conjunto com o/a professor/a supervisor/a e a/o supervisor/a da parte concedente, no qual constam os dados cadastrais da unidade concedente do estágio, as descrições do estágio, uma prévia avaliação da/o estudante e da parte concedente, pelo/a supervisor/a, e as responsabilidades de cada parte.

Art. 16. A cada renovação, ou ao término do estágio, devem ser entregues à Secretaria Acadêmica de cada Campus os seguintes relatórios:

I - Relatório de Atividades do/a Estagiário/a – preenchido pelo/a estagiário/a, com o relato das principais atividades desenvolvidas e sua avaliação das principais aprendizagens, problemas enfrentados e sugestões para o/a professor/a supervisor/a, com vista obrigatória ao/à professor/a supervisor/a e ao/à supervisor/a da parte concedente;

II - Relatório de Atividades da Parte Concedente — preenchido pela parte concedente, com relato das atividades desenvolvidas pelo/a estagiário/a e as principais contribuições e recomendações para o desenvolvimento do/a estagiário/a;

III - Termo de Realização de Estágio — preenchido pela parte concedente com a avaliação de desempenho do/a estagiário/a.

Art. 17. O/a estagiário/a deve entregar, até 30 (trinta) dias após o final do estágio, um relatório final contendo as atividades desenvolvidas, a avaliação do estágio, as principais aprendizagens, devendo o Relatório ser aprovado pelo/a supervisor/a e pela parte concedente, podendo variar o modelo de relatório de acordo com cada Colegiado de Curso.

Obs.: Para o conteúdo completo das definições e diretrizes da Resolução 21/2015, favor consultar o site da UFSB, seção de Resoluções.

Obs. 2: Para mais detalhes sobre o funcionamento do Estágio Supervisionado no CFA, ver Resolução CFA 001/2018 no site oficial do curso em ufsb.edu.br.

13. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A finalização da formação acadêmica profissionalizante do Curso de Bacharelado SIM se concretiza pela produção de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) pelo/a estudante, sob a orientação de um/a professor/a do Centro de Formação em Artes da UFSB com a possibilidade de um co-orientador, professor da UFSB, e sua avaliação por uma banca *ad hoc*.

A materialização do processo formativo através de um produto efetivo de sons, de imagens, de imagens em movimento, associada a uma reflexão crítica sobre o processo de produção ou por uma reflexão teórica acerca de questões referentes ao som, a imagem e as imagens em movimento no sentido mais amplo da acepção desses termos constitui uma etapa decisiva na vida acadêmica dos estudantes que, além de comprovar seu processo de aprendizagem e concluir seu ciclo de formação, têm aqui a possibilidade de lançar sua produção ao mundo, bem como para o curso que assim constrói um acervo de suas atividades e posiciona sua identidade.

Entre as diversas possibilidades de produtos a serem desenvolvidos para o TCC podemos enumerar: filmes documentários, filmes de ficção, produção sonora, produção sonora musical, produção sonora para o audiovisual e para a cena, produção gráfica, desenho, pintura, ilustração, editoração de sons, textos, imagens, imagens em movimento, etc.

Tendo em vista a dimensão de equipe ou de coletividade que pode ser necessária para muitas dessas produções, os trabalhos poderão ser desenvolvidos individualmente ou em parceria com outros estudantes.

O estudante cursará dois quadrimestres de TCC, sendo o primeiro dedicado ao desenvolvimento do projeto e início de sua preparação e execução, e o segundo ao desenvolvimento do projeto e sua apresentação. O projeto de TCC apresentará os objetivos do trabalho, a justificativa, as metodologias a serem seguidas, as referências artísticas e as referências bibliográficas, assim como o nome do orientador e do possível co-orientador. Tendo em vista a sequência de 4 laboratórios de desenvolvimento de projetos cursados por cada estudante antes de apresentar seu Projeto de TCC, este consiste numa proposta de culminância do processo de formação artística desenvolvido ao longo do curso que se efetiva num produto artístico com memorial descritivo ou de reflexão teórica na forma de monografia. O projeto de TCC será avaliado por uma banca, indicada pelo orientador/a e o/a estudante, e homologada pelo colegiado do curso.

O desenvolvimento do TCC se efetua em 2 Componentes Curriculares de 60 horas (TCC 1 e TCC 2) e duração de um quadrimestre cada. A repartição da carga horária de trabalho e dos encontros entre estudante e orientador se dará em concordância entre os dois.

O TCC de cada estudante será avaliado por uma banca convidada pelo orientador e o estudante e composta pelo orientador do trabalho e mais dois membros sendo um deles professor do CFA e o outro podendo ser um profissional convidado da área de pertinência do trabalho apresentado e com titulação mínima de graduação. Um mestre de saberes tradicionais ou um membro da comunidade onde o trabalho foi desenvolvido poderá ser convidado a integrar a banca. O eventual co-orientador será também convidado a integrar a banca. As bancas de defesa serão realizadas em sessões públicas e os trabalhos desenvolvidos para o TCC de cada estudante deverão ter uma exposição ou exibição pública individual ou coletiva.

A avaliação do TCC de cada estudante será realizada pela banca seguindo critérios gerais estabelecidos pelo colegiado de curso e divulgado para a comunidade do SIM.

14. SISTEMA DE CREDITAÇÃO

A UFSB adota um regime de creditação compatível com o European Credit Transfer System (ECTS), vigente no Espaço Europeu de Ensino Superior, com dois principais objetivos:

- Acolher com respeito e flexibilidade diferentes tipos de aquisição de conhecimentos e habilidades: formais, não-formais e informais, apresentados

pelo estudante e devidamente atestados por um docente orientador e pelo Colegiado de Curso;

- Permitir e valorizar a mobilidade internacional dos estudantes da UFSB, favorecendo o reconhecimento de diplomas e certificados.

O ECTS define sua creditação da seguinte maneira: ano acadêmico = 60 créditos; semestre = 30 créditos; trimestre = 20 créditos. Como a UFSB tem regime quadrimestral, cada quadrimestre corresponderá a 20 créditos.

Na UFSB, cada CC possui Carga horária + Crédito, onde CH é o número de horas semanais de aulas e atividades presenciais ou metapresenciais, incluindo trabalho de laboratório, aulas práticas, aulas de exercícios ou estudos dirigidos, realizadas na Universidade. Uma unidade de crédito (Cr) equivale a 15 horas de trabalho acadêmico ou demonstração de domínio de conhecimento, competência ou habilidade, validados pelo Colegiado. Nesse sistema, o crédito é atribuído ao CC ou atividade de um programa de estudos ou curso. O número de créditos de cada CC ou atividade pode variar em cada curso, a depender da importância atribuída ao volume de trabalho necessário para que o estudante consiga atingir os resultados exigidos no respectivo Projeto Pedagógico do Curso.

A principal característica desse sistema de creditação diz respeito à centralidade do processo ensino-aprendizagem, ao invés do sistema tradicional de ensino centrado na figura do professor e em conteúdos e tarefas prefixados. Contudo, a atribuição de créditos não deve variar de estudante para estudante, considerando-se a unidade pedagógica (atividade, CC ou curso). O crédito, como exposto acima, certifica a atividade e não o estudante e sua notação não será adaptada conforme o estudante tenha apresentado uma performance que se diferencia em qualidade (para mais ou para menos). Este é papel da nota ou conceito e não do crédito.

15. ACESSO AO CURSO, MOBILIDADE E APROVEITAMENTO DE ESTUDOS

15.1 Acessibilidade e diversidade

A UFSB atua na perspectiva da acessibilidade considerando um processo inclusivo que compreenda uma visão de que a diversidade humana seja acolhida. Sendo assim, o conceito de acessibilidade aparece de forma ampla, e não apenas restrito a questões físicas e arquitetônicas, uma vez que o vocábulo expressa um conjunto de dimensões diversas, complementares e indispensáveis para que haja um processo de efetiva inclusão (INEP, 2013).

Para tanto, embora a UFSB seja uma universidade nova, ainda em pleno processo de consolidação de sua estrutura física e de seu quadro de recursos humanos compatíveis com suas metas e funções sociais, o compromisso com a implantação da formação inclusiva e com o atendimento dos dispositivos legais encontram-se contemplados em diferentes perspectivas a serem consolidadas na estrutura universitária.

Para cumprir a regulamentação das Políticas de Inclusão (Dec. N° 5.296/2004) e da legislação relativa às questões étnico-raciais (Leis 10.639/03 e 11.645/08; e Resolução CNE/CP N° 01 de 17 de junho de 2004), a UFSB se propõe a atender a essas demandas a partir da inserção destas temáticas como CCs de seus cursos de formação, bem como, em suas atividades de pesquisa e integração social.

Além da transversalidade desses temas nos currículos de formação de BIs e LIs, a UFSB investe em programa de apoio ao discente sobretudo em sua relação direta com a equipe de orientadores e fomenta a participação dos estudantes em intercâmbios nacionais e internacionais e centros acadêmicos.

15.2 Forma de acesso ao Curso

Para estudantes dos cursos de graduação da UFSB

Formados em BI e LI em Artes ou outras graduações da UFSB estão elegíveis a progredir para o bacharelado em Som, Imagem e Movimento do Centro de Formação em Artes.

Terão preferência os candidatos que obtiverem a maior nota numa escala de 0 a 100, tendo em vista os seguintes critérios de pontuação:

A. Formação em artes: 60 pontos

Pontuação máxima (60 pontos) será dada para os/as candidatos/as graduados em BI e LI em Artes. Os/as demais candidatos/as devem pontuar de acordo com a porcentagem de aproveitamento dos CCs optativos, obrigatórios e obrigatórios de escolha restrita do BI e LI em Artes, sendo 1040 horas (CH dos CCs obrigatórios, obrigatórios de escolha restrita e optativos do BI e LI em Artes) considerada 100%.

60 → 1040

Pontuação do candidato → CH em BI e LI Artes do candidato x 60 / 1040

Por exemplo:

Um/uma candidato/a que cursou 510 horas no BI e LI Artes terá a seguinte pontuação:

510 CCs BI e LI Artes vezes 60 dividido por 1040.

Pontuação total: 29,4 pontos.

Valores decimais deverão ser arredondados (por ex.: 29,4 → 29; 29,5 → 30; 29,6 → 30).

B. CCs cursados do conjunto de CCs que o estudante do SIM deve cursar no 1 ciclo, conforme descrito na Planilha de Integralização do SIM: 10 pontos

A maior carga horária entre os candidatos deve ser avaliada em 10 pontos, e as demais proporcionalmente, por regra de três.

C. Verificação de trajetória e análise de portfólio em Artes e áreas afins: 15 pontos

Critérios de avaliação:

1. Ênfase nas áreas de formação do SIM (Arte e Produção Sonora; Artes Visuais; Audiovisual) (5 pontos);
2. Exposição pública do trabalho (deve ser acompanhada de comprovação documental e/ou registros) (5 pontos);
3. Expressividade conceitual e/ou técnica e/ou estética do trabalho (5 pontos).

D. Carta de intenção: 15 pontos

O/a estudante deve apresentar, por escrito, uma carta de intenção para sua graduação em Som, Imagem e Movimento. Essa carta deve trazer uma descrição, justificativa, contextualização e discussão conceitual de sua proposta de trabalho dentro do SIM.

Critérios de avaliação da Carta de Intenção:

1. Conformidade do plano de trabalho com o programa do segundo ciclo (4 pontos);
2. Conformidade do plano de trabalho com no mínimo dois dos seguintes eixos norteadores (5 pontos):
 - A. Trabalhos com comunidade;
 - B. Trabalhos que levem em conta aspectos regionais;
 - C. Trabalhos que levem em conta conceitos e temáticas negrodscendentes, ameríndios ou periféricos;
3. Clareza da escrita e da proposta (3 pontos);
4. Consistência conceitual e/ou teórica (3 pontos).

OBS 1. CCs ofertados pelo segundo ciclo em Artes não serão computados para a composição do barema "Formação em Artes".

15.3 Mobilidade e Aproveitamento de Estudos

O curso de Bacharelado Som, Imagem e Movimento permite o ingresso de estudantes vindos/as de outros cursos da UFSB, desde que estes/as participem da seleção aberta por edital específico em cada entrada no curso. As regras que regem a progressão interna dos estudantes na UFSB do primeiro para o segundo ciclo, bem como o aproveitamento de estudos nesse processo, estão descritas no item anterior deste PPC.

16. REGIME DE MATRÍCULA E INSCRIÇÕES EM CCs

O/a estudante fará sua inscrição nos CCs quadrimestralmente, usando preferencialmente a ferramenta virtual SIGAA. Os CCs da matriz do SIM estarão disponíveis para matrícula dos estudantes do CFA sendo ofertados em Porto Seguro. Alguns CCs poderão ser ofertados, a cada quadrimestre, em outros *campi*, conforme combinado prévio com professores do CFA lotados nos mesmos.

17. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Quadrimestralmente serão utilizadas metodologias quantitativas (questionário estruturado) e qualitativas (conselhos de classe) para promover avaliação dos docentes acerca do curso, assim como identificar o grau de satisfação dos estudantes e o que eles pensam e dizem de seus professores, das suas atitudes, do seu comportamento e da sua capacidade, dos Programas de Aprendizagem, da qualidade das estratégias de ensino, das instalações físicas, da condição das salas de aula, do funcionamento dos laboratórios didáticos e de pesquisa, da atualidade e da disponibilidade do acervo bibliográfico, da articulação entre os módulos do curso, da utilidade do projeto pedagógico para as suas pretensões de formação, entre outras.

É importante ter como referência que a avaliação dos estudantes deve estar pautada tanto no processo de aprendizagem (avaliação formativa), como no seu produto (avaliação somatória). Na avaliação do processo, a meta é identificar potencialidades dos estudantes, falhas da aprendizagem, bem como buscar novas estratégias para superar dificuldades identificadas.

As notas, que refletem desempenho nas avaliações de resultado, permitem ao Colegiado do curso verificar o grau de domínio que os estudantes adquiriram acerca dos diversos saberes e conteúdos previstos em cada etapa do curso. Para os concluintes, será aplicado um questionário com a finalidade de identificar opinião em relação a itens que foram investigados no seu ingresso na universidade (seus interesses culturais, satisfação em relação ao curso e à universidade, concepção de universidade, espaços preferidos de convívio, imagens de futuro etc.).

Com essa análise será possível identificar lacunas e dificuldades no processo ensino-aprendizagem, bem como avaliar e planejar coletivamente estratégias de superação. Outra forma de avaliação do curso pode ser a aplicação de exames anuais, a fim de obter informações acerca do alcance dos objetivos e competências estabelecidos no projeto.

Para acompanhar a aprendizagem no processo, o docente lança mão de atividades e ações que envolvem os estudantes ativamente, a exemplo de seminários, relatos de experiências, entrevistas, coordenação de debates, produção de textos, práticas de laboratório, elaboração de projetos, relatórios, memoriais, portfólios, dentre outros.

Na avaliação dos produtos, devem-se reunir as provas de verificação da aprendizagem ou comprovações do desenvolvimento das competências. O objetivo dessas provas é fornecer elementos para que o educador elabore argumentos

consistentes acerca do desempenho e da evolução dos estudantes. Esses instrumentos de avaliação podem ser questionários, exames escritos com ou sem consulta a materiais bibliográficos, arguições orais, experimentações monitoradas em laboratórios, relatórios e descrições de processos produtivos, visitas, elaboração de pôsteres ou outros materiais para apresentação, fichas de aula, instrumento de autoavaliação, relatórios de estágio e monografias. Ao pontuar e atribuir nota ao produto, o docente deve explicitar com clareza os critérios adotados quanto aos objetivos esperados.

Na UFSB, avaliação é entendida como dispositivo imprescindível do processo ensino-aprendizagem e contém — mas não se limita a — verificação de aprendizagem como testes, provas, trabalhos, e outras atividades pontuais que conduzem a notas ou conceitos.

Os seguintes princípios do Plano Orientador norteiam os processos de avaliação na UFSB:

1. Interdisciplinaridade: os docentes são estimulados a planejar avaliações conjuntas, envolvendo conhecimentos e saberes trabalhados nos diferentes CCs do quadrimestre, evitando multiplicar produtos avaliativos.
2. Compromisso com aprendizagem significativa: coerente com metodologias ativas de ensino-aprendizagem, evitando a ênfase conteudista e pontual.
3. Criatividade e inovação: são valorizadas mediante a instigação à reflexão crítica e propositiva.
4. Ética: critérios justos, transparentes, com objetivos claros e socializados desde o início de cada CC.
5. Espírito colaborativo: trabalhos em grupo e promoção do compartilhamento e da solidariedade são atitudes exercitadas em todas as atividades universitárias.

Durante a primeira semana de aula, dedicada ao acolhimento, o processo avaliativo é apresentado e discutido com os estudantes, evidenciando razões e critérios de avaliação.

A avaliação do processo de ensino-aprendizagem dentro do curso de Bacharelado em Som, Imagem e Movimento inclui tanto a avaliação processual quanto a avaliação de produtos. No Plano de Ensino e Aprendizagem de cada componente curricular, o docente explicita com clareza os critérios adotados para pontuar e atribuir nota, bem como os objetivos esperados. A periodicidade das atividades avaliativas também é explicitada no Plano de Ensino e fica a critério de cada docente.

Nos componentes que incluem práticas artísticas, para a avaliação processual são utilizados seminários e orientações, onde se busca verificar a compreensão das práticas bem como apreensão da teoria, na forma de uma discussão qualificada.

Na avaliação do produto artístico, incentiva-se a pontuação do processo de produção, verificando se o estudante partilhou suas buscas e descobertas com a turma ao longo

do desenvolvimento do componente curricular. Estimula-se, desse modo, processos partilhados de construção artística ao invés do perfil do artista desconectado do seu grupo e do seu contexto.

Na UFSB, o desempenho mínimo necessário para aprovação é 6.0, que indica aproveitamento de 60%.

Apresentações públicas dos trabalhos produzidos nos componentes curriculares serão praticadas e estimuladas, entendidas como dispositivos importantes na profissionalização dos estudantes. Desta forma, serão implementadas de forma constante apresentações para a comunidade acadêmica e para o público em geral.

18. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO

A Avaliação do projeto de curso do Bacharelado em Som, Imagem e Movimento será implementada principalmente por meio de:

- reuniões periódicas do Colegiado do Curso;
- reuniões periódicas do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso;
- avaliação dos componentes curriculares pelos estudantes, realizada de forma oral e por escrito;
- seminários de avaliação do curso, com a participação de docentes, discentes e representantes/membros das instituições parceiras;
- seminários do curso com a participação de docentes/pesquisadores convidados.

19. GESTÃO DO CURSO

19.1 Corpo docente

O corpo docente do curso de Bacharelado em Som, Imagem e Movimento será constituído por docentes do Centro de Formação em Artes da UFSB, do *campus* Sosígenes Costa, mas também do *campus* Jorge Amado e do *campus* Paulo Freire, considerando a realidade multicampi desta universidade. Será empreendido todo esforço possível para viabilizar a participação de docentes dos *campi* Jorge Amado e Paulo Freire que participam da equipe deste curso. Docentes de outros Centros de Formação poderão ser convidados a atuar em determinados componentes curriculares do curso.

19.2 Colegiado do curso

O Colegiado de Curso é considerado pelo Parecer CONAES N° 4, de 17 de junho de 2010, como um órgão gestor que exerce um "papel administrativo muito forte, resolvendo questões que vão desde a definição das necessidades de professores para atenderem disciplinas até a simples emissão de atestados, passando pela administração ou acompanhamento do processo de matrícula. Tais funções são necessárias, mas, sem dúvida, normalmente se sobrepõem à necessária reflexão sobre a qualidade acadêmica do curso." (ILAPE-CONAES, 2010)

Espera-se que o coordenador do curso seja um professor que possa contribuir na construção da identidade do curso e, ainda, garantir os adequados fluxos de trabalho.

Embora o trabalho do Colegiado de Curso e do NDE possam ser exercidos pelas mesmas pessoas, é importante que não sejam confundidos os seus papéis, funções e objetivos.

A UFSB apresenta o Colegiado como o órgão de gestão acadêmica que tem como finalidade planejar, coordenar e supervisionar as atividades de ensino-aprendizagem tendo em vista o Projeto Pedagógico do Curso (PPC). Cada curso de graduação e programa de pós-graduação de constituir um Colegiado. Haverá um Colegiado para cada Campus para cursos replicados no território de abrangência da Universidade.

O Colegiado tem como competências a implementação do Projeto Pedagógico de Curso (PPC), aprovado pelo CONSUNI; a análise e emissão de parecer das recomendações de atualização do PPC, encaminhadas pelo NDE; a proposição de políticas para o desenvolvimento do ensino, da pesquisa, da criação, da inovação e da cooperação técnica no âmbito do curso; a proposição da expansão, modificação e extinção de curso, bem como redução ou ampliação da oferta de vagas; análise e aprovação dos Planos de Ensino-Aprendizagem, Programas e Planos de Atividades dos CC, propondo alterações, quando necessário; apresentação de propostas de atividades extracurriculares necessárias ao bom funcionamento do curso; auxílio no planejamento pedagógico dos CC ofertados a cada quadrimestre-letivo; deliberação sobre processos administrativos de natureza acadêmica; avaliação quadrimestral da execução dos Planos de Ensino-Aprendizagem, Programas e Planos de Atividades dos CC.

O Colegiado de Curso é composto por membros escolhidos por seus pares, mediante votação secreta, em processo eleitoral realizado pela Universidade, preferencialmente por meio eletrônico, para mandatos de dois anos, com direito a uma única recondução.

Os membros são:

- I. Líderes das Equipes Docentes dos Componentes Curriculares ou de Blocos Temáticos obrigatórios do curso, na condição de membros natos;
- II. Um/a representante dos/as servidores/as técnico-administrativos engajados/as em atividades de apoio aos processos de ensino-aprendizagem no Curso;
- III. Representantes do corpo discente do Curso, na proporção de um/a estudante para cada quatro membros docentes;

IV. Um/a representante de cada colegiado de curso de culturas complementares, escolhidos dentre os/as líderes de Equipes Docentes de CC optativos dessas culturas ofertadas naquele campus.

Ainda, poderão compor o Colegiado de Curso os servidores/as do quadro efetivo da Universidade que atuam nas Equipes Docentes do curso poderão compor o Colegiado na condição de membros voluntários, com direito a voz, bastando para isso firmar termo de compromisso no início de cada período letivo.

Cada Colegiado de Curso terá Coordenador/a e Vice-Coordenador/a escolhidos/as dentre os membros docentes, mediante votação secreta em chapas, preferencialmente por meio eletrônico, para mandatos de dois anos, com direito a uma única recondução.

Docentes que compõem o colegiado *pro tempore* do curso Som, Imagem e Movimento no ato de sua fundação:

Prof. Dr. Alemar Rena
 Prof. Dr. André Domingues
 Prof. Dr. Augustin de Tugny
 Prof. Ms. Felipe de Paula
 Prof. Dr. Rodrigo Barreto
 Prof. Dr. Spensy Pimentel
 Prof. Dr. Sérgio Cerqueda

19.3 Núcleo Docente Estruturante (NDE)

Conforme o Parecer CONAES N° 4, de 17 de junho de 2010, o Núcleo Docente Estruturante (NDE) foi um conceito criado pela Portaria N° 147, de 2 de fevereiro de 2007, com a finalidade de qualificar o envolvimento docente no processo de concepção e consolidação de um curso de graduação. Ele deve ser considerado não como exigência ou requisito legal, mas como elemento diferenciador da qualidade do curso, no que diz respeito à interseção entre as dimensões do corpo docente e Projeto Pedagógico do Curso.

Na UFSB, a Resolução nº 25/2015, estabelece que o Núcleo Docente Estruturante (NDE) é o órgão consultivo e propositivo da Universidade responsável por concepção, acompanhamento, consolidação, avaliação, revisão e contínua atualização do Projeto Pedagógico do Curso, na Graduação e na Pós-Graduação, com atuação intracampus ou intercampi.

Os artigos 17 e 18 (UFSB-Resolução 25, 2015) apontam para a seguinte composição:

- I. Coordenador/a e Vice-Coordenador/a do Colegiado do Curso;
- II. Mínimo de três membros que exerçam liderança acadêmica no âmbito do Curso, percebida na produção de conhecimentos na área, no desenvolvimento do ensino, e em outras dimensões entendidas como importantes pela instituição, indicados pelo Colegiado.

Caberá à Unidade Universitária do Curso assegurar apoio técnico-administrativo e assessoria para preparar, executar, registrar e difundir suas atividades.

O NDE terá Coordenador/a Geral indicado/a por seus pares, sendo homologado pelo CONSUNI. É de responsabilidade da Coordenação Geral a convocação e coordenação das reuniões do Núcleo, com direito a voto de qualidade; representação do NDE junto aos órgãos da instituição; designação do/a relator/a ou comissão para estudo de matéria analisada pelo NDE; promoção da integração com os demais cursos, órgãos e setores da instituição.

Estão previstas reuniões ordinárias do NDE duas vezes por quadrimestre letivo ou, extraordinárias, mediante justificadas razões, com a presença da maioria absoluta de seus membros. Sua convocação poderá ser feita extraordinariamente por seu/sua presidente ou pela maioria absoluta dos seus membros, com antecipação mínima de 48 horas, acompanhada das razões que a justificam e da pauta de assuntos a serem analisados. Cada membro terá suplente designado, que assumirá a vaga em caso de vacância do titular.

A presença dos membros do NDE poderá ser concretizada com mediação tecnológica, devidamente registrada em ata. A verificação de quórum, presencial ou virtual, antecederá o início das reuniões, devendo ser realizada pelo/a Coordenador/a Geral, ou por requerimento de qualquer integrante do Núcleo. A convocação poderá ser feita extraordinariamente por seu/sua presidente ou pela maioria absoluta dos seus membros, com antecipação mínima de 48 horas, acompanhada das razões que a justificam e da pauta de assuntos a serem analisados.

20. INFRAESTRUTURA

20.1 Infraestrutura Física

A UFSB *campus* Sosígenes Costa, em Porto Seguro, onde o CFA está localizado e onde o SIM ocorrerá, conta com a seguinte infraestrutura acadêmica à disposição dos Centros de Formação:

Secretaria Acadêmica
Secretaria Executiva
Sala de professores/as
Gabinetes dos/as professores/as
Sala de coordenador/a
Sala do/a decano/a
Salas de aula com equipamento multimídia
Biblioteca
Auditório com palco para apresentações artísticas
Refeitório
Campo de futebol

20.2 Infraestrutura Acadêmica

Para o pleno funcionamento do curso Som, Imagem e Movimento, a seguinte estrutura física é prevista:

A. Práticas Sonoras

Estúdio de práticas sonoras e gravação (50 m²)

Pé direito mínimo 4m
Ar condicionado silencioso
Tratamento acústico
Piso acústico de madeira sobre berços de borracha
Isolamento acústico
Porta acústica dupla (1m40)

Sala técnica (20 m²)

Abre sobre o estúdio por uma ampla janela de vidro com isolamento acústico
Porta acústica de acesso ao estúdio
Porta acústica de acesso à circulação
Tratamento acústico
Isolamento acústico
Ar condicionado silencioso
Bancada para mesa de gravação frente à janela
Espaço para três estações de edição

2 estúdios de ensaio (2 x 20 m²)

Ar condicionado silencioso
Iluminação natural com isolamento acústico
Tratamento acústico
Isolamento acústico
Porta acústica dupla

Almoxarifado (12 m²)

Porta dupla (1m40)

B. Práticas da Imagem e da Imagem em Movimento

Estúdio de desenho e pintura (50 m²)

Iluminação natural ampla privilegiando a exposição ao Sul
Ventilação natural ampla
Ocultação por cortinas
2 pontos d'água

Estúdio de artes gráficas (40 m²)

Iluminação natural ampla privilegiando a exposição ao Sul
Ventilação natural ampla
Ocultação por cortinas
Mesas-prancheta para desenho
Mesa dura para trabalho de corte e montagens

Estúdio de vídeo (50 m²)

Pé direito mínimo 4M
Ar condicionado silencioso
Tratamento acústico
Isolamento acústico
Porta acústica dupla (1M40)

Estúdio de edição (30 m²)

Espaço para 6 estações de edição de vídeo
Ar condicionado silencioso
Tratamento acústico

Sala de coordenação (12m²)

Iluminação e ventilação natural

Almoxarifado (9 m²)

Porta dupla (1m40)
Circulações e banheiros com acessibilidade para portadores de deficiência.

Superfície estimada: 654 m² + 15 % de circulação e serviços (banheiros, shafts, etc.)
= 752 m²

C. Salas de aula

3 salas de aula para 30 estudantes cada com equipamento multimídia, mesas-pranchetas com bancos, quadro branco, escaninhos e armários.

20.2.1 Recursos Tecnológicos

Ver em Anexo a lista de equipamentos necessários ao curso.

20.2.2 Acervo bibliográfico

Em processo de aquisição.

20.2.3 Comitê de Ética em Pesquisa

(em desenvolvimento)**21. EMENTÁRIO****21.1 Componentes Curriculares Ofertados pelo BI e LI em Artes (Primeiro Ciclo)****21.1.1 Componentes Curriculares Obrigatórios**

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Alteridade e cinema nas Américas
Código	
Creditação	
Modalidade	Variada
Natureza	Obrigatória
Carga horária total	60h
EMENTA	
Imagem, diversidade e alteridade nas Américas. Estéticas do cinema nas Américas e seus processos de descolonização. Cinema ameríndio e afrolatino-americano. Cartografia dos sujeitos e circuitos do cinema nas Américas e, em especial, na região sul da Bahia.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
BERNARDET, Jean-Claude. Cineastas e Imagens do Povo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.	
BRASIL, André. Formas do antecampo: performatividade no documentário contemporâneo brasileiro. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 20, n. 3, set./dez. 2013. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/14512 . Acesso em: 22 jul. 2015.	
CARELLI, Vincent. Cineastas indígenas: Um outro olhar. Guia para professores e alunos. Olinda, Vídeo nas aldeias, 2010. Disponível em: http://www.videonasaldeias.org.br/downloads/vna_guia_prof.pdf . Acesso em: 22 jul. 2015.	
ROCHA, Glauber. O século do cinema. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.	
XAVIER, Ismail. Alegorias do subdesenvolvimento: cinema novo, tropicalismo, cinema marginal. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	

AUMONT, Jacques. O olho interminável: cinema e pintura. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

AVELLAR, José Carlos. A Ponte Clandestina: teorias de cinema na América Latina. São Paulo : Ed. 34, 1995.

COMOLLI, Jean-Louis. Ver e poder: a inocência perdida; cinema, televisão, ficção, documentário. Belo Horizonte; EdUFMG, 2008.

GAUDREAU, André; JOST, François. A narrativa cinematográfica. Trad. Adalberto Müller, Ciro Inácio Marcondes, Rita Jover Faleiros. Brasília: EdUnB, 2009.

GAUTHIER, Guy. O documentário: um outro cinema. Trad. Eloisa de Araújo Ribeiro. Campinas: Papirus, 2011.

MIGLIORIN, Cezar (Org.). Ensaio no real: o documentário brasileiro hoje. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2010.

STAM, Robert. Introdução à teoria do cinema. 2. ed. Trad. Fernando Mascarello. Campinas: Papirus, 2003.

STAM, Robert. Multiculturalismo tropical: uma história comparativa da raça na cultura e no cinema brasileiros. São Paulo: Edusp, 2008.

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Artes e Comunicação nas sociedades contemporâneas
Código	
Creditação	
Modalidade	
Natureza	Obrigatória
Carga horária total	30h
EMENTA	
Estudo das formas artísticas das sociedades contemporâneas, a partir dos meios técnicos de reprodutibilidade das obras: fotografia, cinema, música popular, quadrinhos, televisão, vídeo ou artes digitais. Artes tradicionais e modos técnicos de reprodução. Estudo da cultura imagética contemporânea. As formas contemporâneas de circulação das expressões artísticas. Arte, comunicação e relações de poder nas sociedades contemporâneas.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas, v.I, 2 e 3. São Paulo: Brasiliense, 1989.	
MARTÍN-BARBERO, Jesus. Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia. Trad. R. Polito e S. Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.	
MORIN, Edgar: Cultura de Massas no Século XX. Rio de Janeiro: Forense, 1969. Disponível em: http://pt.scribd.com/doc/169378659/Cultura-de-Massas-no-seculo-XX-Neurose-Edgar-Morin-pdf#scribd . Acesso em: 31 jul. 2015.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	

ADORNO, Theodor. T. W. Adorno. São Paulo: Ática, 1986.

CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas híbridas. São Paulo, Edusp, 1997.

DEBORD, Guy: A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2015.

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Arte e tecnologia
Código	
Creditação	
Modalidade	
Natureza	Obrigatória
Carga horária total	60h
EMENTA	
<p>Arte e tecnologia: conceitos, história, usos, debates. A tecnologia no ensino-aprendizagem da arte. Projetos artísticos com novas tecnologias: recursos, possibilidades, aplicação. Softwares, microcontroladores, atuadores, transdutores, circuitos integrados, hardware hacking e outros recursos. Dispositivos analógicos e digitais, em diferentes formas de expressão artística. Aspectos criativos, poéticos e estéticos no uso de meios eletrônicos em qualquer área do conhecimento. Projetos de criação voltados para problemas concretos: imaginação, organização, execução e avaliação do processo e de seus resultados. Olhar complexo sobre processos dessa natureza na criação, na educação e na pesquisa.</p>	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
<p>CAESAR, Rodolfo. Sujeito e objeto em loop: escutar nas entrelinhas. Anais do III SIMPOM. Rio de Janeiro: UNIRIO/PPGM, 2014. Disponível em: http://www.seer.unirio.br/index.php/simpom/article/view/4481. Acesso em: 22 jul. 2015.</p> <p>MACHADO, Arlindo. Arte e mídia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.</p> <p>OBICI, Giuliano L. e FENERICH, Alexandre S. Jardim das Gambiarras Chinesas: uma prática de montagem musical e bricolagem tecnológica. Juiz de Fora: II Encontro Internacional de Música e Arte Sonora, 2011. Disponível em: http://www.ufjf.br/anais_eimas/files/2012/02/Jardim-das-Gambiarras-Chinesas-uma-pratica-de-montagem-musical-e-bricolagem-tecnologica-Alexandre-Fenerich-Giuliano-Obici.pdf. Acesso em: 22 jul. 2015.</p>	

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BERNARDINO, Paulo. Arte e tecnologia: intersecções. In: ARS (São Paulo) [online]. 2010, v.8, n.16, p. 39-63. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202010000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 jul. 2015.

BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. Buenos Aires: Hidalgo, 2008.

GALEB, Maria da Glória; SOUZA, Adriana Teles de; LEITE, Elisangela Christiane de P.; GOMES, Fabrícia Cristina. Tecnologia e Arte: cruzamentos possíveis para uma reflexão acerca do ensino contemporâneo. In: Anais do IX ANPED Sul, agosto 2012, Caxias do Sul, RS. Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Didatica/Trabalho/05_23_58_283-6684-1-PB.pdf. Acesso em: 22 jul. 2015.

IAZZETTA, Fernando. Música e mediação tecnológica. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2009.

ROSA, Ricardo. Gambiarra: alguns pontos para se pensar uma tecnologia recombinante. Cadernos Video Brasil 02. São Paulo: SESC-SP, 2006. Disponível em: http://www2.sescsp.org.br/sesc/videobrasil/up/arquivos/200611/20061117_160212_CadernoVB02_p.36-53_P.pdf. Acesso em: 22 jul. 2015.

IDENTIFICAÇÃO

Componente curricular	Arte, história e historicidades nas Américas
Código	
Creditação	
Modalidade	
Natureza	Obrigatória
Carga horária total	30h

EMENTA

Problematiza história da arte nas Américas a partir de discussões sobre modos de historicizar a produção artística, mobilizando, ao mesmo tempo, a diversidade de temporalidades encontrada no continente. Partindo de uma crítica à história linear, progressiva e teleológica – exemplificada em numerosos discursos das vanguardas da primeira metade do século XX – pretende-se explorar e experimentar outras formas de agenciar discursos de história da arte, tais como: circularidade das mitologias, desfragmentação pós-moderna e a noção de hibridização.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BENJAMIN, Walter. Walter Benjamin: Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CANCLINI, Nestor G. Culturas híbridas. São Paulo: Edusp, 1997.

DE CERTEAU, Michel. A escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. Disponível em <http://www.usp.br/cje/anexos/pierre/CERTEAUMAEscritadahist%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2015.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BORGES, Jorge Luis. Nova refutação do tempo. In: _____. Outras inquisições. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

COLI, Jorge. Primeira missa e invenção da descoberta. In: NOVAES, Adauto (Org.). A descoberta do homem e do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CHESNEAUX, Jean. As armadilhas do quadripartismo. São Paulo: Ática, 1995.

GINZBURG, Carlo. Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância. São Paulo; Companhia das Letras, 2001.

SCWHARTZ, Jorge. Vanguardas Latino-Americanas. São Paulo: Edusp, 2008.

VIANNA, Hermano. O Mistério do Samba. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Editora UFRJ, 2004.

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Cinema, criação e educação audiovisual
Código	
Creditação	
Modalidade	Oficina
Natureza	Obrigatória
Carga horária total	30h
EMENTA	
Elaboração de espaços de compartilhamento e invenção coletiva pela prática e fruição da imagem cinematográfica. Abordagem dos meios audiovisuais de escrita e narrativa. Desenvolvimento de ações propostas pelos dispositivos elaborados pelo projeto "Inventar com a diferença". O cinema como espaço de criação para uma construção subjetiva, comunitária e intercultural.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
COMOLLI, Jean-Louis. Ver e Poder – a inocência perdida: cinema, televisão, ficção e documentário. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.	
GUIMARÃES, César. O retorno do homem ordinário do cinema. Contemporânea – Revista de Cultura e Comunicação, v. 3, n. 2, 2005, Salvador. Disponível em: http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3457 . Acesso em: 22 jul. 2015.	
MIGLIORIN, Cezar et alii. Inventar com a diferença – cinema e direitos humanos. Niterói: Editora da UFF, 2014. Disponível em: http://www.inventarcomadiferenca.org/ . Acesso em: 22 jul. 2015.	
MIGLIORIN, Cezar. Cinema e escola, sob o risco da democracia. Disponível em: http://www.fe.ufrj.br/artigos/n9/9_posfacio_cinema_e_escola_104_a_110.pdf . Acesso em: 22 jul. 2015.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	

MIGLIORIN, Cezar. O ensino de cinema e a experiência do filme-carta. E-compós. Revista da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília, v.17, n.1, jan/abr 2014. p.1-16. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/1045/758>. Acesso em: 22 jul. 2015.

FRESQUET, Adriana Mabel; Migliorin, Cezar; ANHORN, Carmen Teresa Gabriel; PEREIRA, Maria Leopoldina; DOMINGUES, Glauber Resende; BARRA, Regina; OMELCZUC, Fernanda; LEANDRO, Anita Matilde. Currículo de cinema para escolas de educação básica. Rio de Janeiro: CINEAD/LECAV, 2013.

FRESQUET, Adriana (Org). Cinema e educação: a Lei 13.006: reflexões, perspectivas e propostas. Universo Produção. Disponível em: http://www.cineop.com.br/Livreto_Educacao10CineOP_WEB.pdf. Acesso em: 22 jul. 2015.

MIGLIORIN, Cezar; PIPANO, Isaac. Cine, igualdad y escuela: la experiencia de Inventar con la diferencia. Toma Uno, v. 1, 2014, p. 199-207.

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Modos de escuta e criação sonora
Código	
Creditação	
Modalidade	Variada
Natureza	Obrigatória
Carga horária total	60h
EMENTA	
Possibilidades criativas e expressivas nos campos sonoros: apreciação e prática. Estudos de eventos sonoros que se estabeleceram em diferentes civilizações. Concepções de tempo, espaço sonoro, música, paisagem sonora, timbre e notação perpassando diversas tradições e culturas. Processos de construção de sensibilidades musicais no Ocidente. Proposta de apresentação artística.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
CAESAR, Rodolfo. A espessura da sonoridade: entre o som e a imagem. Anais do XXIII Congresso da ANPPOM, Natal (RN), 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/6662138/A_espessura_da_sonoridade_entre_o_som_e_a_imagem . Acesso em: 22 jul. 2015.	
IAZZETTA, Fernando. Da escuta mediada à escuta criativa. In: Contemporanea, v. 10, n. 1, jan/abr, Salvador: UFBA, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/5656693/Da_escuta_mediada_à_escuta_criativa . Acesso em: 22 jul. 2015.	
WISNIK, José Miguel. O som e o sentido. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	

FELD, Steven. From Schizophonia to Schismogenesis: The Discourses and Practices of World Music and World Beat. In. MARCUS, G. E. and MYERS, F. R. The Traffic in Culture: Refiguring Art and Anthropology. Los Angeles: University of California Press, 1995. Disponível em: <http://static1.squarespace.com/static/545aad98e4b0f1f9150ad5c3/t/5470e2d8e4b0089e829c3eec/1416684248638/20-FeldSchiz.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2015.

FREITAS, Alexandre S. O sonoro e o visual: questões históricas, fenomenológicas e uma abertura à estética comparada. Per Musi, Belo Horizonte, n. 19, 2009, p. 91-96. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-75992009000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=en. Acesso em: 22 jul. 2015.

SAUER, Theresa. Notations 21. New York: Mark Batty Publisher, 2009.

SHAFER, R. Murry. A afinação do mundo. São Paulo: UNESP, 2009.

SZENDY, Peter. Escucha: una historia del oído melómano. Barcelona, Paidós, 2003.

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Produção cultural e arte-curadoria
Código	
Creditação	
Modalidade	
Natureza	Obrigatória
Carga horária total	60h
EMENTA	
Políticas para as artes e para a cultura: fomento público e privado, economia criativa, redes de arte e cultura e produção independente. Políticas e espaços da arte: arte no cotidiano, expografias, museografia e curadoria, festivais. A arte-curadoria. Práticas colaborativas, processos de singularização e organização coletiva.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
<p>AVELAR, Romulo. O avesso da cena: notas sobre produção e gestão cultural. Belo Horizonte: DUO, 2008.</p> <p>MARCHIORI NUSSBAUMER, Gisele (Org.). Teorias & políticas da cultura. Visões multidisciplinares. Salvador: Editora da UFBA, 2007.</p> <p>MARQUEZ, Renata; SCOVINO, Felipe. Escavar o futuro. In: MARQUES, Renata. Geografia portátil. Belo Horizonte: Fundação Clóvis Salgado, 2014. Disponível em: http://www.geografiaportatil.org/index.php?/projects/escavar-o-futuro/. Acesso em: 29 jul. 2015.</p> <p>ORTIZ, Renato. Cultura e Desenvolvimento. Políticas Culturais em Revista, v. 1, n. 1, 2008, p. 122-128. Disponível em: www.politicas-culturaisemrevista.ufba.br. Acesso em: 29 jul. 2015.</p>	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	

COELHO, Teixeira: Dicionário Crítico de Política Cultural. São Paulo: Iluminuras, 2004.

GUIMARÃES, Rafael Siqueira de. Economia criativa e novas formas de subjetivação no contemporâneo. In: Camargo, Hertz Wendell de; Mansano, Sonia Regina Vargas. (Org.). Consumo e Modos de Vida. Londrina: Syntagma, 2013, v. 1, p. 35-39. Disponível em: <http://www.syntagmaeditores.com.br>. Acesso em: 29 jul. 2015.

MIGUEZ, Paulo. Repertório de fontes sobre economia criativa. Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – CULT/UFBA, Salvador, 2007. Disponível em: http://www.cult.ufba.br/arquivos/repertorio_economia_criativa.pdf. Acesso em: 29 jul. 2015.

21.1.2 Componentes Curriculares Optativos

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Arte, comunidades e especialidades
Código	
Creditação	
Modalidade	
Natureza	Optativo
Carga horária total	60h
EMENTA	
Lugar, território e espaço. Espacialidade convencionada na arte como construção histórica. As múltiplas poéticas que tomam a espacialidade como eixo investigativo. O público e o privado. A arte, o comum e a comunidade. Arte e ações comunitárias: possibilidades no espaço.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
GUATARRI, Felix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: Cartografia do Desejo. Petrópolis: Vozes, 2000.	
JACQUES, Paola Berenstein. Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Rio Arte, 2002.	
MARQUEZ, Renata. Geografias portáteis: arte e conhecimento espacial, 2009. 248f. Tese. (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: http://www.geografiaportatil.org/index.php?/projects/geografias-portateis/ . Acesso em: 27 jul. 2015.	

SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. 7 ed. São Paulo: Edusp, 2012.

TAVARES, Andréa. Ficções urbanas: estratégias para a ocupação das cidades. ARS (São Paulo) [online], v. 8, n. 16, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

DANTO, Arthur. A transfiguração do lugar-comum. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.

GUIMARÃES, Cesar Geraldo. A experiência estética e a vida ordinária. E-compós – Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, [online] Brasília, v. 1, n. 1, dez 2004. Disponível em: <http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/14/15>. Acesso em: 27 jul. 2015.

GUIMARÃES, Rafael Siqueira de; BRAGA, Cleber. Por que morar na cidade? Ou a publicidade do empreendimento imobiliário. In: OLIVEIRA, Esther Gomes de; CAMARGO, Hertz Wendell de (Orgs.). Linguagem & Publicidade. Londrina: Syntagma, 2013, p. 219-226.

PEIXOTO, Néelson Brissac. Intervenções urbanas: arte/cidade. São Paulo: SENAC, 2002.

IDENTIFICAÇÃO

Componente curricular	Artes da grafia, escrituras, inscrições de si e do outro
Código	
Creditação	
Modalidade	
Natureza	Optativo
Carga horária total	30h

EMENTA

Elaboração, aprimoramento e sistematização de metodologias para ensino formal/informal de artes da grafia: biografemas, bio-grafias, escrituras, grafismos a partir da leitura de Barthes, Llansol, Conceição Evaristo, dos Yanomami e dos Huni Kuin; criação de textos a partir da auto-inscrição do sujeito da escrita no mundo; análises e apropriações produtivas das artes de grafar – biografemas, bio-grafias, escrituras, grafismos – dos gestos autobiográficos e autoetnográficos em práticas artísticas como fotografia, dança, cinema, literatura, artes visuais, música, performance.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BARTHES, Roland. A câmara clara. Lisboa: Edições 70, 2005.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita. In: ALEXANDRE, Marco Antônio (Org). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

LLANSOL, Maria Gabriela. O sonho de que temos a linguagem. Revista Colóquio/Letras. Ficção, n. 143/144, Jan. 1997, p. 5-18. Disponível em: <http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/do?bibrecord&id=PT.FCG.RCL.7429&org=l&orgp=143>. Acesso em: 25 jul. 2015.

KLINGER, Diana. Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

RICARDO, Carlos Alberto (Ed.). Povos Indígenas no Brasil: 1996-2000. São Paulo: Instituto SocioAmbiental, 2000.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LLANSOL, Maria Gabriela. Amar um cão. Sintra: Colares, 1990.

MAGALHÃES, Milena; SISCAR, Marcos A. A circunavegação autobiográfica. In: NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva; BUSATO, Susanna; AMORIM, Orlando Nunes de. (Org.). Literatura e representações do eu: impressões autobiográficas. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 89-103.

MUNDURUKU, Daniel. Escrita indígena: registro, oralidade e literatura - O reencontro da memória. Revista Emília, out. 2011. Disponível em: <http://www.revistaemilia.com.br/mostra.php?id=51>. Acesso em: 25 jul. 2015.

VERSIANI, Daniella Beccacia. Autoetnografias. Conceitos alternativos em construção. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Estéticas dos Povos Originários das Américas
Código	
Creditação	
Modalidade	
Natureza	Optativa
Carga horária total	60h
EMENTA	

Aproximação das ações estéticas dos povos originários das Américas por suas expressões e suportes – música, dança, rituais, máscaras pinturas, tecelagens, grafismos, cerâmicas, cestarias, literatura, cinema. Discussão sobre os mecanismos de qualificação e agência construídos por seus sujeitos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BROTHERSTON, Gordon; MEDEIROS, Sérgio (Orgs.). Popol Vuh. São Paulo: Iluminuras, 2011.
CESARINO, Pedro de Niemeyer (Orgs.). Quando a Terra deixou de falar: cantos da mitologia marubo. São Paulo: Editora 34, 2013.

Lagrou, Els 2002. O que nos diz a arte kaxinawa sobre a relação entre identidade alteridade?. Revista Mana, Rio de Janeiro, v. 8, 2002, p. 29-62. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132002000100002&script=sci_arttext. Acesso em: 30 jul. 2015.

LAGROU, Els. 2012. Existiria uma arte das sociedades contra o Estado? Revista de Antropologia, USP. v. 54, p. 747-780. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/39645>. Acesso em: 30 jul. 2015.

SÁ, Lúcia. Literaturas da Floresta: textos amazônicos e cultura latino-americana. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

TRANS. Revista transcultural de música. Revista arbitrada de la SIBE-Sociedad de Etnomusicología, n. 15, 2011. Dossiê Objetos sonoros-visuales ameríndios. Disponível em: <http://www.sibetrans.com/trans/publicacion/16/trans-15-2011> Acesso em: 30 jul 2015.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Dossiê Arte Kusiwa: pintura corporal e arte gráfica wajãpi. Brasília, DF: Iphan, 2008. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/bcrE/pages/foIbemCulturalRegistradoE.jsf>. Acesso em: 30 jul. 2015.

GALLOIS, Dominique Tilkin (Org.). Patrimônio cultural imaterial e povos indígenas. Exemplos no Amapá e norte do Pará. São Paulo: Iepé, 2006. Disponível em: http://www.institutoiepe.org.br/media/livros/livro_patrimonio_cultural_imaterial_e_povos_indigenas-baixa_resolucao.pdf. Acesso em: 30 jul. 2015.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O desdobramento da representação nas artes da Ásia e da América". In: _____. Antropologia Estrutural. São Paulo: CosacNaify, 2012, p. 347-387.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Uma sociedade indígena e seu estilo. In: _____. Tristes trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1973 (1955), p. 167-188.

PINHATA, Isaac. 2004. Você vê o mundo do outro e olha para o seu. Disponível em: <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/biblioteca.php?c=23>. Acesso em: 30 jul. 2015.

YAMÃ, YAGUARÊ. Sehaypóri; o livro sagrado do povo Satarê-Mawé. São Paulo: Peirópolis, 2007.

IDENTIFICAÇÃO

Componente curricular	Estéticas Negrodscendentes
Código	
Creditação	

Modalidade	
Natureza	Optativa
Carga horária total	60h
EMENTA	
<p>Estudo das culturas africanas, diaspóricas e do negro no Brasil. Sistema de arte fundados em práticas culturais negrodscendentes no Brasil. Culturas negras, sistemas de arte ocidentais e autóctones – encontros/confrontos e desdobramentos artísticos. Leituras e releituras da historiografia produzida pelo eurocentrismo; dos Estudos Colonialistas aos Estudos Culturais. "Afro-brasilidade" como unidade cultural – da marginalização eurocêntrica à conjuntura política atual. Arte e cultura: alteridade nas relações entre as matrizes afro-descendentes e outras matrizes culturais presentes no Brasil.</p>	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
<p>HALL, Stuart. Da diáspora, identidades e mediações. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.</p> <p>SANTOS, Gislene Aparecida dos. A invenção do ser negro: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: EDUC/FAPESP/PALLAS, 2002.</p> <p>SILVA, Dilma de Neto; CALAÇA, Maria Cecília F. Arte africana e afro-brasileira. São Paulo: Terceira Margem, 2006.</p> <p>ACEVEDO, Claudia Rosa. NOHARA, Jouliana Jordan. Interpretações sobre os retratos dos afrodescendentes na Mídia de Massa. Curitiba: RAC, Edição Especial. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rac/v12nspe/a06v12ns.pdf. Acesso em: 24/07/2015.</p>	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
<p>HERSCHMANN, Micael. O funk e o hip-hop invadem a cena. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.</p> <p>SILVA, Nelson Inocência. Museu afro Brasil no contexto da Diáspora: dimensões contra-hegemônicas das artes e culturas negras. Tese de Doutorado em Artes da UNB, 2012.</p> <p>TUGNY, Rosângela Pereira & QUEIROZ, Rubens Caixeta (org.). Músicas africanas e indígenas no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.</p> <p>SHOHAT, Ella. STAM, Robert. Crítica da imagem eurocêntrica. São Paulo: Cosacnaify, 2006.</p> <p>TINHORÃO, José Ramos. Os sons dos negros no Brasil: cantos, danças, folguedos, origens. São Paulo: Art Editora, 1988.</p>	

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Estéticas ocidentais nas Américas
Código	

Creditação	
Modalidade	
Natureza	Optativa
Carga horária total	60h
EMENTA	
Arte colonial e formas regionais de realização dos modelos europeus. Apropriação histórica de modelos estéticos ocidentais e definição de identidades independentes nas artes nacionais das Américas. Perpetuação, hibridação e transformação dos modelos estéticos ocidentais nas sociedades americanas. Pós-colonialismo nas artes das Américas.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
<p>BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. Identidade e arquitetura na América Latina: o transnacional e o transcultural como estratégias do Barroco e do século XXI. <i>Vária História</i>, Belo Horizonte, n. 27, julho de 2002. Disponível em: http://www.fafich.ufmg.br/varia/admin/pdfs/27p117.pdf. Acesso em: 10 jun. 2015.</p> <p>GOMBRICH, Ernst Hans. <i>A história da arte</i>. 16. ed. São Paulo: LTC, 2000.</p> <p>KUSH, Rodolfo. <i>América profunda</i>. Lima: Bellido Ediciones E.I.R.L., 2007. Disponível em: https://blogdarupal.files.wordpress.com/2014/07/amc3a9rica-profunda-livro.pdf Acesso em: 30 jul. 2015.</p>	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
<p>BAUMGARTEN, Jens; TAVARES, André. O Barroco colonizador: a produção historiográfico-artística no Brasil e suas principais orientações teóricas. <i>Perspective, la revue de l'INHA</i> [online] publicado em 30 de setembro de 2014. Disponível em: http://perspective.revues.org/5538. Acesso em: 30 jul. 2015.</p> <p>COSTA, Lúcio. A arquitetura dos jesuítas no Brasil. <i>ARS</i> [online]. São Paulo, 2010, v. 8, n. 16, p. 127-195. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ars/v8n16/09.pdf. Acesso em: 30 jul. 2015.</p> <p>FALBELT, Ana. <i>Cartas da América: Arquitetura e Modernidade</i>. Seminário Docomomo, s.d. Disponível em: http://www.ufrgs.br/docomomo/seminario%20%20pdfs/070.pdf. Acesso em: 30 jul. 2015.</p> <p>PIPER, Adrian. A lógica do modernismo. <i>Revista Poiesis</i>, n. 11, nov. 2008, p.167-176. Disponível em: http://www.poiesis.uff.br/PDF/poiesis11/Poiesis_11_logicamodernismo.pdf. Acesso em: 10 jun. 2015.</p> <p>FERREIRA, Lucelena. O tributo antropofágico: ecos europeus na poesia pau-brasil. <i>Revista Vertentes</i>, n. 34, 2009. Disponível em: http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/Vertentes34/Lucelena%20Ferreira.pdf. Acesso em: 30 jul. 2015.</p>	

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Fruições estéticas para além dos “centros”
Código	
Creditação	

Modalidade	
Natureza	Optativa
Carga horária total	60h
EMENTA	
<p>Periferia como conceito. Do estigma à poiesis. Folkcomunicação e comunicação comunitária. Formas de subjetivação dos espaços de alteridade. Da precariedade à inventividade: experiências artísticas da América Latina. Práticas culturais espontâneas que esgarçam os cânones da arte. O fazer-viver como fazer artístico. A captação fotográfica e a observação das estéticas do cotidiano. Composições urbanas: instalações e performances na reconfiguração do espaço.</p>	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
<p>LACAZ, Alessandra Speranza; LIMA, Silvana Mendes & HECKERT, Ana Lúcia Coelho. Juventudes periféricas: arte e resistências no contemporâneo. <i>Psicologia & Sociedade</i>, 27(1), 58-67. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/psoc/v27n1/1807-0310-psoc-27-01-00058.pdf. Acesso em: 20 jul. 2015.</p> <p>RAMOS, Alexandre Dias. <i>Mídia e arte: aberturas contemporâneas</i>. Porto Alegre: Zouk, 2006.</p> <p>VILLAÇA, Nízia. Estéticas periféricas na cidade. <i>Revista Periferia</i>, v. 2, n. 1, 2010. Disponível em: http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/3454. Acesso em: 20 jul. 2015.</p>	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
<p>BELTRÃO, Luiz. <i>Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias</i>. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.</p> <p>CANCLINI, Néstor García. O precário é condição predominante na criação: entrevista. [14.04.2015]. Rio de Janeiro: <i>Jornal O Globo</i>. Entrevista concedida a Luiz Felipe Reis. Disponível em: http://oglobo.globo.com/cultura/o-precario-condicao-predominante-na-criacao-diz-nestor-canclini-15861981. Acesso em: 20 jul. 2015.</p> <p>MEDEIROS, Maria Beatriz de & ALBUQUERQUE, Natasha de. <i>Composição urbana: surpresa e fuleragem. Palco Giratório: circuito nacional</i>. Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, 2013. p. 24-35.</p> <p>SOUSA, Jayme Ricardo da Silva. <i>Estéticas periféricas: cotidiano e cultura visual no ensino da arte</i>. Dissertação. (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_8add4fa27b486d26bf278f04e29d58ab. Acesso em: 20 jul. 2015.</p> <p>VILLAÇA, Nízia. <i>A periferia pop na idade média</i>. São Paulo: Estação Letras e Cores, 2011.</p>	

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Poéticas negro-descendentes
Código	
Creditação	
Modalidade	

Natureza	Optativa
Carga horária total	30h
EMENTA	
<p>Apropriação de elementos de culturas negrodscendentes como meio de afirmação identitária no campo artístico e/ou nas expressões espetaculares fundadas na tradição popular, no Brasil e na Diáspora. Modos de realização do discurso negro orientado na arte: formas, princípios, características e estratégias. Identidades, negritude, herança cultural, estética, diáspora e descolonização eurocêntrica.</p>	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
<p>EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/viewFile/4365/4510. Acesso em: 24 jul. 2015.</p> <p>BENTO, Maria Aparecida da Silva; SILVEIRA, Marly de Jesus; NOGUEIRA, Simone Gibran (Org.) Identidade, branquitude e negritude - contribuições para a psicologia social no Brasil: novos ensaios, relatos de experiência e de pesquisa. Santa Catarina: Editora Casa do Psicólogo, 2014.</p> <p>GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Racismo e Anti-Racismo no Brasil. São Paulo: Editora 34, 1999.</p>	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
<p>SANTOS, Boaventura de Souza. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. Tempo Social, Rev. Sociol. USP, S. Paulo, v. 5, n1-2, 1993, p. 31-52 (editado em nov. 1994). Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Modernidade%20Identidade%20Fronteira_TempoSocial1994.pdf. Acesso em: 24 jul. 2015.</p> <p>GODI, Antônio. Performance afro-musical: legitimação e pertencimento no contexto eletrônico. Disponível em: http://www.videobrasil.org.br/pan_africana/ENSAIO_GODI.pdf. Acesso em: 24 jul. 2015.</p> <p>LIMA, Evani Tavares. Por uma escritura poética negra. (Palestra). 2012.</p> <p>MARINHO, Vanessa. Militância negra e expressão estética no recife (1980-2003). Anais do V Colóquio de História da UNICAP. Recife, 2011. Disponível em: http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.355-368.pdf. Acesso em: 24 jul. 2015.</p> <p>MARTINS, Leda. Performances do tempo espiralar. In: Rabetti, Graciela; Arbex, Márcia [Org.]. Performances, exílios, fronteiras: errâncias territoriais e textuais. Minas Gerais: Poslit, 2002. p. 69-91.</p>	

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Poéticas ameríndias no Brasil: literatura, cinema e grafismo
Código	
Creditação	
Modalidade	
Natureza	Optativa

Carga horária total	30h
EMENTA	
<p>Compreensão do conceito “poéticas indígenas”. Relações entre comunidades, línguas e culturas nos processos de criação poética em contextos interculturais. Tradução literal, tradução criativa e transcrição. Apreciação e análise de poéticas contemporâneas dos povos indígenas no Brasil: literatura, grafismo e cinema.</p>	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
<p>ALMEIDA, Maria Inês de. “Os livros da floresta”. In.: ____ ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIROZ, Sônia. Na captura da voz: as edições da narrativa oral no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, FALE/UFMG, 2004. p. 195- 297.</p> <p>ALMEIDA, Maria Inês de. Onze teses para a universidade indígena. Tabebuia – índios, pensamento, educação. v. 2, dez. 2012. Disponível em http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/tabebuia/issue/view/464. Acesso em: 28 jul. 2015.</p> <p>LIMA, Amanda Machado Alves de. O livro indígena e suas múltiplas grafias. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ECAP-8TUL8Q. Acesso em: 28 jul. 2015.</p> <p>SEVERI, Carlo; LAGROU, Els (Orgs.). Quimeras em diálogo: grafismo e figuração na arte indígena. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.</p>	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
<p>ARAÚJO, Ana Carvalho Ziller (Org.). Cineastas indígenas: um outro olha. Guia para professores e alunos. Olinda, PE: Video nas Aldeias, 2010. Disponível em: http://www.videonasaldeias.org.br/downloads/vna_guia_prof.pdf. Acesso em: 28 jul. 2015.</p> <p>BARRA, Cynthia de Cássia Santos. O fulgor como método de leitura: Llansol e os Maxakali. In: MOURÃO, Fernanda; BRANCO, Lúcia Castello (Org.). A cura da literatura – breve encontro intenso da psicanálise com o texto de Maria Gabriela Llansol. Belo Horizonte: FALE-UFMG Viva Voz, 2013, p. 89-98. Disponível em: http://150.164.100.248/vivavoz/. Acesso em: 28 jul. 2015. (para achar o título no endereço citado, clicar os seguintes links em sequência: downloads, livros, a cura da literatura).</p> <p>BICALHO, Charles Antônio de Paula. Koxuk, a imagem do Yãmiy na poética maxakali. 2010. Tese (doutorado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-89WLDX/koxuk_a_imagem_do_y_m_y_na_po_tica_maxakali_2010____charles_bicalho.pdf?sequence=1. Acesso em: 28 jul. 2015.</p> <p>GRUBER, Jussara Gomes. Organização Geral dos professores Ticuna bilíngües. O livro das árvores. São Paulo: Global, 2000.</p> <p>LANA, Feliciano. A origem da noite e como as mulheres roubaram as flautas sagradas. 2. ed. Manaus: EDUA. 2009.</p> <p>Filmografia</p> <p>BOX CINEASTAS INDÍGENAS. Coletivo Kuikuro de cinema; Coletivo Hunikui de cinema; Coletivo Panará de cinema. Documentário produzido pelo videonasaldeias@videonasaldeias.org.br. Brasil, DVD, 2008.</p> <p>BOX CINEMA TIKMU'UN Maxakali. Projeto Imagem-Corpo-Verdade / Trânsito de Saberes Maxakali e cineastas tiikmu'un da Terra Indígena de Pradinho. Coord. Rosângela de Tugny. Realização: Associação Filmes de Quintal. Brasil, 2013.</p>	

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Teorias e Práticas de Tradução
Código	
Creditação	
Modalidade	
Natureza	Optativa
Carga horária total	60h
EMENTA	
<p>A tradução como campo – saberes e práticas. Processos sígnicos e interculturais nas Artes. Análises de práticas tradutórias colaborativas e interculturais em diferentes linguagens (cinema, vídeo, literatura, teatro e outros). Oficinas para elaboração e execução de projetos de tradução.</p>	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
<p>PLAZA, Julio. Tradução intersemiótica. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.</p> <p>BRANCO, Lucia (Org.). A tarefa do tradutor de Walter Benjamin: quatro traduções para o português. Trad. Fernando Camacho, João Barreto, Karlheinz Barck, Susana Kampff Lages. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. Disponível em: http://www.lettras.ufmg.br/vivavoz/data1/arquivos/atarefadotradutor-site.pdf. Acesso em: 31 jul. 2015.</p> <p>TAPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma M. Haroldo de Campos: transcrição. São Paulo: Perspectiva, 2014.</p> <p>PIETROFORTE, Antonio Vicente. Semiótica visual: os percursos do olhar. São Paulo, Contexto, 2007.</p> <p>RISÉRIO, Antônio. Oriki, Orixá. São Paulo: Perspectiva, 1996.</p> <p>ROTHENBERG, Jerome. Etnopoesia no milênio. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006.</p> <p>MUSSA, Alberto. Meu destino é ser onça: mito tupinambá restaurado por Alberto Mussa. Rio de Janeiro: Record, 2009.</p> <p>MATO, Daniel. No hay saber "universal", la colaboración intercultural es imprescindible. Alteridades, México, v. 18, n. 35, jun. 2008. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-70172008000100008&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 6 jul. 2015.</p>	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	



21.2 Componentes Curriculares Ofertados pelo SIM (Segundo Ciclo)

21.2.1 Componentes Curriculares Obrigatórios

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Autoria, direitos autorais e legislação
Código	
Creditação	2 créditos
Modalidade	Obrigatório
Natureza	Teórica
Carga horária total	30h
EMENTA	
Estudos sobre autoria, direitos autorais e legislação no âmbito das práticas criativas em som, imagem e imagem em movimento. Internet, direitos de propriedade e direitos autorais. Copyleft, Creative Commons, formas de contestação e alternativas ao direito de propriedade e intelectual nas artes.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	

ADOLFO, Luiz Gonzaga Filho; WACHOWICZ, Marcos. **Direito da propriedade intelectual, vol I.** Curitiba: Juruá, 2005. ISBN: 853621135-0

BRANCO, Sérgio; BRITTO, Walter. **O que é Creative Commons.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

CONRADO, Marcelo Miguel. **A arte nas armadilhas do direito autoral:** uma leitura dos conceitos de autoria, obra e originalidade. Tese de doutorado em Direito defendida na Universidade Federal do Paraná, setor de Ciências Jurídicas, 2013. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/32966/R%20-%20T%20-%20MARCELO%20MIGUEL%20CONRADO.pdf?sequence=1>>.

LEOPOLDINO, Alexandre Sousa; REZENDE, Marília Abrão. Direitos Autorais no Audiovisual. In: **Rua:** revista universitária do audiovisual (UFSCAR). Disponível em : <<http://www.rua.ufscar.br/direitos-autorais-no-audiovisual/>>.

LESSIG, Lawrence. **Cultura livre:** como a mídia usa a tecnologia e a lei para barrar a criação cultural e controlar a criatividade. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/educacao/docs/10d.pdf>>.

RENA, Alemar. **Do autor tradicional ao agenciador cibernético:** do biopoder à biopotência. São Paulo: Annablume: 2008. Disponível em: <<http://fluxos.org/pdfs/DoAutorTradicionalAoAgenciador.pdf>>.

PELLEGRINI, Luiz Fernando. Utilização de obras de arte plástica. Restrições. Direitos autorais e de nome. In: **Âmbito Jurídico** (site). Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=4925>.

PINTO, Luiz Gustavo. Direitos autorais nas artes visuais: análise crítica. In: **Jornal Gazeta do Povo (online)**. 05/04/2012. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/justica-direito/artigos/direitos-autorais-nas-artes-visuais-analise-critica-21epyr4z5mzfuidm8uan1owe>>.

LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm>.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARANTES, Priscila. **Reescrituras da arte contemporânea:** história, arquivo e mídia. Porto Alegre: Sulina, 2015. ISBN: 8520507131

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1. artes de fazer. Tradução de a Ephraim Ferreira Alves, 9 edição, Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1995, v.1.

RENA, Alemar. A autor como nó: literatura, multidão e singularidades na era das redes. In: Ribeiro, Adélia Maria et. al (orgs.). **Que autor sou eu? deslocamentos, experiências, fronteiras.** Vitória: PPGL, 2012. P. 349-359.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Software livre:** a luta pela liberdade do conhecimento. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. Disponível em: <http://www.sisbin.ufop.br/novportal/wp-content/uploads/2015/03/Software_livre.pdf>.

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Curadoria, memória e arquivamento
Código	
Creditação	4 créditos
Modalidade	Obrigatório
Natureza	Teórica
Carga horária total	60h
EMENTA	
<p>Políticas da memória. Oralidade e documento. Organização e curadoria de repertórios e arquivos imagéticos, sonoros e audiovisuais. Estratégias e políticas de preservação e atualização. Arquivamento digital e suas tecnologias. O arquivo, a seleção e a memória na era digital. A arte e suas instituições, espaços e fronteiras.</p>	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
<p>ARANTES, Priscila. Reescrituras da arte contemporânea: história, arquivo e mídia. Porto Alegre: Sulina, 2015. ISBN: 8520507131</p> <p>BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1989.</p> <p>BEIGUELMAN, Giselle; MAGALHÃES, Ana Gonçalves (org.). Futuros possíveis : Arte, Museus e Arquivos Digitais. São Paulo: EdUSP/Peirópolis/Itaú Cultural, 2014. ISBN: 8575963465</p> <p>BOERES, Sonia de Assis; ARELLANO, Miguel Angel. Políticas e estratégias de preservação de documentos digitais. Disponível em: <http://www.cinform-antiores.ufba.br/vi_anais/docs/SoniaMiguelPreservacaoDigital.pdf>. Acesso em 25/08/2017.</p> <p>CANCLINI, Nestor G. Culturas híbridas. São Paulo: Edusp, 1997.</p> <p>CONWAY, P. Preservação do universo digital. 2 ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.</p> <p>MARQUEZ, Renata; SCOVINO, Felipe. Escavar o futuro. In: MARQUES, Renata. Geografia portátil. Belo Horizonte: Fundação Clóvis Salgado, 2014. Disponível em: <http://www.geografiaportatil.org/index.php?/projects/escavar-o-futuro/>. Acesso em: 29 jul. 2015.</p> <p>QUEMIN, Alan et alli. O valor da obra de arte. São Paulo: Metalivros, 2014.</p> <p>RAMOS, Alexandre Dias (org.). Sobre o ofício do curador. Porto Alegre: Zouk, 2010. (Volume 2. Coleção Arte Ensaios e Documentos). ISBN: 9788588840966</p> <p>SÁ, Simone Pereira de (org.). Rumos da cultura da música: negócios, estéticas, linguagens e audibilidades. Porto Alegre: Sulina/Globouniversidade, 2010.</p> <p>THOMAZ, Kátia P. ; SOARES, Antônio José. A preservação digital e o modelo de Referência Open Archival Information System (OAIS). DataGramZero, Rev. de Ciência da Informação, v. 5, n. 1, fev. 2001. Disponível em: <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/_repositorio/2010/01/pdf_99df3bbc0d_0007616.pdf>. Acesso em 25/08/2017.</p>	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	

ARAUJO, Emanuel. **Publicação de documentos históricos**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1985.

Carta para a preservação do patrimônio arquivístico digital: preservar para garantir o acesso. Disponível em:
<http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/images/publicacoes_textos/Carta_preservacao.pdf>.

AVELAR, Romulo. **O avesso da cena:** notas sobre produção e gestão cultural. Belo Horizonte: DUO, 2008.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 2004.

DE CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. Disponível em <http://www.usp.br/cje/anexos/pierre/CERTEAUMAEscritadahist%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2015.

MARCHIORI NUSSBAUMER, Gisele (Org.). **Teorias & políticas da cultura**. Visões multidisciplinares. Salvador: Editora da UFBA, 2007.

PRADO, Heloisa de Almeida. **A técnica de arquivos**. 5ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Laboratório de projetos: tecnopolíticas
Código	
Creditação	4
Modalidade	Obrigatório
Natureza	Prática
Carga horária total	60
EMENTA	
A relação entre tecnologia e política nos processos contemporâneos de criação com som e imagem. O remix e a bricolagem no contexto histórico e contemporâneo das mídias analógicas e digitais. Direitos autorais, Creative Commons, copyleft, cultura hacker. As artes da imagem e do som e seus processos criativos e produtivos como espaço de crítica e recombinação da técnica e da tecnologia. Gambiologia e laboratórios de fabricação (fablab). Crowdfunding e outros processos de financiamento coletivo nas redes tecnológicas.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
<p>Compilação Rizoma.net: <i>Recombinação</i>. 2002. Disponível em: https://issuu.com/rizoma.net/docs/rizoma_recombinacao</p> <p>RENA, Alemar; BAMBOZZI, Lucas; RENA, Natacha. <i>Tecnopolíticas do comum: artes, urbanismo e democracia</i>. Belo Horizonte: Fluxos, 2016. Disponível em: http://www.editora.fluxos.org/LivrosPDFDownload/Rena_Bambozzi_Rena_ELTK_Cidade_Baixa.pdf</p> <p>BRUNO, Fernanda. <i>Máquinas de ver, máquinas de ser</i>. Vigilância, tecnologia e subjetividade. São Paulo: Sulina, 2014.</p>	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	

BRANCO, Sérgio; BRITTO, Walter. *O que é Creative Commons? Novos modelos de direito autoral em um mundo mais criativo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LEMOS, André, et. al. *Gambiologia*. Mutirão da Gambiarra, 2010. Disponível em: <http://mutgamb.org/sites/mutirao.metareciclagem.org/files/gambiologia.pdf>

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Laboratório de projetos: narrativas
Código	
Creditação	4
Modalidade	Obrigatório
Natureza	Prática
Carga horária total	60
EMENTA	
Narrativa oral, narrativa escrita, narrativa visual. Espaços e temporalidades narrativas. A narrativa: os efeitos de real e os efeitos estéticos. Elaboração de Projetos.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
BAUER, Martin W. <i>et al. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático</i> . 11. ed. Trad. Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2011. ISBN: 8532627277	
MOTA, Luiz Gonzaga. <i>Análise crítica da narrativa</i> . Brasília: EdUNB, 2013. ISBN: 9788523010737	
SILVEIRA, Paulo. <i>As existências da narrativa no livro de artista</i> . Projeto Gráfico. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em < http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/12111/000623021.pdf?sequence=1 >. Último acesso em 04/09/2017.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
BLOCK, Bruce. <i>A narrativa visual: criando a estrutura visual para cinema, TV e mídias digitais</i> . Trad. Claudia Mello Belhassof. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. ISBN: 9788535237603	
DONDIS, Donis A. <i>Sintaxe da linguagem visual</i> . 3. ed. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção A). ISBN: 9788580632477	
GANCHO, Cândida Vilares. <i>Como analisar narrativas</i> . 9. ed. São Paulo: Ática, 2010. (Série princípios; 207) ISBN: 9788508102136	
GAUDREULT, André; JOST, François. <i>A narrativa cinematográfica</i> . Trad. Adalberto Müller <i>et al.</i> Brasília: EdUNB, 2009. ISBN: 9788523012403	
MILDORF, Jarmila; KINZEL, Till (ed.). <i>Audionarratology: interfaces of sound and narrative</i> . Berlin: De Gruyter, 2016. ISBN: 978-3110464320	

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Laboratório de Projetos: território
Código	
Creditação	4
Modalidade	Obrigatório
Natureza	Prática
Carga horária total	60
EMENTA	
<p>A produção contemporânea do som e da imagem e sua relação com o território e a comunidade. Relações históricas e atuais entre arte, espaço e território. Produção artística em coletivos urbanos, coletivos rurais, virtuais, etc. que se ocupem do ou ocupem o território. Arte e cidade. Arte e cartografia. Arte visual urbana, do pixo ao grafite. A música e o som na periferia e a constituição do território.</p>	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
<p>CESAR, Marisa Flório. <i>Nós, o outro, o distante na arte contemporânea brasileira</i>. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2014.</p> <p>BALBINO, Jéssica. <i>Traficando conhecimento</i>. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010.</p> <p>JACQUES, Paola Berenstein. <i>Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica</i>. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Rio Arte, 2002.</p> <p>PEIXOTO, Nélon Brissac. <i>Intervenções urbanas: arte/cidade</i>. São Paulo: SENAC, 2002.</p> <p>LONGMAN, Eduardo e LONGMAN, Gabriela. <i>Grafite: labirintos do olhar</i> (Edição Bilíngue Português e Inglês). São Paulo: Bei, 2017.</p> <p><i>Compilação Rizoma.net: Artefato</i>. 2002. Disponível em: http://um.pedrofbg.com/wp-content/uploads/2015/06/Rizoma-Artefato.pdf</p>	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	

LEONEL, Juliana de Melo; FABRINO, Ricardo (orgs.). *Audiovisual comunitário e educação: histórias, processos, produtos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CAMPBELL, Brígida. *Arte para uma cidade sensível*. Belo Horizonte: Invisível Produções, 2015. Disponível em: <http://brigidacampbell.art.br/ARTE-PARA-UMA-CIDADE-SENSÍVEL>

Cineastas Indígenas: Huni Kuin. Vídeo nas Aldeias. 2016. DVD.

Migliorin, Cezar. *Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2015. ISBN 978-85-7920-193-6

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. 7 ed. São Paulo: Edusp, 2012.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

MESQUITA, André. *Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva (1990-2000)*. Dissertação apresentada ao Departamento de História da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: http://www.espiral.fau.usp.br/arquivos-artigos/2008-dissertacao_Andre_Mesquita.pdf

RENA, Alemar; BAMBOZZI, Lucas; RENA, Natacha. *Tecnopolíticas do comum: artes, urbanismo e democracia*. Belo Horizonte: Fluxos, 2016. (http://www.editora.fluxos.org/LivrosPDFDownload/Rena_Bambozzi_Rena_ELTKN_Cidade_Baixa.pdf)

PIRES, Ericsson. *A cidade ocupada*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007. (http://www.hotsitespetrobras.com.br/cultura/upload/project_reading/3_Cidade_Ocupada-Miolo.pdf)

TAVARES, Andréa. Ficções urbanas: estratégias para a ocupação das cidades. *ARS (São Paulo)* [online], v. 8, n. 16, 2010.

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Laboratório de Projetos: corporalidades
Código	
Creditação	4
Modalidade	Obrigatório
Natureza	Prática
Carga horária total	60
EMENTA	
Desenvolvimento de projetos artísticos que implicam o corpo nas artes do som, da imagem e da imagem em movimento. Música e dança; trilha, corpo em cena, cinema e teatro; arte sonora e imersão corporal. Instalação e interação.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	

--

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	TCC 1
Código	
Creditação	4
Modalidade	Obrigatório
Natureza	
Carga horária total	60
EMENTA	
Desenvolvimento de trabalho de conclusão de curso.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	TCC 2
Código	
Creditação	4
Modalidade	Obrigatório
Natureza	Teórico-prática
Carga horária total	60
EMENTA	
Desenvolvimento de trabalho de conclusão de curso.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	

IDENTIFICAÇÃO

Componente curricular	Som, imagem e movimento nas artes contemporâneas
Código	
Creditação	2 créditos
Modalidade	Obrigatório
Natureza	Prática
Carga horária total	30h
EMENTA	
A integração das mídias na produção contemporânea. Instalações, videoinstalações, performances e interações. Arte expandida e participação.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
<p>CAMPESATO, Lilian; IAZZETTA, Fernando. Som, espaço e tempo na arte sonora. Comunicação no XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM) Brasília – 2006. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/prof/iazetta/papers/anppom_2006.pdf>.</p> <p>LAURENTIZ, Sílvia. Questões da Imagem. In: VALENTE, Agnus (Org.). Híbrida Revista Eletrônica. São Paulo, Brasil, maio/2005. Disponível em: <http://www.agnusvalente.com/hibrida/silvia laurentiz_texto_01.htm>.</p> <p>LEMONS, André. Ciber-Cultura-Remix. 2005. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/remix.pdf>.</p> <p>MACHADO, Arlindo. Arte e Mídia: aproximações e distinções. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1289/787>.</p> <p>PARENTE, André (org.). Imagem Máquina: a era das tecnologias. São Paulo: Editora 34, 1996.</p>	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
<p>ADORNO, Theodor W. A arte e as artes e primeira introdução à Teoria Estética. Trad. Rodrigo Duarte. Rio de Janeiro; Bazar do Tempo, 2017.</p> <p>ALESSANDRI, Patricia. A fotografia expandida no contexto da arte contemporânea: uma análise da obra Experiência de Cinema de Rosângela Rennó. Disponível em : http://www.semeiosis.com.br/wp-content/uploads/2011/05/Patricia-Alessandri.-A-fotografia-expandida.pdf</p> <p>BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. Trad. Francisco de Machado. Porto Alegre: editora Zouk, 2012.</p> <p>CAUQUELIN, Anne. Arte contemporânea: uma introdução. Trad. Rejane Janowitz. São Paulo; Martins Fontes, 2005.</p> <p>MACHADO, Arlindo. Arte e Mídia. São Paulo, Ed. Zahar, 2007.</p>	

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Teorias da imagem

Código	
Creditação	4 créditos
Modalidade	Obrigatório
Natureza	Teórica
Carga horária total	60h
EMENTA	
A origem, a presença e o destino das imagens. Iconoclasmo e iconofilia. A imagem como representação, presença, aparição. Imagens ativas. Construção e representação do imaginário contemporâneo. Do real ao virtual, passagens da imagem.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
<p>ALLOA, Emmanuel (org.). <i>Pensar a imagem</i>. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2015;</p> <p>AUMONT, Jacques. <i>A imagem</i>. Trad.: Estela dos Santos Abreu e Claudio C. Santoro. Campinas, SP: Papyrus, 2004.</p> <p>FLUSSER, Vilém. <i>O universo das imagens técnicas</i>. Elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2009.</p> <p>GUATTARI, Félix. <i>Caosmose</i>. Trad. Ana Lucia de Oliveira. São Paulo: editora 34, 2006.</p> <p>MACHADO, Arlindo. <i>Arte e Mídia</i>. São Paulo: Ed. Zahar, 2007.</p>	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
<p>BELAUNDE, Luisa Elvira. <i>Kene</i>. Arte ciência y tradicion em diseño. Lima; Instituto Nacional de Cultura, 2009. Disponível em: <http://mapavisual.cultura.pe/archivos/doc/ba_55e5d10491fe9.pdf>.</p> <p>CASA NOVA, Vera; MAIA, Andréa Casa Nova (orgs). <i>Ética e imagem</i>. Belo Horizonte, C/Arte, 2010.</p> <p>DIDI-HUBERMAN, Georges. <i>Diante da imagem</i>. Trad.: Paulo Neves. São Paulo; Editora 34, 2013.</p> <p>DIDI-HUBERMAN, Georges. <i>Quando as imagens tocam o real</i>. PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. Vol. 2, N° 4, Novembro de 2012. Disponível em: <https://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/60>.</p> <p>LAGROU, Els; SEVERI, Carlos. <i>Quimeras em diálogo: grafismo e figuração na arte indígena</i>. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.</p> <p>MONDZAIN, Marie José. <i>Imagem, ícone, economia: as fontes bizantinas do imaginário contemporâneo</i>. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2013.</p> <p>SUSSEKIND, Pedro. <i>A imagem no sublime abstrato</i>. In SERRA, Alice; Duarte, Rodrigo; Freitas, Romero (org.) <i>Imagem, imaginação, fantasia</i>. 20 anos sem Vilém Flusser. Belo Horizonte, MG: Relicário, 2014.</p>	

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Teorias da imagem em movimento
Código	
Creditação	4 créditos
Modalidade	Obrigatório
Natureza	Teórica
Carga horária total	60h
EMENTA	
Teorias formativas e teorias realistas. Poéticas e estéticas da imagem em movimento. Atrações, ficções, experimentações e documentários. Abordagens metodológicas e tipologias imagéticas. Demarcações midiáticas e contextuais. Audiovisual expandido.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	

AUMONT, Jacques. *A imagem*. 8. ed. Trad. Estela dos Santos Abreu, Cláudio César Santoro. Campinas: Papirus, 2004

ARMES, Roy. *On video: O significado do vídeo nos meios de comunicação*. Tradução: George Schlesinger. São Paulo: Summus Editorial, 1999, 267 p.

BENTES, Ivana (org.). *Ecos do cinema: de Lumière ao digital*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2007.

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. *A arte do cinema: uma introdução*. São Paulo: EDUSP, 2014, 768 p.

GAUTHIER, Guy. *O documentário: um outro cinema*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. Campinas: Papirus, 2011.

XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. São Paulo: Paz e Terra, 2008, 212 p.

LUCENA JR., Alberto. *Arte da animação: técnica e estética através da história*. 3. ed. São Paulo: SENAC-SP, 2011.

MACHADO, Arlindo. *Pré-cinemas e pós-cinemas*. Campinas: Papirus Editora, 2011, 272 p.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas: Papirus, 2005.

RAMOS, Fernão Pessoa (org.). *Teoria contemporânea do cinema: pós-estruturalismo e filosofia analítica*. Volume I. São Paulo: SENAC/SP, 2004.

RAMOS, Fernão Pessoa (org.). *Teoria contemporânea do cinema: documentário e narrativa ficcional*. Volume II. São Paulo: SENAC/SP, 2004.

SANTAELLA Lucia; NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

SOBRINHO, Gilberto (Org.) *Cinema em redes: tecnologia, estética e políticas na era digital*. Campinas: Papirus, 2016, 160 p.

STAM, Robert. *Introdução à teoria do cinema*. 2. ed. Trad. Fernando Mascarello. Campinas: Papirus, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDREW, J. Dudley. *As Principais Teorias do Cinema*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989, 269 p.

AUMONT, Jacques et alii. *A estética do filme*. 3. ed. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 2005.

BAZIN, André. *O realismo impossível*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, 218 p.

BRISELANCE, Marie-France; MORIN, Jean-Claude. *Gramática do cinema*. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Texto & Grafia, 2010.

DELEUZE, Gilles. *A imagem-movimento: cinema I*. Lisboa: Documenta, 2016, 328 p.

DELEUZE, Gilles. *A imagem-tempo: cinema II*. São Paulo: Brasiliense, 2005, 338 p.

GAUDREAU, André; JOST, François. *A narrativa cinematográfica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

LABAKI, Amir (Org.) *A verdade de cada um*. São Paulo: Cosac Naify, 2015, 288 p.

RANCIÈRE, Jacques. *As distâncias do cinema*. São Paulo: Contraponto Editora, 2012, 168 p.

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Teorias do som
Código	
Creditação	4 créditos
Modalidade	Obrigatório
Natureza	Teórica
Carga horária total	60 horas
EMENTA	
A compreensão científica, filosófica e artística do som e da escuta, de seu papel nas ecologias do meio ambiente, das relações sociais e da intersubjetividade humana, em diferentes povos, épocas, culturas e situações históricas. O som e os modelos da Física: acústica. Características da audição em humanos e outros animais. Psicoacústica e bioacústica. Fenomenologia da escuta. Ecologia do som. Territórios sonoros. Relações entre pesquisas em áudio, tecnociências e geopolítica. Arte sonora.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	

CHION, Michel. *El sonido: música, cine, literatura...* Barcelona: Paidós, 1999.

IAZZETTA, Fernando. *Música e mediação tecnológica*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

SCHAFER, R. Murray. *A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*. São Paulo: UNESP, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

IAZZETA, Fernando; CAMPESATO, Lílian. *Som espaço e tempo na Arte Sonora*. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/prof/iazzetta/papers/anppom_2006.pdf>.

Tiago de Oliveira Pinto. *Som e música*. Questões de uma antropologia sonora. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0034-77012001000100007&script=sci_arttext>.

ZAMPRONHA, Edson S et al. *Paisagem sonora: uma proposta de análise*. Disponível em: <http://cogprints.org/3000/1/TOFFOLO_OLIVEIRA_ZAMPRA2003.pdf>.

CAESAR, Rodolfo. A escuta como objeto de pesquisa. In: *Revista Eletronica ANPPOM*, v.7 (2000). pp.34-44. Disponível em: <<http://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/43>>.

CAGE, John. *Silence: lectures and writings by John Cage*. Middletown: Wesleyan University Press, 1973.

DI SCIPIO, Agostino. "Sound is the interface": from interactive to ecosystemic signal processing. In: *Organised Sound*. v.8 n.3 (2003). pp.269-277.

FELD, Steven. *Sound and Sentiment: birds, weeping, poetics, and song in Kaluli expression*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1982.

FELD, Steven. From Ethnomusicology to Echo-Muse-Ecology: reading R. Murray Schafer in the Papua New Guinea rainforest. In: *The Soundscape Newsletter*, Number 08, June, 1994. Disponível em: <<http://www.acousticecology.org/writings/echomuseecology.html>>.

FELD, Steven. From Schizophonia to Schismogenesis: the discourses and practices of World Music and World Beat. In: MARCUS, G. E. and MYERS, F. R. *The Traffic in Culture: refiguring art and anthropology*. Los Angeles: University of California Press, 1995.

FELD, Steven. A Poetics of Place: Ecological and Aesthetic Co-evolution in a Papua New Guinea Rainforest Community. In: ELLEN, Roy & FUKUI, Katsuyoshi (edited by). *Redefining Nature: ecology, culture and domestication*. Oxford: Berg, 1996. pp.61-87.

LABELLE, Brandon. *Acoustic territories: sound culture and everyday life*. London: Continuum, 2011.

LICHT, Alan. *Sound Art: beyond music, between categories*. New York: Rizzoli, 2007.

OBICI, Giuliano. *Condições da escuta: mídias e territórios sonoros*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

SMALL, Christopher. *Musicking: the meanings of performing and listening*. Middletown: Wesleyan University Press, 1998.

SMALLEY, Denis. Spectromorphology: Explaining Sound-shapes. In: *Organised Sound*. vol.2, n.2. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. pp.107-126.

TOOP, David. *Sinister resonance: the mediumship of the listener*. London: Continuum, 2011.

VOEGELIN, Salomé. *Listening to noise and silence*. London: Continuum, 2011.

WISHART, Trevor. *On Sonic Art*. Amsterdam: Harwood, 1996.

WISNIK, José Miguel. *O Som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

21.2.2 Componentes Curriculares Optativos

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Acústica
Código	
Creditação	4 créditos
Modalidade	Optativo
Natureza	Teórico-prática
Carga horária total	60h
EMENTA	
Aspectos físicos e psicofísicos do som. Audibilidade e parâmetros subjetivos. Propagação do som, isolamento e conforto acústico. Processos de digitalização e de geração eletrônica do som.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
DE MARCO, Conrado Silva. Elementos de acústica arquitetônica . São Paulo: Estúdio Nobel, 2002.	
FONSECA, Nuno. Introdução à engenharia de som . São Paulo: FCA- Editora de Informática, 2007.	
HENRIQUE, Luís L. Acústica Musical . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.	
ROEDERER, Juan G.: Introdução à física e psicofísica da música . São Paulo: Edusp, 1998.	
SCHAFFER, R. Murray. Afinação do mundo . São Paulo: UNESP, 2001	
VALLE, Solon do. Manual prático de acústica . Rio de Janeiro: Música e Tecnologia, 2009.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
EVEREST, F. Alton. The master handbook of acoustics . 4 ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2001.	
RIGDEN, John S. Physics and the sound of music . New york: John Wiley & Sons, 1985.	
SCHAFFER, Murray. O Ouvido Pensante . São Paulo: UNESP, 1986.	

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	A linguagem da luz nas artes do corpo
Código	
Creditação	4 créditos
Modalidade	Optativo
Natureza	Teórico-prática

Carga horária total	60 horas
EMENTA	
Teoria e prática da iluminação cênica. Princípios básicos de eletricidade, de desenho e de colorização para a cena. Projeto de iluminação.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
ARNHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual : uma psicologia da percepção criadora. 8. Ed. Trad. Ivonne Terezinha de Faria. São Paulo: Pioneira Editora, 1994.	
ARNHEIM, Rudolf. Visual thinking . Los Angeles: University of California Press, 1997.	
BERGMAN, Gösta M. Lighting in the theatre . Stockholm: Almqvist & Wiksel International, 1977.	
MANNONI, Laurent. A grande arte da luz e da sombra . Trad. Assef Kfoury. São Paulo: Unesp, 2003.	
TUDELLA, Eduardo A. da Silva. Práxis cênica como articulação de visualidade : a luz na gênese do espetáculo / Tese (Doutorado em Artes Cênicas) Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, 2013. 629 f. il.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	

ALTON, John. **Painting with light**. California: University of California Press, 1995.

AZEVEDO, Wilton. **O que é design**. São Paulo. Editora Brasiliense, 2001.

BELASCO, David. Foreword. In: HARTMANN, Louis. **Theatre lighting: a manual of the stage switchboard**. New York: DBS Publications, Inc. Reprinted, 1970, p. V.

CARLSON, Marvin. **Teorias do teatro - Estudo histórico-crítico, dos gregos à atualidade**. São Paulo: Unesp, 1997.

CARVER, Gavin; WHITE, Christine. **Computer visualization for the theatre**. 3D Modelling for Designers. Burlington: Focal Press, 2003.

CURRENT, Richard N.; CURRENT, Marcia Ewing. **Loie Fuller: Goddess of Light**. Massachusetts: Northeastern University Press, 1997.

DENIS, Rafael Cardoso. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Edgar Blücher, 2000.

FOSTER, Hall. (Ed.). **Vision and visuality**. Settle: Bay Press, 1988.

FUCHS, Theodore. **Stage lighting**. New York: B. Blum, 1963.

GILLETTE, J. Michael. **Designing with light - An introduction to stage lighting**. New York: McGraw-Hill, 2003.

HARTMANN, Louis. **Theatre lighting: a manual of the stage switchboard**. New York: DBS Publications, Inc. Reprinted, 1970.

MOURA, Edgar Pinheiro de. **50 anos: luz, câmera e ação**. São Paulo: Editora Senac, 1999.

NOVAES, Adauto. (Org). **Muito além do espetáculo**. São Paulo: Senac, 2005.

PALMER, Richard H. **The lighting art: the aesthetics of stage lighting design**. 2. ed. New Jersey: Prentice Hall, 1998.

REID, Francis. **The stage lighting handbook**. New York: Theatre Arts Books, 1976.

SIRLIN, Eli. **La luz en el teatro: manual de iluminación**. 2. ed. Buenos Aires: Instituto Nacional de Teatro, (2006).

STREADER, Tim; WILLIAMS, John A. **Create your own stage lighting**. New Jersey: Prentice-Hall, Inc., 1985.

TORMANN, Jamile. **Caderno de iluminação: arte e ciência**, 2. edição, Rio de Janeiro: Música e Tecnologia, 2008.

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Arqueologia da imagem e da imagem em movimento
Código	
Creditação	4
Modalidade	Optativo

Natureza	Teórico-prática
Carga horária total	60
EMENTA	
Prospecções sobre os processos artísticos de criação com a imagem e com a imagem em movimento. Estudo de práticas artísticas com a imagem e com a imagem em movimento na contemporaneidade.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
BRISELANCE, Marie-France; MORIN, Jean-Claude. Gramática do cinema . Trad. Pedro Elóis Duarte. Lisboa: Texto & Grafia, 2011. ISBN: 9789898285492	
FATORELLI, Antonio. Fotografia contemporânea: entre o cinema, o vídeo e as novas mídias . São Paulo: Ed. SENAC/SP, 2013. ISBN: 9788574583334	
GONÇALVES, Marco Antonio. Devires Imagéticos: A Etnografia, o Outro e suas imagens . Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. ISBN: 8575775626	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
ARNHEIM, Rudolf. Arte e Percepção Visual, uma psicologia da visão criadora . São Paulo: Editora Cengage Learning, 2012. ISBN: 9788522126002	
AZEVEDO, Teresa . Entre a criação e a exposição: o museu como ateliê do artista. Breve introdução ao tema. Revista Midas , número 3/2014. Disponível em: < https://midas.revues.org/589 >.	
BARTHES, Roland. A Câmera Clara . Nota sobre a fotografia. 5. ed. Trad. Júlio Castanõn Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. ISBN: 8520924298	
BRET, Guy. Brasil Experimental: arte/vida, proposições e paradoxos . Trad. Renato Rezende. Organização e prefácio de Kátia Maciel. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005. ISBN: 8586011940 9788586011948	
FABRIS, Annateresa (org.). Fotografia: usos e funções no Século XIX . 2. ed. São Paulo: EdUSP, 2008. ISBN: 8531400236	
MACHADO, Arlindo. Arte e mídia . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010. ISBN: 9788537803288	
MACHADO, Arlindo. Pré-cinemas e Pós-cinemas . Campinas: Papyrus, 1997. ISBN: 8530809351	
MOTA, Luciara Franco Vidal. Passagens da videoarte à arte contemporânea: fulgurações benjaminianas . Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense, 2013. Disponível em: < http://www.artes.uff.br/dissertacoes/2013/luciara-franco.pdf >.	
RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível . Estética e política. Trad. de Mônica Costa Netto. Lisboa: Editora 34, 2005. ISBN: 8573263210	
SONTAG, Susan. Sobre fotografia . Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras. 2004. ISBN: 8535904964	

IDENTIFICAÇÃO

Componente curricular	Arqueologia do som
Código	
Creditação	4 créditos
Modalidade	Optativo
Natureza	Teórico-prática
Carga horária total	60h
EMENTA	
Histórias e historicidades da música de tradição oral, popular e erudita. Memórias orais e grafias. Registros sonoros. Reconstrução e tradução. Remixagem e sampleagem.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
<p>CANCLINI, Nestor G. Culturas híbridas. São Paulo: Edusp, 1997.</p> <p>GROUT, Donald J.; PALISCA, Claude. História da música ocidental. Lisboa: Gradiva, 2007. Disponível em https://labmus.emac.ufg.br/up/988/o/GROUT__PALISCA_-_Hist%C3%B3ria_da_M%C3%BAsica_Ocidental.pdf . Acesso em 22/08/2017.</p> <p>PINTO, Tiago de Oliveira. Som e música: questões de uma Antropologia Sonora. Rev. Antropologia, vol.44, nº1. São Paulo 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012001000100007. Acesso em 22/08/2017.</p> <p>SÁ, Simone Pereira de (org.): Rumos da Cultura da Música: negócios, estéticas, linguagens e audibilidades. Porto Alegre: Sulina/Globouniversidade, 2010.</p> <p>SAUER, Theresa. Notations 21. New York: Mark Batty Publisher, 2009.</p> <p>SZENDY, Peter. Escucha: una historia del oído melómano. Barcelona: Paidós, 2003.</p> <p>VARGAS, Heron. Hibridismos musicais de Chico Science & Nação Zumbi. Cotia: Ateliê, 2007.</p> <p>VICENTE, Eduardo: Da vitrola ao iPod: uma história da indústria fonográfica no Brasil. São Paulo: Alameda, 2014.</p>	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
<p>BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1989.</p> <p>FREITAS, Alexandre S. O sonoro e o visual: questões históricas, fenomenológicas e uma abertura à estética comparada. Per Musi, Belo Horizonte, n. 19, 2009, p. 91-96. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-75992009000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=en. Acesso em: 22 jul. 2015.</p> <p>MORAES, José Geraldo Vinci de. "Música Popular: Fontes e Acervos" in Teresa – Revista de Literatura Brasileira, nº 4/5. São Paulo, 2004.</p>	

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Arte e acessibilidade: audiodescrição, audiolivros e dublagem
Código	

Creditação	2
Modalidade	Optativo
Natureza	Teórico-prática
Carga horária total	30 h
EMENTA	
A acessibilidade como forma de tradução nas várias artes: audiodescrição, audiolivros, dublagem e legendagem. Princípios teóricos, técnicas e métodos para a inclusão cultural, social e escolar de deficientes visuais, auditivos e intelectuais em cinema, teatro, museus, exposições, peças, óperas, balé e todo tipo de manifestações artísticas.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
<p>ALVES, Soraya Ferreira; ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago. Formação do audiodescritor: a estética cinematográfica como base para o aprendizado da estética da audiodescrição. Materiais, métodos e produtos. Cad. Trad., Florianópolis, v. 36, nº 3, p. 34-59, set.-dez./2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2016v36n3p34>.</p> <p>ANASTÁCIO, Sílvia Maria Guerra; TURECK, Lúcia Terezinha Zanato. Criação de mídias sonoras como instrumento de acessibilidade a textos. XII Congresso Internacional da ABRALIC, 2011. Disponível em: <https://intervenoesdotcomdotbr.files.wordpress.com/2014/12/2011-criacao-de-midias-sonoras-como-instrumento-de-acessibilidade-a-textos-literarios.pdf>.</p> <p>MOTTA, Livia Maria Villela de M. & FILHO Paulo Romeu (orgs). Audiodescrição. Transformando Imagens em Palavras. São Paulo: Secretaria do Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010.</p> <p>PLAZA, Júlio. Tradução Intersemiótica. São Paulo: Perspectiva, 1987.</p> <p>SEGER, Linda. A arte da adaptação. São Paulo: Bossa Nova Editora, 2007.</p>	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
<p>HURTADO, Catalina Jimenez (org). Traducción y accesibilidad. Subtitulación para sordos y audiodescripción para ciegos: nuevas modalidades de Traducción audiovisual. Frankfurt: Peter Lang, 2007.</p> <p>JAKOBSON, R. Aspectos lingüísticos da tradução. In: _____. Linguística e comunicação. 3o ed. São Paulo: Cultrix, 1970. p. 63-72 [1959]</p> <p>KONECSNI, Ana Carolina. Tradução para dublagem. 2ª ed. Rio de Janeiro: Transitiva, 2016.</p> <p>MARTINS, Bruno Sena. E se eu fosse cego? Narrativas silenciadas da deficiência. Porto: Edições Afrontamento, 2006.</p>	

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Arte, documento e processos de criação
Código	
Creditação	
Modalidade	Optativo

Natureza	Teórico-prática
Carga horária total	60h
EMENTA	
O trabalho com o documento em processos artísticos no vídeo, no cinema, na fotografia, no desenho, no documentário, etc. Colagem, montagem e outros procedimentos de reapropriação e de recriação. Os processos ficcionais no documentário.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
COMOLLI, Jean-Louis, Ver e Poder. A inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário. Seleção e organização: César Guimarães; Ruben Caixeta Trad. Augustin de Tugny; Oswaldo Teixeira; Ruben Caixeta. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.	
ROUILLÉ, André. A fotografia : entre documento e arte contemporânea. Trad. Constancia Egrejas. São Paulo: SENAC/SP, 2009.	
VALE, Glaura Cardoso. A mise-en-film da fotografia no documentário brasileiro . Belo Horizonte: Filmes de Quintal/Relicário, 2016. ISBN: 978-85-66786-45-3	
DERRIDA, J. Mal de arquivo: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
BELLOUR, R. Entre-imagens: foto, cinema, vídeo. Campinas: Papyrus, 1997.	
BUCHLOH, Benjamin. Procedimentos alegóricos: apropriação e montagem na arte contemporânea. In: Arte & Ensaios . Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2000. ISSN: 2448-3338	
FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber . 8. ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. São Paulo: Forense, 2012. ISBN: 9788530939663	
FURTADO, B.; DUBOIS, P. (Org.). Pós-fotografia, pós-cinema : o devir das imagens contemporâneas das artes. São Paulo: Sesc, 2017. (no prelo)	
LAGROU, Els. Arte indígena no Brasil : agência, alteridade, relação. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2009. ISBN: 978-8576540861	
PARENTE, André (org.). Imagem-máquina : a era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: Edições 34, 1993. ISBN: 9788585490270	

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Projeto de criação do Laboratório em Artes do corpo e multimídia
Código	
Creditação	4 créditos
Modalidade	Optativo
Natureza	Teórico-prática
Carga horária total	60h
EMENTA	

Processos criativos, experimentação e pesquisas sobre as relações entre corpo e tecnologias digitais, multimídia, ambientes virtuais e/ou internet. Exploração de interfaces e interações possíveis entre o interprete do corpo em cena e as tecnologias digitais. Corpo e espaço ampliados pelas tecnologias. Desenho de projetos cênicos com uso intensivo de tecnologias digitais, da imagem, do som e/ou outras. Experimentação e reflexão sobre as potencialidades do uso de novas tecnologias nas artes do corpo em cena. Desenvolvimento de pesquisas e projetos artísticos individuais e colaborativos baseados na apropriação crítica e criativas de tecnologias da informação e da comunicação, do som e da imagem.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ISAACSON, Marta. Cruzamentos históricos: teatro e tecnologias da imagem. **Revista ArtCultura**, Uberlândia, v. 13, n. 23, p. 7-22, jul.-dez. 2011. Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF23/marta_isaacson.pdf>. Acesso em 16 out. 2017.

SANTANA, Ivani. **Dança na cultura digital**. Salvador: EDUFBA, 2006. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/zn6c5>>. Acesso em 16 out. 2017.

GOMES, Clara Margarida Gonçalves. **Ciberformance: a performance em ambientes e mundos virtuais**. Tese de doutoramento. Universidade Nova de Lisboa, 2013. Disponível em: <<https://run.unl.pt/handle/10362/11409>>. Acesso em 16 out. 2017.

TAVARES, Mónica et al. (orgs). **Arte-corpo-tecnologia**. São Paulo: ECA/USP, 2014. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/nucleos/gp_admd/wp-content/uploads/arte_corpo_tecnologia_vFinal_impressao.pdf>. Acesso em 16 out. 2017.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

SANTANA, Ivani. Body Presence in the Digital Dance Distributed in Network. **ARJ-Art Research Journal**; v. 1, n. 2 (2014): O conceito de pesquisa na pesquisa em artes. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/5370>>. Acesso em 16 out. 2017.

BAY-CHENG, Sarahetal (Org.). **Mapping Intermediality in Performance**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2010. Disponível em: <<https://oapen.org/download?type=document&docid=406430>>. Acesso em 16 out. 2017.

MANOVICH, Lev. **El le nguaje de los nuevos medios de comunicación: la imagen en la era digital**. Tradução: Oscar Fontrodona. Barcelona: Paidós, 2005.

IDENTIFICAÇÃO

Componente curricular	Artes gráficas: materiais, suportes e recursos técnicos
Código	
Creditação	4 créditos
Modalidade	Optativo
Natureza	
Carga horária total	60h

EMENTA

As etapas da produção gráfica, criação, pré-impressão, impressão e acabamento em suas diversas dimensões técnicas e materiais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA
<p>ARAUJO, Emanuel. A construção do livro. Princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.</p> <p>GATTER, Mark. Produção gráfica para designers. Cotia: Ateliê editorial, 2016.</p> <p>QUEIROZ, Sonia (org.). Editoração: arte e técnica. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1996. Disponível em: https://goo.gl/S4tmTC.</p>
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
<p>BAER, Lorenzo. <i>Produção gráfica</i>. São Paulo: Senac-SP, 1999.</p> <p>MELOT, Michel. <i>Livro</i>. Cotia: Ateliê editorial, 2016.</p>

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Áudio-vídeo, interfaces físicas e instalação
Código	
Creditação	4
Modalidade	Optativo
Natureza	
Carga horária total	60
EMENTA	
<p>Histórico da modalidade “instalação” no contexto das artes de mídia e computacionais. A instalação em áudio e vídeo na arte contemporânea. Instalações em galerias e espaços públicos. Tecnologias: Arduino, projeção, programação. Video mapping. Arte gerativa e interativa. Análise, concepção, desenvolvimento e produção de instalações em áudio e vídeo interativas, computacionais, multimodais, etc.</p>	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
<p>MACHADO, Arlindo. Arte e Mídia: aproximações e distinções. In: Galáxia, n. 4, 2002.</p> <p>RENA, Alemar; BAMBOZZI, Lucas; RENA, Natacha (orgs.). Tecnopolíticas do comum: artes, urbanismo e democracia. Belo Horizonte: Fluxos, 2016. (http://www.editora.fluxos.org/LivrosPDFDownload/Rena_Bambozzi_Rena_ELTKN_Cidade_Baixa.pdf)</p> <p>TRIBE, Mark. New Media Art. São Paulo, Taschen, 2011.</p>	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	

BAMBOZZI, Lucas. **Mediações, tecnologia e espaço público**: panorama crítico da arte em 119 mídias móveis. Disponível em: <
https://issuu.com/lucasbambozzi/docs/artemov_miolo_livro_preview>.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MACHADO, Arlindo. **Máquina e imaginário**. São Paulo: EDUSP, 2001.

RENNÓ, Raquel; BRUNET, Karla (orgs.). **Tropixel**: arte, ciência, tecnologia e sociedade. Salvador: EDUFBA, 2015.

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Captação e edição de áudio
Código	
Creditação	4 créditos
Modalidade	Optativo
Natureza	Prática
Carga horária total	60h
EMENTA	
Histórias dos processos de gravação. Técnicas de registro sonoro de voz, instrumentos e ambiente. Microfones e captadores. Pré-amplificadores e interfaces. Pluggins. Tratamento de som. Efeitos. Edição.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
ALTEN, Stanley R. Audio in media – the recording studio. New York: Wadsworth Publishing Company, 1996.	
EARGLE, John. Handbook of recording engineering , 4ª ed. Norwell: Kluwer Academic Publishers, 2003.	
LABRADA, Jeronimo. Registro sonoro : técnica básica. San Antonio de Los Baños: Escola Internacional de cine y TV, 1989.	
SÁ, Sérgio: Fábrica de sons : os recursos oferecidos pela tecnologia musical. São Paulo: Globo, 2003.	
SOUZA, João Baptista Godoy de. Procedimentos de trabalho na captação de som direto nos longas-metragens brasileiros “Contra todos” e “Antônia” : a técnica e o espaço criativo. Tese (Doutorado em Cinema) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
HENRIQUES, Fábio. Guia de mixagem , 2ª Ed.. Rio de Janeiro: Música e tecnologia, 2007.	
SÁ, Simone Pereira de (org.). Rumos da cultura da música : negócios, estéticas, linguagens e audibilidades. Porto Alegre: Sulina/Globouniversidade, 2010.	

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Estudos sobre cenografia e figurino
Código	
Creditação	4 créditos
Modalidade	Optativo
Natureza	Prática
Carga horária total	60h
EMENTA	
<p>Principais modalidades do espaço cênico; possibilidades da cena aberta e cena fechada; espacialização – modos da arte operar no espaço; dispositivos cênicos e adereços como operadores do espaço cenográfico. Reflexões sobre indumentária e composição cênica: usos, funções, aspectos e principais concepções. Laboratório teórico-prático que deve perpassar processo/proposição e experimento de propostas de realização, de preferência atrelada a algum laboratório cênico.</p>	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
<p>CABALLERO, Ileana Diéguez. Cenários liminares: teatralidades, performances e política. Uberlândia: EDUFU, 2016.</p> <p>VARGAS, LISETE ARNIZAUT. O visível e o invisível na criação de um Figurino de dança. Revista Icônica, Apucarana, v. 2, n. 2, p.125-141, Fev./Ago. 2016 http://revistas.utfpr.edu.br/ap/index.php/iconica/article/viewFile/31/55</p> <p>RATTO, Giani. Antitratado de cenografia: variações sobre o mesmo tema. São Paulo: Editora: SENAC, 1999, 3aed.</p> <p>SERRONI, J.C. Figurinos. São Paulo: Editora SESI-SP, 2014.</p>	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
<p>ANCHIETA, José de. Cenograficamente: da cenografia ao figurino. São Paulo: Edições SESC, 2015.</p> <p>BUENO, Luciana. Muito além da caixa cênica — A realização cenográfica contemporânea na cidade de São Paulo São Paulo, 2007, ECA/USP.</p> <p>URRSI, Nelson. A linguagem cenográfica. Dissertação, UNICAMP, 2006.</p> <p>VIANA, Fausto. Figurino e cenografia para iniciantes. São Paulo: editora Estação das Letras, 2014.</p> <p>VIANA, Fausto (ORG.) Diário das escolas: cenografia PQ 11. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2011.</p> <p>VIANA, Fausto. Figurino Teatral e as renovações do século XX. São Paulo: editora Estação das Letras, 2010.</p>	

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Cor, forma e imagem

Código	
Creditação	2 créditos
Modalidade	Optativo
Natureza	Teórico-prática
Carga horária total	30h
EMENTA	
Fundamentos do estudo da forma, da cor e da composição das imagens em suas relações teóricas, operacionais e inter-relações no terreno específico das artes visuais e audiovisuais.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
ARNHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual : uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Cengage do Brasil, 2016.	
GAGE, John. A cor na arte . São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2012.	
DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem visual . São Paulo: Martins Fontes, 1997	
TUGNY, Augustin de. Regimes da Cor . Tese de doutorado em arte. PPGA-EBA-UFGM, 2010. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/JSSS-8B2LN8	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
ALBERS, Josef. A interação da cor . São Paulo: Martins Fontes, 2009.	
LUPTON, Ellen; PHILLIPS, Jennifer Cole. Novos fundamentos do design . Trad. Cristian Borges. São Paulo; Cosac & Naify, 2008.	
MUNARI, Bruno. Das coisas nascem coisas . São Paulo: Martins Fontes, 2015.	

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Criação e composição sonora
Código	
Creditação	4 créditos
Modalidade	
Natureza	Teórico-prática
Carga horária total	60 horas
EMENTA	

O Laboratório gira em torno de questões da escuta, memória, tempo, corpo, criação, imaginação sonora e notação. Busca a interface com outras linguagens artísticas e tem ênfase no uso de novas tecnologias na criação e composição com sons. Estratégias pedagógicas (dispositivos) e problemas concretos dão início a projetos de criação e composição, levando a debates, relatos, pesquisas, avaliações, sistematizações, apresentações, em torno dos seguintes temas, que podem ser complementados: técnica e poética, material sonoro, diferença e repetição, rítmica, características e parâmetros do som, o som como processo, intermodalidade e trans/intermídia. Os resultados são compartilhados e apresentados a cada quadrimestre do componente curricular, constituindo-se, quando possível, em projetos de pesquisa do Laboratório.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BUDASZ, Rogério (Org.). **Criação musical e tecnologias**: teoria e prática interdisciplinar. Goiânia: ANPPOM, 2010. Disponível em: <http://www.anppom.com.br/ebooks/index.php/pmb>.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora, visual, verbal. São Paulo: Iluminuras, 2013.

SCHAEFFER, P. **Ensaio sobre o rádio e o cinema**: estética e técnica das artes-relé 1941-1942. Texto estabelecido por Carlos Palombini e Sophie Brunet com a colaboração de Jacqueline Schaeffer. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

WISHART, Trevor. **On sonic art**. Amsterdam: Harwood Academic Publishers, 1996.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

EMMERSON, Simon (Ed.). **The language of electroacoustic music**. Basingstoke: Macmillan, 1986.

SMALLEY, Denis. Space-form and the acousmatic image. In: **Organised sound**. vol.12, n.1, pp.35-58. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

SMALLEY, Denis. Spectromorphology: Explaining Sound-shapes. In: **Organised sound**. vol.2, n.2. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. pp.107-126.

ZUBEN, Paulo. **Música e tecnologia**: o som e seus novos instrumentos. São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Criação editorial
Código	
Creditação	4
Modalidade	Optativo
Natureza	Teórico-prática
Carga horária total	60
EMENTA	

Práticas analógicas para o planejamento visual e gráfico. Práticas de escrita e edição. Projeto gráfico e Diagramação. Concepção de publicações. Processos artísticos de produção de impressos. Livros de artistas. Fanzines. Arte Postal. Gráfico Amador. Processos digitais de criação editorial para mídia impressa. Impressão offset e publicação online. Softwares livres e proprietários para editoração eletrônica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BEIGUELMAN, Gisele. *O livro depois do livro*. São Paulo: Peirópolis, 2003.

COLLARD, Antônio Celso. *Projeto Gráfico, teoria e prática da diagramação*. São Paulo: Editorial, 1987.

PAIVA, Ana Paula Mathias de. *A aventura do livro experimental*. São Paulo: Edusp, 2009.

SILVEIRA, Paulo. *A página violada*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001.

PLAZA, Júlio. "O livro como forma de arte (I)". *Arte em São Paulo*, São Paulo, n.6, abr., 1982.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LUPTON, Ellen; PHILLIPS, Jennifer Cole. *Novos fundamentos do design*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LEBORG, Christian. **Gramática Visual**. São Paulo: Gustavo Gili Brasil, 2015.

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Gravação, captura e edição digital de vídeo
Código	
Creditação	4 créditos
Modalidade	Optativo
Natureza	Prática
Carga horária total	60
EMENTA	
Procedimentos de captação de vídeo: gravação, iluminação e áudio. Edição não-linear. Filtros e efeitos. Sincronização de áudio e vídeo. Videocast: roteiro, gravação e edição. Formatos digitais e codecs de vídeo.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
ARMES, Roy. On Video: O Significado do Vídeo nos Meios de Comunicação . Editora Summus: 1999. ISBN: 9788532305817	
DANCYGER, Ken. Técnicas de edição para cinema e vídeo: história, teoria e prática . Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. ISBN: 9788535224078	
WATTS, Harris. On Camera: O curso de produção de filmes e vídeos da BBC . Editora Summus: 1990. ISBN: 9788532303141	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papyrus, 1993 ISBN: 9789898285935

EISENSTEIN, Sergei. **A forma do filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. ISBN: 9788571101128

MURCH, Walter. **Num piscar de olhos**: a edição de filmes sob a ótica de um mestre. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004 ISBN: 9788571107823

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Ilustração
Código	
Creditação	2 créditos
Modalidade	Optativo
Natureza	Teórico-prática
Carga horária total	30h
EMENTA	
Conceitos e ideias associadas à técnica, suportes e materiais para ilustração. A relação inter-semiótica texto-imagem.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
<p>ARBEIX, Marcia (org.). Poéticas do visível. Ensaios sobre a escrita e a imagem. Belo Horizonte: Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários, FaLe-UFMG, 2006. Disponível em: http://www.lettras.ufmg.br/site/e-livros/Po%C3%A9ticas%20do%20vis%C3%ADvel%20-%20ensaios%20sobre%20a%20escrita%20e%20a%20imagem.pdf</p> <p>FLUSSER, Wilem. Texto Imagem. Disponível em: <http://www.flusserbrasil.com/art45.html>.</p> <p>FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2016.</p> <p>NOVAES, Sylvia Caiuby. Imagem, magia e imaginário: desafios ao texto antropológico. In revista Mana, vol.14, N°2. Rio de Janeiro, outubro de 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/mana/v14n2/a07v14n2.pdf</p>	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
<p>BAER, Lorenzo. <i>Produção gráfica</i>. São Paulo; Senac-SP, 1999.</p> <p>VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas. <i>Palavras e imagens em livros de artista</i>. Disponível em: https://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/viewFile/38/38</p>	

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Imagem fotográfica

Código	
Creditação	4 créditos
Modalidade	Optativo
Natureza	Teórico-prática
Carga horária total	60h
EMENTA	
Introdução à imagem técnica em seus aspectos históricos, conceituais e técnicos. Exploração de processos, materiais e equipamentos em abordagens diferenciadas. A imagem fotográfica do analógico ao digital. A imagem fotografia nas redes sociais.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
BARTHES, Roland. <i>A câmara clara</i> . Trad. Julio Castanon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.	
FLUSSER, Vilèm. <i>Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia</i> . São Paulo; Annablume, 2011.	
FONSECA, Darci Raquel. <i>Do retrato fotográfico às faces virtuais nas redes</i> . Disponível em: https://art.medialab.ufg.br/up/779/o/art13_RaquelFonseca.pdf	
MACHADO, Arlindo. <i>A ilusão especular: uma teoria da fotografia</i> . São Paulo: Gustavo Gili Brasil, 2015.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
DUBOIS, Philippe. <i>O ato fotográfico</i> . Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Papyrus, 2012.	
GRIECO, Alfredo. <i>Comunicação por imagem fotográfica na internet: mudança de paradigma</i> . In : revista Alceu, PUC-Rio. Numero 12. Disponível em: http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n12_Grieco.pdf	
JESUS, Samuel de. <i>Saudade</i> . Da poesia medieval à fotografia contemporânea, o percurso de um sentimento ambíguo. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.	
KRAUSS, Rosalind. <i>O Fotográfico</i> . São Paulo, Gustavo Gili Brasil, 2014.	
MACHADO, Arlindo. <i>A fotografia como expressão do conceito</i> . In: revista Studium, IAR-UNICAMP; inverno de 2000. Disponível em: http://www.studium.iar.unicamp.br/doi/1.htm	
ROUILLÉ, André. <i>A fotografia: entre documento e arte contemporânea</i> . São Paulo; Ed. Senac, 2009.	

IDENTIFICAÇÃO	
Componente Curricular	Laboratório de arte final em artes gráficas
Código	
Creditação	4 créditos
Modalidade	Optativo

Natureza	Prática
Carga horária total	60h
EMENTA	
Realização orientada de artefinalização de projetos gráficos em diversas modalidades, construídos a partir de suportes digitais e impressos. Estéticas e técnicas de tratamento de arquivos para impressão.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
LUPTON, Ellen; PHILLIPS, Jennifer Cole. Novos fundamentos do design . São Paulo: Cosac Naify, 2008.	
COLLARD, Antônio Celso. Projeto Gráfico, teoria e prática da diagramação . São Paulo: Editorial, 1987.	
ARAUJO, Emanuel. A construção do livro . Princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro; Lexikon, 2008.	
GATTER, Mark. Produção gráfica para designers . Cotia; Ateliê editorial, 2016.	
QUEIROZ, Sonia (org.). Editoração: arte e técnica. Belo Horizonte; FALE/UFMG, 1996. Disponível em: http://www.lettras.ufmg.br/site/e-livros/Editora%C3%A7%C3%A3o%20-%20Arte%20e%20T%C3%A9cnica%20-%202%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o%20-%20revisada%20e%20aumentada.pdf	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
BAER, Lorenzo. Produção gráfica . São Paulo; Senac-SP, 1999.	
MELOT, Michel. Livro . Cotia: Ateliê editorial, 2016.	

IDENTIFICAÇÃO	
Componente Curricular	Laboratório de arte final em vídeo
Código	
Creditação	4 créditos
Modalidade	Optativo
Natureza	Prática
Carga horária total	60h
EMENTA	

Realização orientada de artefinalização de projetos audiovisuais em diversas modalidades, construídos a partir de suportes digitais. Estéticas e técnicas de tratamento para arquivos audiovisuais. Renderização.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARMES, Roy. **On Video**: O Significado do Vídeo nos Meios de Comunicação. Editora Summus: 1999. ISBN: 9788532305817

DANCYGER, Ken. **Técnicas de edição para cinema e vídeo**: história, teoria e prática. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. ISBN: 9788535224078

WATTS, Harris. **On Camera**: O curso de produção de filmes e vídeos da BBC. Editora Summus: 1990. ISBN: 9788532303141

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papyrus, 1993. ISBN: 9789898285935

EISENSTEIN, Sergei. **A forma do filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. ISBN: 9788571101128

MURCH, Walter. **Num piscar de olhos**: a edição de filmes sob a ótica de um mestre. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. ISBN: 9788571107823

IDENTIFICAÇÃO	
Componente Curricular	Laboratório de arte final em som
Código	
Creditação	4 créditos
Modalidade	Optativo
Natureza	Prática
Carga horária total	60h
EMENTA	
Realização orientada de artefinalização de projetos de arte sonora em diversas modalidades, construídos a partir de suportes digitais. Estéticas e técnicas de tratamento para arquivos sonoros. Renderização.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	

ALTEN, Stanley R. **Audio in media** – the recording studio. New York: Wadsworth Publishing Company, 1996.

FARJOUN, Daniel. **Mix** – o poder da mixagem. Rio de Janeiro: Música & Tecnologia, 2012.

KATZ, Bob. **Mastering audio** – the art and the science. Burlington: Focal Press, 2002.

SÁ, Simone Pereira de (org.). **Rumos da Cultura da Música**: negócios, estéticas, linguagens e audibilidades. Porto Alegre: Sulina/Globouniversidade, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DITTMAR, Tim. **Audio engineering 101**. Burlington: Focal Press, 2010.

GIBSON, David. **A arte da mixagem**. São Paulo: Artispro, 1997.

HENRIQUES, Fábio. **Guia de Mixagem**, 2ª Ed.. Rio de Janeiro: Música e tecnologia, 2007.

HUBER, David Miles e RUNSTEIN, Robert E.. **Modern recording technics**. 7 ed. Burlington: Focal Press, 2002.

OWSINSKI, Bobby. **The mixing engineer’s handbook**. Vallejo: Mix Books, 1999.

SÁ, Sérgio. **Fábrica de sons**: os recursos oferecidos pela tecnologia musical. São Paulo: Globo, 2003.

IDENTIFICAÇÃO

Componente curricular	Literatura e cinema: estudos de tradução intersemiótica e roteirização
Código	
Creditação	2
Carga horária total	30h
Modalidade	Optativo
Natureza	Teórica

EMENTA

Estudo da tradução entre signos através das chamadas adaptações fílmicas, ou das traduções da literatura para o meio audiovisual. Especial atenção à questão do roteiro e das estratégias tradutórias.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FIELDS, Syd. **Manual do roteiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução de André Cechinel. Florianópolis: EDUFSC, 2011.

PLAZA, Júlio. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

SELDMEYER, Sabrina; MACIEL, Maria Esther (orgs). **Textos à flor da tela**: relações entre literatura e cinema. Belo Horizonte: FALE da UFMG, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AMORIM, Lauro Maia. **Tradução e adaptação**. São Paulo: UNESP, 2005.

CHION, Michel. **O roteiro de cinema**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

DINIZ, Thais Flores Nogueira. **Literatura e cinema** - tradução, hipertextualidade, reciclagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

JOSEF, Bella. Cinema e literatura: algumas reflexões. **Revista Contexto** nº 17 - 2010/1. p.237-252. Disponível em < <http://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/6601>>.

PEREIRA, Olga Arantes. Cinema e literatura: dois sistemas semióticos distintos. **Kalíope**, São Paulo, ano 5, n. 10, p. 42-69 ago./dez., 2009.p.42-69. Disponível em < <https://revistas.pucsp.br/index.php/kaliope/article/view/7471>>.

STAM, Robert. **A literatura através do cinema**: realismo, magia e a arte da adaptação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

IDENTIFICAÇÃO

Componente curricular	Mixagem e masterização
Código	
Creditação	4 créditos
Modalidade	Optativo
Natureza	Prática
Carga horária total	60h

EMENTA

Procedimentos técnicos e artísticos de mixagem e masterização. Princípios de utilização de hardwares e softwares de áudio. Efeitos. Combinações de sistemas acústicos, sistemas MIDI e sistemas de áudio digital.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALTEN, Stanley R. *Audio in media: the recording studio*. New York: Wadsworth Publishing Company, 1996.

FARJOUN, Daniel: *Mix: o poder da mixagem*. Rio de Janeiro: Música & Tecnologia, 2012.

GIBSON, David. *A arte da mixagem*. Recording engineering and production. Tradução de Germano Lins. São Paulo: Artispro, 1997.

HENRIQUES, Fábio: *Guia de mixagem*, 2ª Ed.. Rio de Janeiro: Música e tecnologia, 2007.

SÁ, Sérgio: *Fábrica de sons: os recursos oferecidos pela tecnologia musical*. São Paulo: Globo, 2003.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

KATZ, Bob. *Mastering audio: the art and the science*. Burlington: Focal Press, 2002.

HUBER, David Miles e RUNSTEIN, Robert E. *Modern recording technics*. 7 ed. Burlington: Focal Press, 2002.

OWSINSKI, Bobby. *The mixing engineer's handbook*. Vallejo: Mix Books, 1999.

DITTMAR, Tim. *Audio engineering 101*. Burlington: Focal Press, 2010.

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Montagem
Código	
Creditação	4
Modalidade	Optativo
Natureza	Teórico-prática
Carga horária total	60
EMENTA	
Teorias, conceitos e princípios básicos da montagem e aplicações práticas. Montagem e produção de sentido e narrativa. Metodologia de trabalho, tecnologia de execução, processos de montagem e edição, interação com outras fases da produção audiovisual. Montagem e edição no cinema de animação.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
LEONE, Eduardo; MOURÃO, Maria Dora. <i>Cinema e Montagem</i> . São Paulo: Ática, 1987.	
MARTIN, Marcel. <i>A linguagem cinematográfica</i> . São Paulo: Brasiliense, 1990.	
DANCYGER, Ken. <i>Técnicas de edição para cinema e vídeo: história, teoria e prática</i> . Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
METZ, Christian. <i>Linguagem e cinema</i> . São Paulo: Perspectiva, 1980.	
EISENSTEIN, Sergei. <i>A forma do filme</i> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.	

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	OFICINA: práticas em artes gráficas
Código	
Creditação	2
Modalidade	Optativo
Natureza	Prática
Carga horária total	30
EMENTA	
<p>Conhecimento das técnicas de impressão relacionados às artes gráficas. Práticas analógicas e digitais das artes gráficas. Aspectos históricos, conceituais e técnicos de processos de impressão como a Gravura em Metal, a Xilogravura, a Litografia e a Serigrafia. Manejo de prensas, tipografias e tipos móveis. Uso de elementos gráficos enquanto recurso compositivo. Tratamentos de imagem, no que tange seu formato, resolução e aplicação.</p>	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
<p>CARDOSO, Rafael (org). Impresso no Brasil: destaques da historia gráfica no acervo da biblioteca nacional (1808-1930). Rio de Janeiro: Verso Brasil Editorial, 2009.</p> <p>COSTELA, Antônio. Introdução à gravura e história da xilogravura. Campos do Jordão: Mantiqueira, 1984.</p> <p>CUNHA LIMA, Guilherme. O Gráfico Amador: as origens da moderna tipografia brasileira. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.</p>	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Oficina de canto para a cena
Código	
Creditação	2
Modalidade	Optativo
Natureza	Prática
Carga horária total	30
EMENTA	

Exercícios de técnica e expressão vocal com foco na voz cantada. Tonicidade, equilíbrio, posturas, apoios corpóreos no trabalho vocal do ator e cantos. Projeção, ressonância, modulação, elasticidade, agilidade, ritmo. Adequação da voz ao espaço cênico. Construção de rotinas de estudo e treinamento para o canto. Compreensão e vivência da expressão do corpo em cena na relação entre música, canto, palavra e movimento.

Obs: Componente essencialmente prático que deve perpassar processo/proposição e experimento de propostas de realização, de preferência atrelada a algum Laboratório cênico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

MATOS, C.N., TRAVASSOS, E. & MEDEIROS, F. T.. **Palavra cantada**: Ensaio sobre poesia, música e voz. Rio de Janeiro, Editora 7 Letras, 2008.
LUCAS, Glauro. **Os sons do rosário**: o congado mineiro dos arturos e Jatobá . Vol. 86. Editoria UFMG, 2002.
GUBERFAIN, Jane Celeste (org.). **Voz em cena**. Volume 1. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CINTRA, Fábio. Voz musicalidade na formação do ator. **Sala Preta 7** (2007): 47-50. JACQUES-DALCROZE, Émile. **Ginnastica ritmica estetica e musicale**. Milano: Ulrico Hoepli, 1925.
_____. *La musique et nous*. Genève: P. F. Perret-Gentil, 1945.
GAYOTTO, Lucia Helena. **Voz-Partitura da ação**. São Paulo: Summus, 1997.
LOUZADA P. **As Bases da Educação Vocal**. Rio de Janeiro: Ao Livro Médico, 1983.
OLIVEIRA, Domingos Sávio Ferreirade. *AVozeo Teatro*. In: VALLE, Mônica (Org.). **Voz, diversos enfoques em Fonoaudiologia**. Rio de Janeiro: Revinter, 2002
ROBINSON, R&WINOLD, A. **The Choral Experience**. N. York: Harper&Row, 1976. SHAFER, Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: UNESP, 1992.

IDENTIFICAÇÃO

Componente curricular	Oficina de leitura expressiva e narração oral
Código	
Creditação	2 créditos
Modalidade	Optativo
Natureza	Prática
Carga horária total	30 horas

EMENTA

Introdução às poéticas da voz. Exercícios de leitura expressiva e narração oral. Exercícios de técnica e expressão vocal com foco na voz falada. Tonicidade, equilíbrio, posturas, apoios corpóreos no trabalho vocal do ator e cantos. Projeção, ressonância, modulação, elasticidade, agilidade, ritmo. Adequação da voz ao espaço cênico.

Obs: Componente essencialmente prático que deve perpassar processo/proposição e experimento de propostas de realização, de preferência atrelada a algum Laboratório cênico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

VARGENS, Meran. **A voz articulada pelo coração**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MATOS, C.N., TRAVASSOS, E. & MEDEIROS, F. T.. **Palavra cantada**: ensaios sobre poesia, música e voz. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2008.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, percepção, leitura**. São Paulo: EDUC – Editora da PUC, 2000.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BELO, Sara. **A voz na criação cênica** — Reflexões sobre a vocalidade do actor. In: European Review Of Artistic Studies, 2011, vol.2, n.1, pp. 17- 44. Disponível em: <<http://www.eras.utad.pt/docs/voz%20e%20o%20teatro.pdf>>. Acesso em 4 out. 2017.

DAL FARRA MARTINS, J.B. **Percursos poéticos da voz**. Sala Preta, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/viewFile/57313/60295>>. Acesso em 30 set. 2017.

GANDOLPLO, Marcela. **A incorporação vocal do texto**. São Paulo: Perspectiva.

GAYOTTO, Lucia Helena. **Voz-Partitura da ação**. São Paulo: Summus, 1997.

LOPES, Sara. **Do canto popular e da fala poética**. Sala Preta, 2007.

OIDA, Yoshi, and Lorna MARSHALL. **O ator invisível**. Via Lettera, 2007.

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Oficina de poéticas da oralidade
Código	
Creditação	2 créditos
Modalidade	Optativo
Natureza	Prática
Carga horária total	30h
EMENTA	
Poéticas de criação em torno da oralidade. A experiência dos repentistas, cordelistas, partideiros, sambistas e rappers. A oralidade sob a perspectiva da memória. Performatividade e enunciação: a questão dos atos de fala. Relações entre performance, oralidade e corpo.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
FORTUNA, Marlene. A performance da oralidade teatral . São Paulo: Annablume, 2000. ONG, Walter. Oralidade e cultura escrita . São Paulo: Papyrus, 1998. ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral . São Paulo: Hucitec, 1997.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Trad. de Danilo. Marcondes de Souza Filho. / Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LUCENA, Bruna. "Cante lá que eu canto cá: poéticas populares dentro e fora da moldura" In: Dossiê **Poéticas da oralidade**. Revista Estudos de Literatura -Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 35, p. 17-30, jan.-jun. de 2010. Disponível em: <http://www.gelbc.com.br/pdf_revista/3501.pdf>. Acesso em: 10 de out. de 2017.

VARGENS, Meran. **Escutar, escutar, escutar... um caminho para a construção poética**. Disponível em: <https://enap2010.files.wordpress.com/2010/03/meran_vargens.pdf>. Acesso em: 15 de out. de 2017.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Oficina de técnica e expressão vocal
Código	
Creditação	2 créditos
Modalidade	Optativo
Natureza	Teórico-prática
Carga horária total	30h
EMENTA	
Exploração de recursos corpo-vocais para potencializar criação e expressão vocal em cena. Fisiologia e uso da voz: respiração, dicção, relaxamento. Ação vocal. Dinâmicas da voz no tempo e no espaço.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
GAYOTTO, Lucia Helena. Voz-Partitura da ação . São Paulo: Summus, 1997.	
MARTINS, Janaína Träsel. A integração corpo-voz na arte do ator: a função da voz na cena, a preparação vocal orgânico, o processo de criação vocal. Dissertação de Mestrado, não publicada, Curso de Pós-Graduação em Teatro, Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC/Ceart, 2004.	
DAVINI, Sílvia. Cartografias de la Voz en el Teatro Contemporáneo . El Caso de Buenos Aires a fines del siglo XX. Colección Textos y Lecturas en Ciencias Sociales, Buenos Aires: EdUNQ; 2008.	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	

BELO, Sara. A voz na criação cênica — Reflexões sobre a vocalidade do actor. In: *European Review Of Artistic Studies*, 2011, vol.2, n.1, pp. 17-44.
<http://www.eras.utad.pt/docs/voz%20e%20o%20teatro.pdf>

BERRY, Cicely. **La voz y el actor**. Adaptação de Vicente Fontes. Barcelona: Alba Editorial, 2006.

MARTINS, Janaína Trasel. Os princípios da ressonância vocal na ludicidade dos jogos de corpo-voz para a formação do ator. (2008).

LOPES, Sara. **Diz isso cantando!** A vocalidade poética e o modelo brasileiro. Tese Doutorado Universidade de São Paulo/USP. São Paulo, 1997.

STEIN, Moira. **Corpo e palavra**: caminhos da fala do ator contemporâneo. Porto Alegre/RS: Movimento, 2009.

VARGENS, Meran. **A voz articulada pelo coração**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	OFICINA: práticas em criação sonora
Código	
Creditação	2 créditos
Modalidade	Optativo
Natureza	Prática
Carga horária total	30 horas
EMENTA	
<p>A Oficina busca aproximar estudantes de questões importantes nas práticas de criação com sons presentes na arte contemporânea, em diferentes mídias. Partindo do planejamento participativo, com grande atenção ao tempo disponível, deve cobrir práticas e construção de conhecimento em torno de três ou mais dos seguintes temas: criação com sons em diferentes culturas; canções; música instrumental; improvisação; música experimental; arte sonora; trilha sonora (cinema, dança, teatro, intermídia); ambientação sonora; paisagem sonora; <i>soundwalks</i>; música eletrônica e mista; técnicas da performance com dispositivos, instrumentos e vozes. Espera-se que as práticas possam incluir técnicas de: microfonação de vozes, instrumentos, cenas e ambientes; gravação, edição e mixagem; processamentos (efeitos) e síntese sonora; difusão e espacialização do som (estéreo e multicanal, incluindo cinemas); construção de dispositivos sonoros.</p>	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
<p>CAGE, John. <i>Silence: lectures and writings</i> by John Cage. Middletown: Wesleyan University Press, 1973.</p> <p>OLIVEROS, Pauline. <i>Deep Listening: a composer's sound practice</i>. New York: iUniverse, 2005.</p> <p>SCHAFER, R. Murray. <i>O Ouvido Pensante</i>. São Paulo: UNESP, 1991.</p>	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	

CAGE, John. *Notations*. New York: Something Else Press, 1969.

COOK, Nicholas. Entre o processo e o produto: música e/enquanto performance. In: *Per Musi*, Belo Horizonte, n.14, 2006, pp.05-22. Disponível em:
<http://www.musica.ufmg.br/permusi/port/numeros/14/index.htm>.

DENNIS, Brian. *Experimental Music in Schools: towards a new world of sound*. OUP, 1970.

DENNIS, Brian. *Projects in sound*. London: Universal Edition, 1975.

MONTUORI, Alfonso. The complexity of improvisation and the improvisation of complexity: social science, art and creativity. In: *Human Relations*. v.56, n.2, pp.237-255. London: SAGE, 2003.

OLIVEROS, Pauline. Quantum Improvisation: The Cybernetic Presence. In: MILLER, Paul D. (Ed.). *Sound unbound: sampling digital music and culture*. Cambridge: MIT Press, 2008.

PAYNTER, John. *Sound and Structure*. Cambridge: University Press, 1992.

SELF, George. *Nuevos sonidos en clase*. Buenos Aires, Ricordi, s.d. [1a edição London: Universal Edition, 1967.]

SWANWICK, Keith. *Ensinando música musicalmente*. São Paulo: Moderna, 2003.

IDENTIFICAÇÃO	
Componente Curricular	OFICINA: práticas em fotografia e vídeo
Código	
Creditação	2
Modalidade	
Natureza	
Carga horária total	30
EMENTA	
Linguagem audiovisual/cinematográfica. Experimentação com elementos visuais e sonoros, montagem e plano. Novas configurações da produção audiovisual: trabalho individual ou pequenas equipes. Exercícios com câmera. Linguagem aplicada à realização de produtos audiovisuais.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
TETÉ, Martinho e FARKAS, Solange. <i>VideoBrasil: três décadas de vídeo, arte, encontros e transformações</i> . São Paulo: SESC, 2015. ISBN 8579951801	
MASSO Jordi e DELTELL, Luis. <i>Videoarte</i> . Kobo Editions, 2016. ISBN 9788416254026	
WATTS, Harris. <i>Direção de câmera: um manual de técnicas de vídeo e cinema</i> . Summus, 1999. ISBN: 8532306845	
BORDWELL, David. <i>Figuras traçadas na luz: a encenação do cinema</i> . Papirus, 2009. ISBN: 8530808770	

ROUILLÉ, André. *A fotografia: entre documento e arte contemporânea*. São Paulo; Ed. Senac, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MURCH, Walter. *Num piscar de olhos: a edição de filmes sob a ótica de um mestre*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004 ISBN: 9788571107823

WATTS, Harris. *On Camera: O curso de produção de filmes e vídeos da BBC*. Editora Summus: 1990. ISBN: 9788532303141

ARMES, Roy. *On Video: O Significado do Vídeo nos Meios de Comunicação*. Editora Summus: 1999. ISBN: 9788532305817

IDENTIFICAÇÃO

Componente curricular	Práticas do desenho
Código	
Creditação	4 créditos
Modalidade	Optativo
Natureza	Teórico-prática
Carga horária total	60h

EMENTA

O desenho como instrumento para ver e entender o mundo. Observação das coisas, dos corpos, dos espaços. Entendimento das formas e das estruturas pela observação atenta assistida pelo desenho. O desenho como instrumento para investigar e projetar o mundo. Organização e projeto dos objetos e dos espaços pelo desenho. O desenho, como veículo construtor de ideias visuais. O desenho como pensamento.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. São Paulo; Cengage do Brasil, 2016.

PHILP, Beverly; PIYASENA, Sam. *Desenhe!* Trad. Fatima Finizola. São Paulo: Gustavo Gili Brasil, 2015.

COSTA, Diego R. *Desenho como forma de pensamento*. UDESC-PPGAV, 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/15075226/Desenho_como_forma_de_pensamento

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

TIBURI, Márcia; CHUI, Fernando. *Diálogo / desenho*. São Paulo ; Senac SP, 2010.

BAMONTE, Joedy B.M.L. *O lugar do desenho no século XXI: dimensões e conceitos*. WCCA-2012 Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/134940/ISSN2317-1707-2012-05-01-156-160.pdf?sequence=1>

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Projeto e produção
Código	
Creditação	2 créditos
Modalidade	Optativo
Natureza	Teórico-prática
Carga horária total	30 horas
EMENTA	
Articulação entre projeto artístico e produção. Planejamento e execução. Criação e conceituação.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
<p>FREIRE, Paulo: <i>Ação cultural para liberdade e outros escritos</i>. 12ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.</p> <p>MELEIRO, Alessandra. <i>Cinema e Mercado — Indústria Cinematográfica e Audiovisual Brasileira</i> Vol. III. Escrituras, 2010. ISBN: 8575313576</p> <p>OLIVERI, Cristiane; NATALE, Edson. <i>Guia de Produção Cultural</i>. São Paulo: Sesc-SP, 2016.</p> <p>TEIXEIRA COELHO, José. <i>Dicionário crítico de política cultural</i>. São Paulo: Iluminuras, 2004.</p>	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
<p>AVELAR, Romulo. <i>O avesso da cena: notas sobre produção e gestão cultural</i>. Belo Horizonte: Duo Editorial, 2008.</p> <p>CALABRE, Lia. <i>Políticas Culturais no Brasil: dos anos 1930 ao século XXI</i>. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.</p> <p>LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. <i>A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista</i>. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.</p> <p>OLIVEIRA, Lúcia Lippi. <i>Cultura e patrimônio: um guia</i>. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.</p> <p>ORTIZ, Renato Ortiz. <i>A moderna tradição brasileira: cultura Brasileira e identidade nacional</i>. São Paulo: Brasiliense, 2009.</p>	

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Publicação e distribuição
Código	
Creditação	4
Modalidade	Optativo
Natureza	Teórico-prática

Carga horária total	30
EMENTA	
<p>Processos de publicação e distribuição dos produtos das artes do som, da imagem e da imagem em movimento. Recursos analógicos e digitais. Circuitos e serviços de distribuição da arte, das galerias à internet. Circuitos alternativos de distribuição da imagem, da imagem em movimento e do som.</p>	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
<p>BEIGUELMAN, Giselle; MAGALHÃES, Ana Gonçalves. <i>Futuros possíveis: arte, museus e arquivos digitais</i>. São Paulo: Peirópolis: Edusp, 2014.</p> <p>BRANCO, Sérgio; BRITTO, Walter. <i>O que é Creative Commons? Novos modelos de direito autoral em um mundo mais criativo</i>. Rio de Janeiro; Editora FGV, 2013. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/11461/O%20que%20%C3%A9%20Creative%20Commons.pdf</p> <p>LÉVY, Pierre. <i>Cibercultura</i>. São Paulo: Ed. 34, 1999.</p> <p>SANTAELLA, Lucia. A condição inter e transdisciplinar da arte na cultura contemporânea. <i>Art research journal / Brasil</i>. V. 4, n. 1 p. 48-56 jan. / jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/12048/8699>.</p> <p>LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998.</p>	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
<p>CAUQUELIN, Anne. <i>Arte contemporânea: uma introdução</i>. São Paulo: Martins Fontes, 2005.</p>	

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Roteiro e narrativas em imagem, som e hipermídia (LAB)
Código	
Creditação	4
Modalidade	Optativo
Natureza	Teórico-prática
Carga horária total	60h
EMENTA	
<p>Análise de roteiros: o conteúdo, as imagens, as palavras, os efeitos e elementos sonoros, o silêncio, a música, os planos, as personagens. Construção de roteiros no trabalho com o som, a imagem, a imagem em movimento e em ambientes hipermídia.</p>	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	

GAUDREAULT, André; JOST, François. **A narrativa cinematográfica**. Trad. Adalberto Müller *et al.* Brasília: EdUNB, 2009. ISBN: 9788523012403

PARAIZO, Lucas. **Palavras de roteirista**. São Paulo: SENAC/SP, 2015. ISBN: 8539608944

RODRIGUEZ, Angel. **A dimensão sonora da linguagem audiovisual**. Trad. Rosângela Dantas. São Paulo: SENAC/SP, 2006. ISBN: 9788573595000

GUIMARAES, Roberto Lyrio Duarte. **Primeiro Traço: Manual Descomplicado de Roteiro**. SALVADOR: EDUFBA, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MAIA, Guilherme; SERAFIM, José Francisco (org.). **Ouvir o documentário: vozes, música, ruídos**. Salvador: EdUFBA, 2015. ISBN: 9788523214197

PARO, Iana Cossoy. **Escrever o som: busca pelo espaço do sonoro em roteiros audiovisuais**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27161/tde-07032017-134454/pt-br.php>>. Último acesso em 04/09/2017.

PARENT-ALTIER, Dominique. **O argumento cinematográfico**. 3. ed. Trad. Pedro Eloi Duarte. Lisboa: Texto & Grafia, 2014. ISBN: 978-9898285911

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2013. ISBN: 9788520505991

SARAIVA, Leandro; CANNITO, Newton. **Manual de roteiro: ou manual, o primo pobre dos manuais de cinema e TV**. São Paulo: Conrad, 2004. ISBN: 8576160544

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Sons e materialidades
Código	
Creditação	4 créditos
Modalidade	Optativo
Natureza	Teórico-prático
Carga horária total	30
EMENTA	

O curso cobre os tópicos abaixo, em ordem de prioridade (não-cronológica), e acontece preferencialmente no ambiente do FabLab. Dispositivos analógicos de produção sonora, eletrônicos e mecânicos: luteria. Hardware hacking e eletrônica básica. Transdução e eletricidade: captação, amplificação, gravação e difusão. Digitalização e materialidades: softwares, processamento digital, síntese sonora e emulação de dispositivos analógicos. Modos de vibração nos sólidos, gases e líquidos, orgânicos e inorgânicos: experimentos práticos; modelos físicos e matemáticos (não-lineares). Som: características e parâmetros, medições, (re)conhecimento pela escuta e memória (complexidade). Gambiarra na arte contemporânea brasileira (Gambiarrologia). O uso da sonificação de dados na pesquisa científica. Explora diferentes relações entre som e matéria, chegando à construção de dispositivos sonoros (constituem acervo para as Equipes de Aprendizagem Ativa), produtos concretos de processos criativos nessa interface. Entrelaça teoria e prática de maneira coerente e efetiva na construção e uso dos dispositivos, do ponto de vista do ensino-aprendizagem acerca do som e suas materialidades. As atividades constituem oportunidade de configurar projetos e de interagir com a educação básica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CAESAR, Rodolfo. *O enigma de lupe*. Rio de Janeiro: Zazie, 2016. Disponível em: <<http://www.zazie.com.br/pequena-biblioteca-de-ensaios>>.

COLLINS, Nicolas. *Handmade Electronic Music: the art of hardware hacking*. London: Routledge, 2006.

SCARASSATTI, Marco Antônio Farias. *Walter Smetak, o alquimista dos sons*. São Paulo: Perspectiva/SESC-SP, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AVILLA, Wilson Roberto. O que é sonificação? In: *Anais do SEFIM, v.2, n.2 (2016)*. pp.209-212. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/sefim/ojs/index.php/sm/article/view/330/286>>.

FENERICH, Alexandre e OBICI, Giuliano. Jardim das Gambiarras Chinesas: uma prática de montagem musical e bricolagem tecnológica. In: *Revista do Encontro Internacional de Música e Arte Sonora, v.2, n.1 (2011)*. Disponível em: <http://www.ufrj.br/anais_eimas/files/2012/02/Jardim-das-Gambiarras-Chinesas-uma-prática-de-montagem-musical-e-bricolagem-tecnológica-Alexandre-Fenerich-Giuliano-Obici.pdf>.

GHAZALA, Reed. *Circuit-Bending: build your own alien instruments*. Indianapolis: Wiley Publishing, 2005.

OBICI, Giuliano. *Gambiarra e experimentalismo sonoro*. Tese (Doutorado em Artes). São Paulo: ECA/USP, 2014. Orientador: Fernando Iazzetta.

NUÑEZ, Adolfo. *Informatica y electronica musical*. Madrid: Editorial Paraninfo, 1993.

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Técnicas de animação
Código	
Creditação	4
Modalidade	Optativo
Natureza	Teórico-prática
Carga horária total	60

EMENTA
História da animação, sua linguagem, técnica e processo evolutivo até a contemporaneidade. Introdução aos diversos processos de animação (desenho, stop motion, recorte, areia, massa, pixilation, animação digital etc.). Técnicas para a síntese de movimento através dos princípios da animação. Noções de dramaturgia para prática de elaboração de roteiros. Roteiro visual (storyboard e animatics).
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
DENIS, Sébastien. O cinema de animação . Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2010.
LUCENA JR., Alberto. Arte da animação: técnica e estética através da história . Senac: São Paulo, 2002.
WILLIAMS, Richard. Manual de animação . Senac, 2016.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
MANNONI, Laurent. A grande arte da luz e da sombra – arqueologia do cinema . São Paulo: Senac, 2003.
WELLS, Paul. Desenho para animação . Bookman, 2012.

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Tecnologias do som e da imagem aplicadas à cenografia, instalações e ambientações
Código	
Creditação	4 créditos
Modalidade	Optativo
Natureza	Teórico-prática
Carga horária total	60 horas
EMENTA	
Teoria e prática da criação sonora para a cena. Teoria e prática da cenografia com o uso de imagens digitais. A cenografia virtual nas artes cênicas. Projeto de cenografia com o uso de imagens digitais para a cena. Projeto de som e imagem para instalação e ambientação. Criação e produção cenográfica. Criação e produção sonora para ambientação e instalação.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	

- ALTON, John. **Painting with light**. California: University of California Press, 1995.
- HOWARD, Pamela. **O que é cenografia**. Trad. Carlos Szlak. São Paulo: Edições SESC, 2015.
- MANNONI, Laurent. **A grande arte da luz e da sombra**. Trad. Assef Kfour. São Paulo: Unesp, 2003.
- PALMER, Richard H. **The lighting art: the aesthetics of stage lighting design**. 2. ed. New Jersey: Prentice Hall, 1998.
- ZAZA, T. **Audio Design**. Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1991.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ANCHIETA, José de. **Cenograficamente: da cenografia ao figurino**. São Paulo: Edições SESC, 2015.
- ARNHEIM, Rudolf. **Visual thinking**. Los Angeles: University of California Press, 1997.
- ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual: uma psicologia da percepção criadora**. 8. Ed. Trad. Ivonne Terezinha de Faria. São Paulo: Pioneira Editora, 1994.
- AZEVEDO, Wilton. **O que é design**. São Paulo. Editora Brasiliense, 2001.
- BELASCO, David. Foreword. In: HARTMANN, Louis. **Theatre lighting: a manual of the stage switchboard**. New York: DBS Publications, Inc. Reprinted, 1970, p. V.
- CARVER, Gavin; WHITE, Christine. **Computer visualization for the theatre**. 3D Modelling for Designers. Burlington: Focal Press, 2003.
- CHION, Michel. **La audiovisión**. Introducción a un análisis conjunto de la imagen e el sonido. 2. ed. Barcelona: Paidós, 1998. 206 p.
- DENIS, Rafael Cardoso. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Edgar Blücher, 2000.
- DENNIS, Brian. **Projects in sound**. London: Universal Edition, 1975.
- DONDIS, A. Donis. **Sintaxe da linguagem visual**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GILLETTE, J. Michael. **Designing with light - An introduction to stage lighting**. New York: McGraw-Hill, 2003.
- MOURA, Edgar Pinheiro de. **50 anos: luz, câmera e ação**. São Paulo: Editora Senac, 1999.
- NISBETT, A. **The sound studio**. London, Focal Press, 1995.
- NOVAES, Adauto. (Org). **Muito além do espetáculo**. São Paulo: Senac, 2005.
- SERRONI, J.C. **Cenografia brasileira: notas de um cenógrafo**. São Paulo: Edições SESC, 2013.
- SONNENSCHNEIN, David. **Sound design**. The expressive power of music, voice, and sound effects in cinema. California, Michael Wiese Productions, 2001.

IDENTIFICAÇÃO

Componente curricular	Tipografia
-----------------------	------------

Código	
Creditação	4
Modalidade	
Natureza	Prática
Carga horária total	30
EMENTA	
A história dos tipos. Desenho de tipos e letras. Softwares para desenho de tipos. Técnicas de desenho de letras. A tipografia e a letra enquanto recurso expressivo e compositivo. A palavra e a imagem em processos de criação artísticos e gráficos. A linguagem visual da tipografia.	
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	
<p>CARA, Milene; et. al. <i>Tipografia vernacular urbana</i>. São Paulo: Editora Edgard Blucher, 2010.</p> <p>FLUSSER, Vilém. <i>A escrita: há futuro para a escrita?</i> São Paulo: Annablume, 2011.</p> <p>KANE, John. <i>Manual dos tipos</i>. São Paulo: Gustavo Gili Brasil, 2012.</p> <p>LUPTON, Ellen; MILLER, J. Abbott (orgs.). <i>ABC da Bauhaus: a Bauhaus e a teoria do design</i>. São Paulo: Cosac Naify, 2008.</p> <p>CAETANO, Mariana Eller. <i>A escrita icônica: design gráfico, poesia visual e seus entrelaçamentos</i>. 2008. 120 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/87000>.</p>	
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	
<p>DUPLAN, Pierre. <i>A linguagem da tipografia</i>. São Paulo; editora Rosari, 2013.</p> <p>FARIAS, Priscila, L. <i>Tipografia digital</i>. Rio de Janeiro; 2AB editora, 2013.</p> <p>LUPTON, Ellen; PHILLIPS, Jennifer Cole. <i>Novos fundamentos do design</i>. São Paulo: Cosac Naify, 2008.</p>	

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Trilha sonora e desenho de som
Código	
Creditação	4 créditos
Modalidade	
Natureza	Prática
Carga horária total	60 horas
EMENTA	

Estudos das diferentes possibilidades de diálogo entre sons e imagens. O som enquanto imagem e a imagem enquanto som. Análise e criação de roteiros sonoros para obras audiovisuais e cênicas (teatro, dança, circo, performances).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CHION, Michel. *Audióvisão*. Lisboa: Ed. Texto e grafia, 2016.

MENDES, Gilberto. *Música: cinema do som*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

TRAGTEMBERG, Livio. *Música de cena: Dramaturgia sonora*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BERCHMANS, Tony. *A música do filme*. São Paulo: Escrituras, 2016.

CHION, Michel. *Músicas, Média e Tecnologia*. Lisboa: Instituto Piaget, 2015.

EISENSTEIN, Sergei. *O sentido do filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

_____. *A forma do filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

ESSLIN, Martin. *Uma Anatomia do Drama*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

IAZZETTA, Fernando. *Música e mediação tecnológica*. São Paulo: Perspectiva, 2009, 232p.

KARLIN, Fred e WRIGHT, Rayburn. *On the track*. New York: Schirmer Books, 1990.

MÁXIMO, João. *A música do cinema*. São Paulo: Rocco, vol. 1. 2004.

_____. *A música do cinema*. São Paulo: Rocco, vol. 2. 2004.

SCHAFER, R. Murray. *A afinação do mundo*. São Paulo: UNESP, 2001.

ZUBEN, Paulo. *Música e tecnologia: o som e seus novos instrumentos*. São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Videodança e vídeo-performance
Código	
Creditação	4 créditos
Modalidade	Optativo
Natureza	Teórico-prática
Carga horária total	60 horas
EMENTA	

História e conceito do videodança. Os principais festivais e mostras de videodança. Introdução à prática da criação em videodança. *A Live video performance art* e seus expoentes.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CALDAS, Paulo, BRUM, Leonel (orgs.). **Entre imagem e movimento**. Rio de Janeiro: Oi Futuro, 2008. (Dança em foco, vol. 3).

CALDAS, Paulo, BRUM, Leonel (orgs.). **Videodança**. Rio de Janeiro: Oi Futuro, 2007. (Dança em foco, vol. 2).

DODDS, Sherril. **Dance on screen: genres and media from Hollywood to experimental art**. Nova York: Palgrave MacMillan, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MACHADO, Arlindo (org.). **Made in Brasil: três décadas do vídeo brasileiro**. Curador Arlindo Machado; Texto Walter Zanini, Fernando Cocchiarale, Cacilda Teixeira da Costa et al.. São Paulo: Itaú Cultural, 2003. 275 p., il. p&b.

MACHADO, Arlindo. **A arte do vídeo**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MIRANDA, Regina. Dança e tecnologia. In: PEREIRA, Roberto; SOTER, Silvia. **Lições de dança 2**. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2000.

MITOMA, Judy (org.). **Envisioning dance on filme and video**. Londres: Routledge, 2002.

SCHULZE, Guilherme. Coreografando videodança: o contemdança 2 como laboratório de criação. Anais do 2º. Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança – ANDA, 2012. Disponível em: <<http://www.portalanda.org.br/anaisarquivos/3-2012-13.pdf>>. Acesso em 15 out. 2017.

SPANGHERO, Maíra. **A dança dos encéfalos acesos**. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.

SZPERLING, Silvina. Videodança na América Latina: um testemunho. In: GREINER, Christine; SANTO, Cristiana Espírito; SOBRAL, Sonia. (Orgs.). **Cartografia Rumos Itaú Cultural Dança: imagens e movimentos**. São Paulo: Itaú Cultural, 2010.

IDENTIFICAÇÃO	
Componente curricular	Vídeo musical
Código	
Creditação	4 créditos
Modalidade	
Natureza	Teórico-prática
Carga horária total	60h
EMENTA	
As influências precursoras do videoclipe do cinema de atrações à videoarte. A questão das apropriações artísticas e da intertextualidade. A construção imagética dos artistas musicais. Os tipos de performance no videoclipe. Marcas artístico-expressivas e autorais. Principais realizadoras/es no formato. As formas expandidas de videoclipes na internet.	

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARMES, Roy. *On video: o significado do vídeo nos meios de comunicação*. Tradução: George Schlesinger. São Paulo: Summus Editorial, 1999, 267 p.

BARRETO, Rodrigo. *Parceiros no clipe: a atuação e os estilos autorais de diretores e artistas musicais no campo do videoclipe a partir das colaborações Mondino/Madonna e Gondry/Björk*. Salvador, 2009. 230 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas). Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

DUBOIS, Philippe. *Cinema, vídeo, Godard*. São Paulo: Cosac Naify, 2013, 326 p.

MACHADO, Arlindo. Reinvenção do videoclipe. In: *A televisão levada a sério*. São Paulo: Editora SENAC, 2001. p. 173-196.

_____. *Made in Brasil: três décadas do vídeo brasileiro*. São Paulo: Iluminuras, 2007, 448 p.

_____. *Pré-cinemas & pós-cinemas*. Campinas: Papirus Editora, 2011, 272 p.

SOARES, Thiago. *A estética do videoclipe*. João Pessoa: Editora UFPB, 2014.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FRIEDLANDER, Paul. Os anos 80: A revolução pela TV. In: _____. *Rock and Roll: Uma história social*. Tradução: A. Costa. Rio de Janeiro: Record, 2002. 366-387 p.

FRITH, Simon; GOODWIN, Andrew; GROSSBERG, Lawrence (Org.). *Sound and Vision: the music video reader*. New York: Routledge, 1993.

GOODWIN, Andrew. *Dancing in the distraction factory*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1992.

HANSON, Matt. *Reinventing Music Video: Next-generation directors, their inspiration and work*. Oxford: Focal Press, 2006, p. 176.

REICHERT, Lilian. Videoclipe, corporificação e narratividade: um olhar sobre Pagan Poetry, de Björk In: SAMPAIO, A.; REICHERT, L.; SILVA, S. (Org.) *Temas em Comunicação e Cultura Contemporâneas*. Salvador: Edufba/Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, 2004. p. 121-134.

SHUKER, Roy. *Vocabulário de Música Pop*. Tradução: Carlos Szlak. São Paulo: Hedra, 1999. 328 p.

SOARES, Thiago. *Videoclipe: o elogio da desarmonia*. Recife: Ed. do Autor, 2004.

VERNALLIS, Carol. *Experiencing music video: aesthetics and cultural context*. New York: Columbia University Press, 2004.

22. REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor, HORKHEIMER, Max: “A indústria cultural — o Iluminismo como mistificação das massas” in *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CAMPESATO, Lílian; IAZZETTA, Fernando. Som, espaço e tempo na arte sonora. XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM) Brasília – 2006.

COSTA, Rogério. Do tecnocosmos à tecno-arte. In: DOMINGUES, Diana. *A arte no séc. XXI*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

GRUZINSKY, Serge: A guerra das palavras. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MACHADO, Arlindo. Arte e Mídia: aproximações e distinções. *Galáxia*, n. 4, 2002.

MARTIN-BARBERO, Jesus: Dos meios às mediações. Rio de Janeiro: Edufrj, 2002.

SANTOS, Milton: A natureza do espaço: técnica e tempo, Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

VARGAS, Heron: Hibridismos musicais de Chico Science e Nação Zumbi. Cotia: Ateliê, 2007.

23. ANEXOS

Seguem, em anexo, os seguintes documentos:

1. Lista de equipamentos e equipamentos de tecnologia;
2. Ato Autorizativo ou Ato de Criação do Curso.

Equipamento	Especificação	Quant
IMAGEM (VÍDEO E FOTOGRAFIA)		
CÂMERAS FOTOGRÁFICAS HDSLR	VISOR DE ÂNGULO VARIÁVEL / FOCO CONTÍNUO / ENTRADA DE ÁUDIO P2	12
LENTE 24/70	ESTABILIZADA / ABERTURA DO DIAFRAGMA 2.8	3
LENTE TELESCÓPICA	70/200 MM / F/4 / COM ESTABILIZAÇÃO	1
LENTE MACRO	60MM / F/2.8 / COM ESTABILIZAÇÃO	1
CARTÕES MEMÓRIA	SD CLASSE 10 32 GIGA	3
CÂMERAS HDSLR PROCESSADOR DIGIC 5 OU DIGIC 6	VISOR DE ÂNGULO VARIÁVEL / FOCO CONTÍNUO / ENTRADA DE ÁUDIO P2	3
TRIPÉS PARA CÂMERA	CABEÇA HIDRÁULICA / SUPORTA ATÉ 5 KILOS	15
VARAS DE BOOM (VARA DIRECIONAL)	TIPO SHOCK MOUNT	3
MATTE BOX PARA HDSLR	COM CAMERA GAIOLA / ALUMINIO	3
LÂMPADAS PARA SOFTBOX	135 WATTS / COR 5500 / SOCKET E27	20
BATERIA NP-F960	NP-F960	1
PAINÉIS LED PARA CÂMERA HDSLR	TEMPERATURA DE 3200 A 5600 K / POTENCIA 15 WATTS / FLUXO LUMINOS	3
KITS DE ILUMINAÇÃO SOFTBOX	2 SUPORTES PARA 5 LÂMPADAS / COM 2 TRIPÉS / 2 DIFUSORES	2
ESTABILIZADOR DE IMAGEM STEADY CAM	PLATAFORMA PARA CONTRAPESO / GIMBAL COM 3 EIXOS / SUPORTE PAR	1
UNIDADE DISCO	TIPO RÍGIDO, CAPACIDADE 2 GB, VELOCIDADE 7.200, CARACTERÍSTICAS	6
IMAGEM (ARTES GRÁFICAS E VISUAIS)		
IMPRESSORA 3D	TECNOLOGIA DE IMPRESSÃO: MODELAGEM POR DEPOSIÇÃO DE MATERI	1
MESA DE LUZ PARA DESENHO	MESA DE LUZ CRIATIVO A3 - LED COM AJUSTE DE ILUMINAÇÃO	6
MESAS DIGITALIZADORAS (PEN TABLET)	AREA ATIVA 216 x 135 MM / NÍVEL DE IMPRESSÃO 1024, RESOLUÇÃO 100 L	6
LUZ (ARTES DO CORPO)		
PROJETOR	WXGA 1280 X 800, HDMI, 3000 LUMENS	2
MESA DE LUZ	SMARTFADE 4896 ML COM CARTÃO DE MEMÓRIA - SFMEM SD RAM - 220 V	1

REFLETORES	SLIM LED PAR 64 RGBW 54 LEDS DE 3W DMX DIGITAL 220 V	6
REFLETORES	PC 8" SGM 1KW - 220 V	6
REFLETORES	FRESNEL SGM 1KW - 220 V	6
REFLETORES ELIPSOIDAL	SOURCE FOUR 25/50 GRAUS 1KW - 220 V	6
REFLETORES ELIPSOIDAL	SOURCE FOUR 50 GRAUS 1KW - 220 V	6
MÓDULO DIMMER,	TIPO DIGITAL, PADRÃO 12 CANAIS / 4.000, TIPO ENTRADA ANALÓGICA DMX	2
ARTE E PRODUÇÃO SONORA		
MESA DE SOM 24 CANAIS	MIXER ANALÓGICO DE ALTO HEADROOM / 16 PRÉ AMPLIFICADORES DE M	1
MIXER AMPLIFICADO DE 12 CANAIS	800 WATTS DE POTÊNCIA (400W + 400W), 8 CANAIS (MIC/LINE) + 2 CANAIS	1
MICROFONE CONDENSADOR	CONECTORES DE SAÍDA XLR 3 PINOS / PHANTON POWER 48V / RESPOSTA	1
TECLADO CONTROLADOR MIDI	61 TECLAS / INTERFACE MIDI / ALIMENTAÇÃO UFSB E DC 9V / 8 PADS END	1
CAIXA SOM ACÚSTICA ATIVA BI AMPLIFICADAS COM PEDESTAL	CAIXA ACÚSTICA BI-AMPLIFICADA 2 VIAS. 400 WATTS DE POTÊNCIA TOTAL	2
CAIXA SOM ACÚSTICA PASSIVA	ESPECIFICAÇÕES: ALTI-FALANTES DE CONFIGURAÇÃO, POTÊNCIA DE 20	2
INTERFACE DE ÁUDIO USB 2.0 10 X 10	24-BIT-192KHZ, OITO PRÉS DE MICROFONE PREMIUM. FUNÇÃO AUTO-SEN	1
AMPLIFICADOR DE GUITARRA	ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS: 100 WATTS DE POTÊNCIA / 2 FALANTES DE	1
AMPLIFICADOR DE BAIXO	GABINETE COM: 300 WATTS / FALANTE 15" (BXL3000), 180 WATTS / FALANT	1
MICROFONES	DINÂMICO UNIDIRECIONAL COM RESPOSTA DE FREQUÊNCIA 50HZ A 15 K	6
CABOS XLR PARA MICROFONE UNIDIRECIONAL	BITOLA DE 2 X 0,20MM² (SC20) / CONDUTOR: 0,20 MM² COBERTURA: PVC F	6
PEDESTAIS PARA MICROFONE	TIPO GIRafa / BASE ARTICULADA / ALTURA MÁXIMA 2 METROS / ALTURA	6
HEADPHONES	1000 MW DE POTÊNCIA / 32 OHM / MINI-PLUG ESTÉREO DE 3,5 MM / SENS	6
PAR DE MONITORES DE ESTÚDIO NEARFIELD (DE PRÓXIMIDADE)	2 VIAS, BI-AMPLIFICADO COM WOOFER CÔNICO DE 8" E TWEETER DE 1" / 2	2
GRAVADOR DIGITAL PORTÁTIL	MICROFONES STEREO CONDENSADORES X/Y / SUPORTE PARA CARTÕES	1
SOFTWARES		
SUITES ADOBE DE CRIAÇÃO COM SOFTWARES PROFISSIONAIS PARA MACINTOSH	SOFTWARES DE EDITORAÇÃO ELETRÔNICA (INDESIGN), EDIÇÃO DE VÍDEO	6

SUITES ADOBE DE CRIAÇÃO COM SOFTWARES PROFISSIONAIS PARA PC	SOFTWARES PROFISSIONAIS PARA PC DE EDITORAÇÃO ELETRÔNICA (INTELLIGENT TYPE, PHOTOSHOP, ILLUSTRATOR, ADOBE ACROBAT, ADOBE AUDITION, ADOBE AFTER EFFECTS, ADOBE ANIMATE, ADOBE FLASH, ADOBE PREMIER PRO, ADOBE SCOUT2, ADOBE XD)	13
SUITES PRO APPS BUNDLE FOR EDUCATION (APPLE)	COM OS SOFTWARES: FINAL CUT PRO X, LOGIC PRO X, MOTION 5, COMPOSER 3	6
LICENÇA SOFTWARE FINALE	SOFTWARE PARA NOTAÇÃO MUSICAL	1
INSTRUMENTOS MUSICAIS		
INSTRUMENTO MUSICAL - PERCURSÃO, ZABUMBA DE MADEIRA	VERNIZ 16	2
INSTRUMENTO MUSICAL - FLAUTA DOCE BAIXO BARROCA	CLASSIFICAÇÃO-NAIPE BAIXO, TOM (KEY) FÁ (F), MATERIAL RESINA ABS, 16	1
INSTRUMENTO MUSICAL - FLAUTA DOCE CONTRALTO (ALTO) BARROCA	CLASSIFICAÇÃO-NAIPE CONTRALTO (ALTO), TOM (KEY) FÁ (F), MATERIAL RESINA ABS, 16	1
INSTRUMENTO MUSICAL - FLAUTA DOCE SOPRANINO BARROCA	CLASSIFICAÇÃO-NAIPE SOPRANINO, TOM (KEY) FÁ (F), MATERIAL RESINA ABS, 16	1
INSTRUMENTO MUSICAL - FLAUTA DOCE SOPRANO BARROCA	CLASSIFICAÇÃO-NAIPE SOPRANO, TOM (KEY) DÓ (C), MATERIAL RESINA ABS, 16	1
INSTRUMENTO MUSICAL - FLAUTA DOCE TENOR BARROCA	CLASSIFICAÇÃO-NAIPE TENOR, TOM (KEY) DÓ (C), MATERIAL RESINA ABS, 16	1
INSTRUMENTO MUSICAL - PERCURSÃO - TAMBORIM	6 ARO EM MADEIRA E PELE LEITOSA	3
INSTRUMENTO MUSICAL - PERCURSÃO - TRIÂNGULO	20CM CROMADO	2
INSTRUMENTO MUSICAL - PERCURSÃO, SURDO EM ALUMÍNIO	18 X 50, MEMBRANOFONE. TAMBOR COM FUSTE CILÍNDRICO E CORPO DE MADEIRA	2
INSTRUMENTO MUSICAL - PERCURSÃO, ATABAQUE LÊ	AFINAÇÃO COM PARAFUSO CASCO EM MADEIRA DE LEI.	1
INSTRUMENTO MUSICAL - PERCURSÃO, ATABAQUE RUM	AFINAÇÃO COM PARAFUSO CASCO EM MADEIRA DE LEI.	1
INSTRUMENTO MUSICAL - PERCURSÃO, ATABAQUE RUMPI	AFINAÇÃO COM PARAFUSO CASCO EM MADEIRA DE LEI.	1
INSTRUMENTO MUSICAL - PERCURSÃO, DJEMBE	CONSTRUÍDO EM FIBRA DE VIDRO, COR: VERMELHO DEGRADÊ, PELE 12"	1
INSTRUMENTO MUSICAL - PERCURSÃO, PANDEIRO	CORPO DE MADEIRA ENCERADO, INSTRUMENTO MUSICAL, PELE NYLON, 12"	3
INSTRUMENTO MUSICAL - PERCURSÃO, TIMBA	11 x 50CM, EM MADEIRA PINTADA, COR CEREJA, AFINAÇÃO COM TARRAXAS	1
INSTRUMENTO MUSICAL - PERCURSÃO, TIPO CHOCALHO	MATERIAL ALUMÍNIO CROMADO, CARACTERÍSTICAS ADICIONAIS DUPLO F3	3
KIT DE BATERIA PROFISSIONAL	CARACTERÍSTICAS: 6 PLY (5,4 MM) 100% MAPLE SHELLS ACABAMENTOS EM MADEIRA	1